

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário

12 de Setembro de 1991

Preço: 100\$00

Nº 925

Director:

António Dias Lourenço

As imagens
da XV Festa
que a RTP
e a Imprensa
ocultaram

A FESTA

as

/

NOTÍCIAS

e as

FOTOS



... e agora a campanha!

EDITORIAL

É possível derrotar a direita

Festa, alegria, confraternização, convívio, desporto - o lúdico nas manifestações mais genuínas; o debate, a arte, o espectáculo de qualidade, a solidariedade internacionalista, a informação - o político-cultural nas expressões mais diversificadas, eis o que aconteceu no último fim-de-semana numa impressionante moldura de massas na Quinta da Atalaia.

A Festa do «Avante!» de 1991, numa linha aperfeiçoada das suas melhores tradições e nas coordenadas políticas do momento que vivemos, confirmou-se mais uma vez e de facto nesta 15ª edição como grande espaço aberto e maior iniciativa popular de massas no seu género em Portugal.

Verdadeiro ponto de encontro de portugueses de todas as regiões do País, de todos os estratos sociais, de diversas correntes de opinião, de variados escalões etários com significativo destaque das camadas jovens, a Festa do «Avante!» constituiu uma grandiosa afirmação democrática e nacional de Portugal de Abril; pela presença de qualificados representantes de organizações internacionais e numerosos visitantes estrangeiros constituiu por seu lado um interessante «fórum» e um ponto de convivência de carácter internacionalista.

Indubitavelmente, pela sua força excepcional, pelo seu significado mais profundo, pela gama qualificada e multifacetada das suas manifestações a Festa do «Avante!» configurou nas vésperas de uma decisiva batalha eleitoral um importante êxito do PCP, uma grande realização dos comunistas portugueses num momento passo da vida política nacional e da situação no mundo. A extraordinária força política do Comício da Festa é, neste aspecto, um dado de excepcional valor.

No capítulo mais directo da situação portuguesa actual e no quadro de preparação das eleições legislativas de 6 de Outubro em que se jogam factores de grande importância para os destinos imediatos do regime democrático em Portugal, é útil tirar da magnífica jornada da Atalaia algumas elementares e necessárias conclusões políticas.

No auge de uma descomunal campanha anticomunista visando anular o papel insubstituível do PCP como força essencial da democracia portuguesa, a Festa do «Avante!» como arranque para a campanha eleitoral, com início oficial no dia 14, vale como um verdadeiro teste político.

Não é de somenos importância a verificação deste facto. Para os detractores e inimigos do PCP é o «vale tudo», da mentira à deformação e à calúnia na tentativa condenada ao fracasso de debilitar e desacreditar a força e as propostas eleitorais do PCP e por reflexo da CDU - Coligação Democrática Unitária, que com o PCP integra o Partido Ecológico «Os Verdes», a Intervenção Democrática, a UDP e numerosos democratas independentes.

A falaciosa tese do isolamento do PCP na sociedade portuguesa contemporânea e no plano internacional através da grosseira manipulação das sondagens de opinião e do fogo de grosso calibre mas de pólvora seca dos acontecimentos de 19 de Agosto na União Soviética e da consequente «morte do comunismo», de que o PCP seria o último abencerragem, caiu pela base sob o impacto da Festa da Atalaia e da larga participação e representatividade das 37 delegações de Partidos, Movimentos e Organizações estrangeiros presentes na Festa e dos 13 outros que de modo tão sensibilizador nos enviaram mensagens de saudação.

Seguramente não vão calar-se e desarmar os inimigos e detractores da direita e os que, sob uma farpela de «esquerda», com eles fazem coros nas calúnias contra o PCP e na deformação das suas verdadeiras posições políticas.

Mas para o futuro, perante as evidências da magnífica jornada da Atalaia, vai-lhes ser mais difícil fazer passar a sua droga e iludir os incautos.

Precisamente, sob o impacto da Festa do «Avante!» os comunistas portugueses têm condições mais favoráveis para travar com êxito a batalha eleitoral, têm renovadas e acrescidas razões de confiança nas possibilidades eleitorais do seu Partido e da CDU, têm mais válidos incentivos para ganhar para a CDU as opções de voto dos democratas e dos cidadãos que aspiram ao florescimento da Democracia em Portugal e ao progresso social, económico e cultural do seu país.

Têm agora mais poderosos motivos de convicção nos objectivos essenciais do seu Partido para as eleições de 6 de Outubro:

- Derrotar e pôr em minoria o PSD e o CDS;

- Contribuir decisivamente para a vitória das forças democráticas, fundamentalmente pelo voto em força na CDU;

- Criar, na base de uma forte votação na CDU, as condições determinantes e mais sólidas para a viabili-

zação de uma alternativa democrática de governo e de política ao cavaquismo governante.

Torna-se cada vez mais evidente que as concepções bipolarizadoras da política nacional não correspondem às especificidades do nosso processo democrático e à real correlação de forças políticas na sociedade portuguesa contemporânea.

É cada vez mais visível que na actual conjuntura política portuguesa nenhuma força democrática - no caso vertente o PS - tem condições para conquistar por si só a maioria nas eleições de 6 de Outubro.

Só uma grande e concludente votação na CDU pode neutralizar e contrariar com êxito as tendências no seio do PS para novos entendimentos com a direita no caso mais que provável de nenhum dos dois mais representativos partidos do quadro político português conseguir obter a maioria absoluta nas eleições.

As forças democráticas cometeriam um erro grave se subestimassem a força e a natureza dos meios que a direita governante pode mobilizar para a sua campanha eleitoral.

É possível derrotar Cavaco Silva, o seu Governo e o seu partido se entre as forças democráticas predominar a ponderação realista e objectiva nas suas condições na batalha eleitoral e a firme convicção de que o cavaquismo é hoje uma força minoritária na sociedade portuguesa.

A Festa do «Avante!» constituiu na sua expressão política mais geral um importante factor de confiança nas próprias forças dos democratas portugueses.

O PCP, força mais representativa da CDU, sai dela mais forte, mais determinado, mais capacitado para a batalha eleitoral. Aumentar a representação da CDU na Assembleia da República é um objectivo ao alcance da Coligação. Em rigorosa observância das condições e pressupostos daquela decisiva batalha o PCP está aberto até ao último momento para o exame bilateral ou colectivo com outros partidos, designadamente o PS, das formas e meios para enfrentar e derrotar a direita, na base do respeito mútuo pela identidade e a independência de cada um dos intervenientes.

Nas listas da CDU estão cidadãos com provas dadas ao serviço da democracia e do povo. O Programa Eleitoral do PCP é um documento realista e válido para a edificação de um Portugal melhor.

Os comunistas têm fortes motivos para confiarem no êxito da sua participação nas eleições de 6 de Outubro.

Contudo, é preciso amassá-lo com determinação.



O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, participou, na passada sexta-feira, na cerimónia de abertura da XVI edição da Festa do «Avante!»

RESUMO

4 Quarta-feira

A CDU divulga publicamente o calendário de actividades da campanha eleitoral ■ Congresso de Deputados do Povo da URSS apela às repúblicas da União para conversações e para a assinatura de um Tratado de não Proliferação Nuclear ■ Cavaco Silva vai a Luanda, em Angola, apelar à «concordia» entre os angolanos ■ Jorge Sampaio encontra-se em Madrid com Felipe Gonzalez ■ O chanceler Kohl, da Alemanha, advoga ajuda à URSS, enquanto a CEE desbloqueia dez milhões de ecus para assistência técnica. Por seu lado, o secretário de Estado dos EUA afirma que não basta a «revolução» política na URSS, devendo haver uma «revolução» económica.

5 Quinta-feira

Cavaco Silva recebe em Luanda representantes da oposição às autoridades daquele país ■ Encerra a sessão extraordinária do Congresso da URSS com a aprovação de uma nova União ■ O primeiro-ministro português invoca o segredo de Estado para recusar a ex-oficiais da Dinfo depoimentos destes no julgamento do caso GAL ■ São libertados em Maputo nove dos 24 suspeitos de envolvimento no alegado golpe de Junho ■ A Polónia e a Lituânia retomam relações diplomáticas.

6 Sexta-feira

Abre na Atalaia, a Festa do «Avante!». O secretário-geral do PCP afirma durante a cerimónia de abertura o empenhamento militante dos comunistas portugueses ■ Conselho Superior de Defesa Nacional aprova nomeações de novos comandos militares no continente e nas regiões autónomas ■ Cavaco Silva regressa de Angola gabando-se de «reação positiva» de todas as forças políticas angolanas ■ Conselho de Estado da URSS reconhece a independência das três repúblicas bálticas ■ Em entrevista televisiva à ABC americana, Ieltsin e Gorbatchov põem-se de acordo em afirmar que o «comunismo» falhou.

7 Sábado

Continua a Festa do «Avante!», registando grande afluência e uma presença forte da juventude em

todas as iniciativas e espectáculos ■ Após a «constituição» da nova União, a Geórgia rompe relações com a URSS ■ Em Haia, a CEE e representantes da Jugoslávia chegam a acordo sobre declaração conjunta para resolver pacificamente a crise.

8 Domingo

Com um grandioso comício em que intervêm Álvaro Cunhal, Carlos Carvalhas, António Dias Lourenço e Amélia Pardal, encerra na Atalaia a Festa do «Avante!», em ambiente de grande determinação e confiança ■ Recrudescem os combates na Croácia, a despeito da Conferência de Haia. A Macedónia torna-se na terceira República da Jugoslávia a realizar referendo sobre a independência ■ O Partido Comunista do Cazaquistão muda de nome em Congresso extraordinário que reúne apenas 600 delegados. Mantém os bens materiais e separa-se do PCUS ■ Ieltsin «garante» que não tem a intenção de afastar Gorbatchov se ele não voltar a «oscilar entre o centro e a direita».

9 Segunda-feira

A Unita acusa Cavaco Silva de ter prestado «apoio deliberado ao MPLA-PT e a José Eduardo dos Santos», durante a visita a Angola. O assessor de Cavaco desmente ■ Cavaco vai ao Porto apresentar o programa do PSD e adverte que um governo de «maioria frágil» compromete a presidência portuguesa na CEE ■ Também o Tadjiquistão declara a sua independência da URSS, restando agora integradas na União a Federação Russa, a Arménia, o Cazaquistão e a Turcoménia, das 15 repúblicas que a constituíam.

10 Terça-feira

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros afirma que a questão suscitada pelo comunicado da UNITA referente à participação do Primeiro-Ministro português no comício do MPLA, tem de ser devidamente esclarecida antes que possam prosseguir as negociações ■ O Partido Socialista confirma que vai formalizar uma moção de censura ao actual presidente da Assembleia da República ■ Carlos Carvalhas, cabeça de lista da CDU, defende a construção de uma nova ponte no Carregado ■ A UNITA suspende em Luanda a sua presença na Comissão Político-Militar.

Avante!

Proprietários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Rua de São Bernardo, 14, 2º, 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47059. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial Avante! — R. S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 670 193/7

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Fax: 3968793; Telex: 65791; Telef. (01) 67 01 93/7

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição

Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04
Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra — Telef. (039) 71 35 77
Delegação Norte: R. Monte dos Pípos, 326, Guifões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 67 01 93/7

PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa — Telef. (01) 67 01 93/7
Composto e impresso na Heka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS

PORTUGAL (CONTINENTE)	— 50 números: 4.500\$00; 25 números: 2.325\$00
REGIÕES AUTÓNOMAS	— 50 números: 7.707\$50
ESPAÑA	— 50 números: 7.090\$00
MACAU	— 50 números: 11.140\$00
GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE	— 50 números: 12.190\$00
EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA E TODO O TERRITÓRIO DA URSS)	— 50 números: 13.350\$00
EXTRA-EUROPA	— 50 números: 16.450\$00

Nome _____
Morada _____ Telef. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado do cheque ou vale do correio.



Álvaro Cunhal: «A Festa do «Avante!» mostra o PCP aberto para a vida e para mudança»



Criar durante dois dias a sociedade mais justa por que lutamos



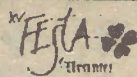
CDU - A batalha que já começou



Eurázio Filipe, presidente da Câmara do Seixal e membro do CC, oferece à Festa uma falua do Tejo, recordação do conelho que passou a albergar a Festa



No palco do comício, delegações de «Os Verdes», da ID, da UDP e dos independentes que integram as listas da CDU: uma grande festa de unidade



Todos os que aqui vierem serão bem-vindos

Intervenção de Álvaro Cunhal na abertura da Festa do «Avante!»

Com este primeiro e singelo acto inauguramos a Festa do «Avante!» 1991, XV ano da sua realização.

A Festa, só por si, pelo que é como a maior iniciativa político-cultural do nosso país, é uma realização única e plurifacetada de arte, de espectáculo, de desporto, de divertimento e lazer, de descanso, alegria, convívio e confraternização.

A Festa do «Avante!» é em muitos aspectos um espelho da realidade nacional, da vida, dos problemas, das aspirações e da luta do povo português. Festa dos comunistas, é festa dos democratas, é festa do povo, é festa da juventude.

Festa da liberdade e da democracia, a Festa do «Avante!» é também, como Festa do PCP, expressão da confiança em que o comunismo não morreu nem morrerá, antes o seu ideal e projecto de uma nova sociedade encontram motivos revificados nas aspirações, no sonho e nas esperanças do povo português e dos povos do mundo.

A Festa do «Avante!», pelo erguer desta grande cidade cuja vida de três dias neste momento inauguramos, é em si mesma uma afirmação e um testemunho vivo do empenhamento militante, convicto e dedicado dos comunistas, - sem paralelo em qualquer outro partido. E aqui cabe, neste momento de inauguração, saudar em particular os construtores da Festa, os milhares de membros do Partido e da JCP, homens, mulheres e jovens, assim como muitos outros que não sendo comunistas estiveram a seu lado com igual espírito, pela extraordinária obra realizada, numa maratona de duro trabalho e entusiasmo que terminou num magnífico e esforçado *sprint* final que permite estarmos aqui, precisamente à hora, a inaugurar a Festa. Porque bem o merecem, saudações a todos sem esquecer nenhum.

A Festa é por si mesma uma demonstração de que o PCP nem é uma fortaleza cercada, nem um oásis no deserto.

O PCP não é uma fortaleza cercada, embora o queiram cercar, porque aqui em Portugal quem levanta muros - muros de mentira, de incompreensão, de intolerância e ódio - são os adversários do PCP, enquanto que nós, os comunistas, por muitos muros que à nossa volta queiram erguer, aprofundamos as nossas ligações e as nossas raízes com os trabalhadores e com as massas populares, estamos abertos ao diálogo e atentos às opiniões alheias, intervimos no campo unitário da CDU agora alargada e insistimos na indispensável convergência democrática para uma alternativa. A Festa do «Avante!», espaço aberto ao povo, festa do povo e festa da juventude, será disso uma confirmação.

O PCP não é tão-pouco no mundo um oásis comunista no deserto, porque a luta libertadora dos trabalhadores e dos povos continua e na vida social tal como na natureza até de terra que imada brotam plantas para a luz, para a vida e para o futuro. A Festa do «Avante!», pelo número e significado dos convidados de outros países, será também disso uma confirmação.

Festa do órgão central do PCP, festa do PCP, este ano a Festa do «Avante!» será também uma grande chamada para o momento político que vivemos, para os graves problemas do povo português e de Portugal, para a batalha das eleições de 6 de Outubro, que abrem uma oportunidade de afastar a direita e a sua política do poder e alcançar uma alternativa democrática.

A Festa do «Avante!» é já, na sua inauguração, uma mostra da força real, da serenidade e da confiança dos comunistas.

Mas será também, este ano, a afirmação do projecto unitário da CDU-Coligação Democrática Unitária, e uma significativa e, estamos certos, poderosa contribuição e arranque para a campanha eleitoral que imediatamente se lhe segue.

Todos os que aqui vierem serão bem-vindos neste espaço de liberdade, de respeito humano, de fraternidade e confraternização que é a Festa do «Avante!».

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva a CDU-Coligação Democrática Unitária!

Viva a JCP e a Juventude CDU!

Viva o Partido Comunista Português!

Intervenção de Álvaro Cunhal

A Festa do «Avante!» mostra o PCP aberto para a vida e para a mudança

Camaradas:

Ano após ano, a Festa do «Avante!» tem sido não só a maior realização político-cultural de massas do país, numa grande expressão da vida, do trabalho, da criatividade e da arte do povo, de fraternidade e da alegria, como também uma renovada confirmação, pelo rolar da vida, do que é, do que significa, do que representa o PCP na vida nacional: **um partido necessário, indispensável e insubstituível para o povo português e para a democracia portuguesa.**

Isto tem sido sempre a Festa, ano após ano.

Mas este ano a Festa do «Avante!» é qualquer coisa mais. Na complexa situação internacional que vivemos, ante as profundas alterações que se estão a verificar no mundo, ante as violentas campanhas de mentiras, intolerância e ódio que se desencadeiam contra o nosso Partido e que por tabela virão a atingir todas as forças democráticas, a Festa do «Avante!» tem também este ano o valor de uma resposta.

A Festa do «Avante!» - uma resposta

Aqueles que para aí gritam que os partidos comunistas se encontram a morrer e condenados a desaparecer, a Festa do «Avante!» responde que este Partido, o PCP, está vivo e bem vivo, com saúde, com energia e com convicções bastantes para a luta que a situação exige.

Aqueles que gritam que o PCP perdeu a sua característica militante e que são já raros os militantes, a Festa do «Avante!» responde por si só acerca da militância do PCP, porque esta cidade da Festa, com toda a sua complexidade e grandeza, foi erigida pelo trabalho voluntário, o esforço, a dedicação e a criatividade de muitos milhares de militantes que mostram o valor e a motivação decisiva para a vida e para a acção do grandioso colectivo que constitui o nosso Partido.

Aqueles que repetindo operações anteriores gritam que o PCP atravessaria uma grave crise interna, a Festa do «Avante!» responde que o PCP não é um Partido que se deixe influenciar por atitudes marginais, e que, na sua orientação e na sua acção, está solidamente unido e empenhado na luta.

Aqueles que proclamam que o PCP está encerrado num «ghetto», cada vez mais isolado das massas, a Festa do «Avante!» responde com a afluência de massas dando significativa amostragem da abertura do Partido às massas e da ligação do Partido com as massas.

Aqueles que procuram apresentar o PCP como um partido envelhecido sem poder de atracção para a juventude, a Festa do «Avante!» responde - com esta massiva e entusiástica participação de jovens, jovens da valente JCP, jovens da CDU, jovens que por serem jovens aqui vêm a uma Festa que por ser do PCP é Festa da juventude - **testemunhando nestes dias que largos sectores da juventude se reconhecem nos objectivos, nas iniciativas, na luta, na convicção do PCP e com o PCP sentem estimulada e reforçada a sua iniciativa, a sua liberdade, a sua maneira própria de estar, a sua intervenção na vida do País como grande, dinâmica e criativa força social.**

Aqueles que - tomando os desejos por realidades e lendo as sondagens como quem vai às bruxas para fazer fácil futurologia e criar opinião - proclamam que o PCP e a CDU, por motivo das suas atitudes convictas, vão sofrer uma grande derrota eleitoral, a Festa do «Avante!», pela sua força e a sua mensagem, responde que não façam, como noutras alturas já fizeram, cálculos apressados, porque o PCP e a CDU estão no combate eleitoral com forte dinâmica, largo apoio e convictos de que para que seja possível uma alternativa democrática à

política e ao Governo de direita, é indispensável e possível uma grande votação na CDU e a eleição de uma forte representação do PCP e das outras forças da CDU na Assembleia da República e que tal resultado, com luta e confiança está inteiramente ao nosso alcance.

Aqueles que são tanto mais agressivos e nervosos quanto mais vêem que o PCP resiste a más marés e faz frente às pressões, à chantagem, às ameaças e adopta a orientação e desenvolve a acção que ele próprio determina, a Festa do «Avante!», com a afirmação e a mensagem do PCP, responde com a segurança e a serenidade que a convicção, a sólida base de apoio, e a consciência da força real explicam e justificam.

Aqueles que gritam que o PCP para existir tem de se transformar e que transformar-se significa deixar de ser o que é e tornar-se um outro partido, a Festa do «Avante!» responde que o PCP, aberto para a vida e para a mudança, empenhado na convergência e unidade democrática, aprendendo com as lições da experiência, recriando e renovando, é e continuará a ser um partido comunista.

O momento mundial as derrotas do socialismo e a solidariedade internacionalista

Esta é a resposta que a Festa do «Avante!» dá ao anticomunismo de primeiro, segundo e terceiro grau que para aí campeia e que ganhou nova virulência, estímulo e pretextos nos acontecimentos verificados nos países do leste da Europa e ultimamente nos acontecimentos e evolução da situação na União Soviética.

Estes acontecimentos e as alterações na situação mundial deles decorrentes, além da reflexão profunda a que obrigam, além das lições e ensinamentos que comportam, além das novas respostas e de maior rigor na definição da perspectiva que exigem, provocam legitimamente sérias preocupações.

Preocupações porque a derrocada dos regimes existentes nos países do leste da Europa e o processo em curso na União Soviética constituem grandes passos atrás na história da humanidade.

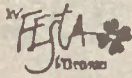
Só mentalidades antidemocráticas podem aplaudir como medidas exemplares da democratização e de progresso processos de alteração política, económica e social que se ilustram por exemplos tão significativos como a substituição da bandeira do Estado Soviético pela bandeira da Rússia czarista e a substituição do nome da cidade de Lénine pelo nome da cidade do imperador Pedro. Só mentalidades antidemocráticas podem aplaudir a ilegalização, a interdição da publicação de jornais e a confiscação de bens do Partido Comunista da União Soviética e as perseguições aos comunistas na União Soviética.

Preocupações também porque tais acontecimentos provocam uma nova arrumação e correlação mundial de forças, abrem caminho a nova agressividade e novo avanço do imperialismo no seu objectivo de restaurar a hegemonia mundial, e criam novos e sérios obstáculos à luta dos trabalhadores e dos povos.

Tudo isto é certo. Mas perante as novas realidades há que analisar os acontecimentos no contexto global da evolução e transformação da sociedade, não perder a objectividade da análise e enfrentar as dificuldades com serenidade, firmeza e confiança.

Nós contestamos as conclusões que alguns tiram destes acontecimentos e desta evolução: que a Revolução de Outubro foi um erro, que a construção do socialismo foi um projecto histórico fracassado, que o ruir do colonialismo e a conquista da





Estamos ombro com ombro unidos na batalha da unidade e da democracia

independência pelos povos submetidos ao jugo colonial erros foram, como erro teria sido a revolução de Abril.

Não aceitamos a conclusão de que com as transformações nos países do leste da Europa, com os acontecimentos e evolução inquietante e perigosa da URSS, com recuos e enfraquecimento do movimento comunista internacional e com recuos na afirmação do progresso social e da independência de alguns países do chamado Terceiro Mundo, se fecha e liquida o processo de libertação social, político e nacional que registou no século XX avanços e realizações de valor histórico imorredouro.

Não aceitamos a conclusão de que «o comunismo morreu», de que morreu o projecto político e a acção revolucionária que a partir da Revolução de Outubro empreendeu a gigantesca tarefa de construir uma sociedade nova liberta da exploração, das grandes desigualdades e injustiças sociais e capaz de responder aos sonhos e aspirações milenares do ser humano.

Continuamos a considerar que o século XX fica marcado na história da humanidade por um avanço gigantesco no caminho da libertação do homem. E que as derrotas sofridas pelo socialismo, em parte fundamental determinadas por um «modelo» que veio a caracterizar-se pelo afastamento dos ideais comunistas (no que respeita ao poder político do povo, à democracia, à organização do Estado e da economia, ao papel do Partido) não cerrou o passo ao projecto revolucionário de construção de uma sociedade nova, a sociedade socialista renovada, tendo em conta as grandes realizações históricas alcançadas mas também as duras e trágicas experiências das derrotas.

O comunismo não morreu nem morre porque é a realidade objectiva que lhe dá necessariamente vida e o torna sonho, projecto e acção transformadora.

Enquanto existirem sociedades cujo sistema social se baseie na exploração do homem pelo homem, na opressão de classes sobre outras classes, nas grandes desigualdades e injustiças sociais, sociedades cujos governos, cuja política, cujas estruturas económicas, sociais, políticas e culturais estão impregnadas e são mesmo determinadas pelos interesses da classe ou classes governantes exploradoras de outras classes, enquanto existirem tais sociedades, **existirá o ideal de construção de uma nova sociedade liberta da exploração do homem pelo homem - a sociedade socialista.**

Mesmo onde em processos contra-revolucionários tenham sido voltadas para trás muitas páginas da história, novas forças renascerão voltadas para a transformação, para vida e para o futuro porque nem o capitalismo, como sistema de exploração que é, poderá assegurar a solução dos grandes problemas da humanidade, nem morreu nem morrerá o ideal e o projecto de construção de uma nova sociedade.

E por isso também **continuam a ser necessários e indispensáveis aos trabalhadores, aos povos, à humanidade, partidos portadores de grandes ideais, partidos revolucionários na acepção mais digna deste termo, partidos comunistas e outros partidos e forças convictos, coerentes, corajosos e combativos.**

As mudanças que se estão a verificar no mundo neste findar do século dão valor acrescido e actualidade ao internacionalismo e exigem mais que nunca a solidariedade recíproca, a cooperação e sempre que possível a acção comum dos comunistas e de todas as forças progressistas do mundo.

Esta Festa do «Avante!» com a sua «Cidade Internacional» e a participação de tão grande número de delegações de partidos comunistas, partidos progressistas e movimentos de libertação **é uma expressão exaltante do valor do internacionalismo e da atitude que é a mais directa expressão do internacionalismo: a solidariedade entre os comunistas, entre forças revolucionárias e progressistas, entre os trabalhadores e entre os povos.**

Expressando aos nossos convidados o muito que para nós representa a sua participação na Festa, queremos ao mesmo tempo garantir (e creio que todos os participantes neste grandioso comício estarão de acordo) que **nós, comunistas portugueses, e conosco outras forças políticas democráticas e progressistas, estamos firmemente determinados a garantir que os sentimentos internacionalistas e a solidariedade estejam sempre vivos e bem vivos nos nossos ideais, nos nossos corações e na nossa actuação.**

A todos e a cada um de vós desejamos grandes êxitos no combate pela liberdade, pela democracia, pelo progresso social, pelo bem-estar dos povos, pela independência das nações, pelo socialismo, pela cooperação, a segurança e a paz.

Objectivo central: afastar a direita do Governo formar um Governo democrático

No mundo conturbado deste findar do século nenhum país deixa de ser sujeito às repercussões e influência positivas e negativas dos grandes acontecimentos mundiais.

Mas cada país tem a sua vida própria e cada povo tem os seus próprios problemas, as suas próprias soluções, a sua própria vontade e o direito que consideramos intocável e inalienável de decidir do seu destino.

É neste contexto que Portugal vive actualmente um momento em que se jogam os destinos do país nos anos mais próximos.

É objectivo da nossa luta no momento presente derrotar o PSD e o seu Governo, afastar a direita do poder, constituir um Governo democrático.

Há razões de sobra para considerar esse objectivo como

um objectivo central não apenas do PCP e da CDU, mas de todas as forças democráticas, como um objectivo que corresponde a interesses fundamentais do povo português e de Portugal.

Anunciam os dirigentes do PSD que a sua campanha eleitoral terá duas palavras-chave: «estabilidade e confiança».

«Estabilidade»?

O que tem significado a estabilidade do Governo entendendo-se por estabilidade vários anos de Cavaco Silva e do PSD no Governo? Tem significado, não a estabilidade, mas a desestabilização da vida nacional nos seus aspectos fundamentais.

Tem significado a **desestabilização da organização económica do país**, com a destruição do SEE, o mafioso processo das privatizações, o esbulho e entrega de bens do Estado ao grande capital privado, o encerramento de empresas, o afogamento da indústria, o desprezo da agricultura, um crescimento que não é desenvolvimento e tudo isto para reconstituir e restaurar os grandes grupos monopolistas e o seu domínio.

Tem significado a **desestabilização social**, designadamente com a liquidação de direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores, a precarização do emprego, o monstruoso «pacote laboral», o agravamento de muitos dos mais graves problemas sociais, - desestabilização social que se traduz na generalização de lutas de trabalhadores, dos agricultores, dos magistrados e outras camadas intelectuais, das mulheres, da juventude, das forças de segurança, dos reformados, dos deficientes, lutas constantes que adquirem extraordinária extensão, que a comunicação social controlada pelo Governo silencia, mas que daqui saudamos como uma das expressões mais vivas, mais significativas e mais dinâmicas da luta popular pela democracia.

A estabilidade do Governo tem significado a **desestabilização das instituições democráticas com o afrontamento dos outros órgãos de soberania** com o avanço de um processo de governamentalização e partidarização do poder, com a redução e lenta liquidação de direitos e liberdades, com medidas para abafar o poder local e perverter o sistema eleitoral democrático, com a instrumentalização e a manipulação da forma mais sórdida dos grandes meios de comunicação social.

A estabilidade do Governo PSD tem significado a **desestabilização dos interesses e direitos nacionais** com a política de seguidismo e submissão aos Estados Unidos, à CEE, à NATO, a decisões supranacionais contrárias aos interesses portugueses.

Enquanto a estabilidade do Governo de um único partido que pretende absolutizar o seu poder autoritário, provoca a desestabilização nas áreas fundamentais da vida nacional e do próprio regime democrático, **só uma política democrática e um Governo democrático está em condições de garantir a verdadeira estabilidade.**

E quanto à «confiança», a outra palavra-chave da campanha do PSD?

Não pode merecer confiança um Governo e um partido - o Governo de Cavaco e o PSD - com um tal *curriculum* de malfetorias contra o povo, contra o país, contra a democracia.

Não pode merecer confiança além do mais porque, tendo jurado respeitar e cumprir a Constituição e a legalidade, sistematicamente e frontalmente as desrespeitou ao longo do seu mandato.

Não pode merecer confiança além do mais porque o seu mandato está marcado pelo abuso do poder, pela redução ou liquidação progressiva, um a um, dos mecanismos legais de controlo da acção governativa, pelo abafar de inquéritos, pela imposição da própria impunidade numa ostensiva afirmação do autoritarismo e poder absoluto antidemocrático.

O imperativo de afastar a direita do poder resulta de tudo quanto de mal tem causado a sua política antidemocrática durante o seu mandato. E resulta também, caso não fosse derrotado nas eleições, de tudo quanto significaria de desastroso para Portugal e para o povo português a continuação da sua política antidemocrática e cultural, e do que significaria a perversão de traços basilares e essenciais da democracia por parte de um partido que não defendendo é certo um regime de um só partido **tem manifestamente em vista assegurar a permanência de um partido único no poder.**

Parece que o Governo interpreta a votação de 6 de Outubro como se fosse uma moção de confiança no Parlamento. Muito bem. Entendendo assim as coisas, **é indispensável que, colocando o PSD em minoria, o eleitorado lhe negue confiança de forma a obrigá-lo a demitir-se.**

E já que utilizamos termos constitucionais, sabe-se que, na Assembleia da República um Governo pode cair não só pela não aprovação de uma moção de confiança, como também por uma moção de censura aprovada pela maioria dos deputados.

Então digamos também que a votação dia 6 de Outubro pondo em minoria o PSD, deverá ser tida como uma moção de censura do eleitorado que atire abaixo Cavaco Silva e o seu Governo PSD.

Eles já estão com medo desse resultado. Depois de terem proclamado que só constituiriam governo se obtivessem maioria absoluta, falam agora em «maioria clara». Não venham depois com mais reviravoltas. **Colocado o PSD em minoria como resultado das eleições, seja ou não seja o partido mais votado, só há um caminho para o Governo de Cavaco Silva: largar finalmente o poder e dar lugar a um Governo democrático.**

Um programa fundamentado e válido para uma alternativa democrática

O Governo e o PSD, na sua propaganda, pretendem vencer o eleitorado de que, para a sua política, não existe qualquer alternativa.

Afirmar que não existe alternativa é a maior mistificação das mistificações. Pela nossa parte, apresentamos, não apenas as grandes linhas de uma política capaz de solucionar os grandes e graves problemas nacionais (com conhecimento profundo da situação, com sólidos fundamentos, com a experiência dos factos, com minúcia e rigor) mas também **orientações e medidas concretas essenciais constitutivas do programa de um futuro Governo democrático.**

Não somos uma força que apenas diz não à política de direita. Somos uma força que tem um **programa sólido e credível que propõe ao eleitorado, programa que define um projecto alicerçado na vida, nas aspirações e na esperança do povo português.**

Ao contrário da direita que voltada para o passado procura ressuscitar estruturas económicas, limitações antidemocráticas, situações e processos de exploração e discriminação, monopólio e abuso do poder - nós estamos firmemente voltados para o futuro, no caminho aberto pela revolução de Abril - revolução de Abril que a direita procura ou esquecer ou vilipendiar mas que constitui um momento maior e imorredouro na história da luta do nosso povo e da história da nossa pátria.

A política que propomos ao povo para um futuro Governo inscreve como inseparáveis a democracia política, a democracia económica, a democracia social e a democracia cultural.

Nós propomos um **regime de liberdade** no qual o povo decida do seu destino - liberdade e respectivos direitos dos cidadãos, dos partidos, das organizações sociais, liberdade que não seja espartilhada e sempre discriminada segundo as classes sociais, antes **liberdade que seja, nos conceitos e na prática, um valor maior e universal de todo o povo português.**

Propomos um **Estado verdadeiramente democrático e descentralizado baseado na participação popular**, não um Estado em que os órgãos de soberania, o aparelho burocrático e os meios materiais são apropriados, monopolizados e instrumentalizados por um partido, como está sucedendo com o governo de direita, mas **um Estado isento em termos de partidos, um Estado moderno, eficiente e democrático.**

Propomos um **desenvolvimento económico** que seja não esse anunciado crescimento que centraliza a riqueza e acompanha o aberrante e escandaloso processo de privatizações e de restauração do poder, do grande capital, mas **um desenvolvimento económico assente numa economia mista na qual, a par de um forte e dinâmico SEE (motor de arranque da economia nacional e factor de independência do país), sejam apoiadas outras formações económicas (empresas privadas, cooperativas, explorações familiares) no desenvolvimento da indústria, das minas, da agricultura, das pescas, na realização de planos regionais, na rápida redução das assimetrias regionais, no aproveitamento criativo e dinâmico dos recursos e potencialidades nacionais.**

Propomos uma **política social movida pelo carácter prioritário do melhoramento das condições de vida dos trabalhadores e do povo em geral**, - não uma suposta política social que considere o agravamento das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores e da grande maioria dos cidadãos um instrumento indispensável para a centralização e concentração de capitais - **mas sim uma política social que resolva os problemas maiores da saúde, da habitação, do ensino, dos transportes, do ambiente, das mulheres, dos jovens, das crianças, dos reformados, dos deficientes, e que insira o melhoramento das condições de trabalho e de vida como elemento integrante e indispensável do desenvolvimento económico.**

Propomos uma **política cultural que assegure o acesso generalizado à fruição da cultura e que estilume e apoie a livre criação cultural** - não uma suposta política cultural meramente de fachada e de sentido elitista, concebida como um adorno do poder - mas sim uma política cultural que salvguarde o património e a identidade cultural do povo português, que estimule o desenvolvimento integral do ser humano e a criação na sociedade de formas de vida mais livres, justas e fraternas.

Propomos uma **política interna e externa que garanta Portugal como uma pátria independente e soberana**, - não o seguidismo e mesmo a vergonhosa capitulação do Governo ante interesses e pressões e imposições do estrangeiro, mas no quadro da CEE que constitui uma realidade na qual Portugal está integrado, a afirmação e defesa corajosa dos interesses nacionais e de uma verdadeira política nacional portuguesa inscrita numa política de paz, amizade e cooperação com todos os povos.

Assim o **Programa Eleitoral do PCP** para as eleições de 6 de Outubro próximo, programa que intitulamos «*Projecto de futuro para um Portugal melhor*», desenvolve largamente as grandes linhas de uma política em torno de áreas essenciais: **uma sociedade livre, um Estado de direito democrático, um desenvolvimento harmonioso e solidário, uma vida melhor**





A revolução de Outubro e a URSS constituem marcos indelévels da luta libertadora dos povos

numa sociedade mais justa, uma resposta às aspirações dos mais vastos grupos sociais e um Portugal independente e soberano numa comunidade de nações livres e iguais e no mundo em mudança.

O carácter unitário da CDU na qual participa o PCP coloca necessariamente três questões: a inevitável diversidade de opiniões entre partidos e forças políticas diferentes, a unidade em objectivos fundamentais e a legítima afirmação no quadro unitário da identidade de cada componente.

Pelo facto de estarmos unidos na CDU nesta grande batalha eleitoral, o PCP, o PEV, a ID, a UDP e numerosos democratas independentes - a CDU é simultaneamente uma afirmação de diversidade e uma afirmação de unidade democrática. Não só em objectivos fundamentais mas em muitos dos objectivos parcelares para uma alternativa.

Há partidos que aparecem na ribalta como verdadeiros sacos de gatos roídos internamente por contradições, interesses e ambições. A CDU sendo uma coligação aparece tranquila, serena, com um sólido e respeitado acordo na batalha que travamos.

É com a sua identidade própria, o respeito da identidade dos outros participantes na CDU e a cooperação leal, interessada e empenhada, que o PCP, tal como os outros participantes, se apresenta ao eleitorado.

A identidade própria de cada uma das forças componentes não é uma fragilidade mas uma riqueza e um valor do projecto unitário da CDU.

O PCP com a sua identidade uma força da democracia

Há quem pergunte: com os acontecimentos verificados na URSS não perde o PCP o seu grande ponto de referência? E há quem logo acrescente: perdido esse ponto de referência, não perde o PCP a razão de ser como partido comunista?

A essas questões respondemos sem equívocos. Sim, a revolução de Outubro e a União Soviética foram pontos de referência do projecto e da luta do PCP ao longo dos anos, como foram também pontos de referência outras revoluções socialistas e democráticas, o movimento comunista internacional e a luta de libertação dos povos secularmente submetidos ao jugo colonial.

E não foram apenas pontos de referência. Foram estímulos e encorajamentos à nossa luta, porque todos esses pontos de referência constituem marcos indelévels, no século que agora termina, da luta libertadora dos trabalhadores e dos povos.

Há porém que acrescentar alguma coisa mais.

Que o ponto de referência central fundamental e primordial, o ponto de referência que é a razão de ser, de existir e de lutar do PCP, do seu programa e da sua acção, esse ponto de referência central, fundamental e primordial são os trabalhadores portugueses e o povo português, é a luta do próprio PCP desde a sua fundação até hoje, luta em todos os momentos e em todas as situações, luta a favor da corrente e contra a corrente, luta em atmosfera serena e defrontando tempestades, luta pela liberdade, pela democracia, pelo progresso social, pela independência nacional, pela paz e o pelo socialismo, sempre com os trabalhadores, sempre com o povo português, sempre com a pátria portuguesa.

Ao contrário do que afirmam os seus detractores, e por muitos rótulos falsos que tentem colar ao PCP, o PCP é um partido com criatividade teórica e agilidade política bastantes para defrontar variadas situações e dar-lhes resposta adequada. Mas, assim como através das mudanças e nas próprias mudanças há constantes na vida económica, social e política do mundo, assim, há no PCP características essenciais que, embora com respostas novas e inovadoras ao longo dos anos, são a própria razão de ser da sua criação, da sua existência e da sua luta.

Por isso estamos firmemente determinados a continuar a ser um partido da classe operária e de todos os trabalhadores (defensor ao mesmo tempo de todas as classes e camadas atingidas pela política do grande capital) além do mais porque a sociedade portuguesa constitui um testemunho vivo de que a luta de classes é um eixo basililar da estrutura social, de que a política do Governo é uma política de classe (explícita e inequivocamente a política do grande capital e dos grandes agrários contra os trabalhadores e as classes laboriosas), somos um partido do qual os trabalhadores e as massas populares têm absoluta necessidade para defesa dos seus interesses e direitos, um partido independente do capital, seus interesses e da sua ideologia, firme corajoso, aprofundando sempre e sempre as suas ligações aos trabalhadores e às massas de que lhe vêm o apoio, a solidez e a energia combativa que o distinguem.

Estamos firmemente determinados a continuar a luta pelo nosso ideal de construção de uma sociedade nova, uma sociedade socialista, uma sociedade da qual sejam abolidas a exploração do homem pelo homem, as grandes injustiças e desigualdades sociais, as classes antagónicas e todas as formas de opressão, na qual sejam instituídos o poder político efectivo do povo, a democracia política como elemento integrante da nova sociedade, a propriedade social dos sectores básicos sem prejuízo das estruturas económicas diversificadas, a intervenção permanente e determinante das massas populares, a inserção da juventude na vida do país como força social dinâmica e criativa e a concretização da igualdade de direitos e oportuni-

des para a mulher que continua a ser discriminada e submetida e que entretanto mostra em Portugal e no mundo, ser inteiramente capaz de assumir as mesmas responsabilidades que os homens em todas as áreas da vida social.

Estamos firmemente determinados a rejeitar a cristalização e a dogmatização da ideologia, a enriquecer a teoria com os novos conhecimentos, descobertas e lições da vida, e a encarar a ideologia como um valor em movimento e como um instrumento poderoso para a compreensão da realidade e do mundo em mudança, para análises rigorosas e objectivas, para respostas criativas às novas realidades, para orientações correctas à acção e à luta.

Estamos firmemente determinados a desenvolver a democracia interna e a unidade do partido porque o que o povo português e a democracia portuguesa necessitam de nós não é de um partido roído e desagregado pela luta de tendências, de fracções, de chefes e candidatos a chefes, impregnado de grupos liquidacionistas, mas de um partido com intensa vida democrática interna em que a reflexão e a opinião dos militantes são bem-vindas, são necessárias, são promovidas pelo seu valor criativo para a reflexão, opinião e decisão colectivas, mas também um partido que ao mesmo tempo não aceita acções desagregadoras de divisionistas e fraccionistas publicamente emparceirados com as campanhas e vozes do anticomunismo.

Estamos firmemente determinados em não só manter mas reforçar valiosos traços do comportamento do grande colectivo de militantes que é o PCP: a verdade, a lealdade, a frontalidade, o empenhamento, a coragem e a dedicação.

Estamos firmemente determinados a continuar a ser um partido que, sendo patriótico, é também internacionalista, porque o imperialismo, com as mudanças deste fim do século, mantém e corre-se o risco de que agrave a sua natureza exploradora e agressiva, porque a luta dos povos atravessa obstáculos e dificuldades acrescidas, porque a solidariedade recíproca por cima das fronteiras é um imperativo da hora presente.

O povo português, as forças democráticas no seu conjunto e a democracia portuguesa perderiam uma força essencial, se o PCP se diluísse em qualquer outro partido que julgue poder ser «a casa comum da Esquerda» ou se perdesse a sua identidade no quadro de uma organização ou movimento unitário da Esquerda.

É a natureza e a identidade do PCP como partido comunista que lhe permite intervir na vida nacional como uma grande força da liberdade, da democracia, do progresso social e da independência nacional.

É a natureza e a identidade do PCP como partido comunista que lhe permite dar a valiosa e mesmo determinante contribuição para a unidade dos trabalhadores, com destaque para o poderoso movimento sindical unitário - a CGTP-IN - e as Comissões de Trabalhadores, para as várias formas de unidade dos mais variados movimentos sociais, para o projecto unitário da CDU, para que se concretize a convergência das forças democráticas necessária a uma alternativa.

Votar CDU por uma alternativa democrática

Temos consciência do que representa o nosso Partido na vida nacional, e designadamente na luta por uma alternativa democrática ao Governo e à política de direita. Mas reconhecemos e valorizamos ao mesmo tempo o valor e o papel dos outros democratas.

O camarada Carlos Carvalhas, Secretário-geral Adjunto do Partido e cabeça de lista pelo círculo eleitoral de Lisboa, já teve ocasião de saudar os candidatos não comunistas.

É para todos nós motivo de alegria e confiança termos aqui na tribuna deste grandioso comício, representantes e candidatos das forças que estão connosco lado a lado, ombro com ombro, na grande batalha política em que estamos empenhados: os nossos companheiros de luta do Partido Ecologista «Os Verdes», da Intervenção Democrática, da UDP e democratas independentes.

Estamos lado a lado, ombro com ombro, unidos e convictamente unidos com objectivos comuns na batalha que é de cada um, que é de todos, porque além do mais é uma batalha do povo português e uma batalha da liberdade e da democracia.

É significativo da importância que damos às eleições legislativas de 6 de Outubro como tarefa política central, o facto de nesta Festa, que é a festa do órgão central do PCP, nesta festa, que é a festa do PCP, termos dado largo espaço à CDU-Coligação Democrática Unitária, na qual o PCP se insere, tornando esta festa não apenas uma poderosa afirmação da vida, da actividade e das propostas do PCP, mas também uma afirmação da vida, da luta, das propostas da CDU-Coligação Democrática Unitária.

E porque assim é, creio que todos vós participantes neste comício estareis de acordo, em que este grandioso comício da Festa do «Avante!», este grandioso comício do PCP, seja também considerado um grandioso comício inserido na luta da CDU e como que ponto de arranque, poderoso, confiante e entusiástico da campanha eleitoral da CDU para as eleições legislativas de 6 de Outubro.

Temos insistido em que são tarefas essenciais nestas eleições reduzir o PSD (e o CDS) a uma minoria, e actuar de

forma a que a maioria democrática alcançada dê o apoio institucional indispensável à formação de um Governo democrático.

É uma verdade como punhos que para que esse objectivo seja alcançado, uma grande votação na CDU e a eleição como deputados dos seus candidatos adquirem papel determinante.

O PS sozinho não está em condições de formar Governo sem acordo com outros partidos porque é completamente falacioso anunciar como objectivo alcançar a maioria absoluta. Não acredito que haja um único socialista, e muito menos um único dirigente do PS, que acredite em tal objectivo.

E sendo esta a situação, quando o PSD e o CDS forem derrotados nas eleições, com quem vai o PS entender-se? Com o CDS com o qual já em tempos fez um Governo de coligação? Com o PSD com o qual já em tempos fez também outra coligação? Alguém acredita que uma coligação do PS com o CDS ou com o PSD pudesse significar outra coisa que não fosse a continuação da política do PSD em aspectos fundamentais?

Além do mais o PS sozinho não estaria em condições de formar Governo que se diferenciasse em aspectos fundamentais da política do Governo do PSD. É ou não verdade que o PS aprovou uma revisão constitucional que deu cobertura legal a muitas das ofensivas antidemocráticas do Governo PSD? É ou não verdade que o PS não só apoiou o escandaloso processo de privatizações como propôs mesmo que fossem concedidas mais vultosas indemnizações aos grandes monopolistas do tempo do fascismo? É ou não verdade que o PS foi com o PSD um activíssimo coveiro da reforma agrária? É ou não verdade que o PS aprovou os princípios essenciais do «pacote laboral» que visa liquidar direitos e liberdades fundamentais dos trabalhadores? É ou não verdade que por vezes o PS chega a ser mais papista que o papa proclamando a submissão de Portugal às instâncias políticas supranacionais da CEE?

É mais que uma evidência que esta política do PS só inflectirá para melhores soluções pela força do voto e do número de eleitos da CDU.

A experiência mostra (e o caso do município de Lisboa mostra claramente) que quanto maior for a votação nacional da CDU e quanto mais forem os deputados da CDU eleitos, mais possível será um entendimento dos partidos democráticos, nomeadamente do PCP e PS, para assegurar a formação de um Governo democrático.

Qualquer análise séria, honesta, isenta que se faça da realidade nacional e de perspectiva de votação nas próximas eleições, conduz a este mesmo resultado: o carácter imperativo duma vitória eleitoral da CDU não só para que a direita seja derrotada, como para que a formação de um Governo democrático se concretize.

A direita porque sente o perigo e o PS pela gula de votos desenvolvem uma intensa campanha para tentar impedir a grande votação na CDU.

Todos os instrumentos são utilizados para o efeito: a mentira, a deturpação, a calúnia, a rolha posta por responsáveis da comunicação social, agora nova vaga de histeria anticomunista, e a massa de intoxicação por sondagens, sem ter em conta que se sondagens sérias são valiosa contribuição para avaliar opções e tendências, sondagens fabricadas e manipuladas são mais que perversão, são uma farsa ou são um crime.

Que ao decidir do voto ninguém se deixe impressionar pelas sondagens. Já estamos habituados ao que são e ao que pretendem. Com a guerra das sondagens chegaram a anunciar que a Festa do «Avante!» seria um fracasso. E afinal aqui temos nesta festa grandiosa uma poderosa afirmação de que o PCP e a CDU não estão a descer mas a subir, de que a participação aumenta, de que a convicção se reforça, que o entusiasmo cresce, de que estamos lançados e bem lançados para a campanha eleitoral e um grande êxito nas eleições de 6 de Outubro.

O voto na CDU é o voto contra a política de direita, o voto por uma alternativa democrática, o voto por um Portugal melhor. É o voto nos grandes valores que estão na batalha actual (os valores da democracia, da justiça social, do bem-estar do povo, da independência nacional, da paz e da cooperação entre os povos), e que têm na CDU os seus mais consequentes, convictos, empenhados, combativos e dedicados combatentes.

Nas eleições de 6 de Outubro para a Assembleia da República o voto na CDU é o voto seguro, certo, útil e de toda a confiança.

O voto na CDU é o voto seguro porque a vida já mostrou que os eleitos da CDU, comunistas e outros democratas, cumprem o que prometem ao povo.

O voto na CDU é o voto certo porque os objectivos, o programa e a acção dos eleitos da CDU correspondem aos interesses e direitos e à solução dos problemas de Portugal e dos portugueses.

O voto na CDU é o voto útil porque só a força da CDU e da sua representação parlamentar poderá ser determinante, não só para a demissão do Governo do PSD como para a sua substituição por um Governo democrático.

Por todas estas razões, lançados na campanha, tem razão o nosso apelo:

Vota CDU com toda a confiança

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva a CDU-Coligação Democrática Unitária!



Abertura da XV Festa



Se mais torres houvera, a mais se teria subido!



Uma marca indelével dos comunistas e da sua Festa: a inabalável solidariedade Internacionalista



Comfofo de Domingo

António Dias Lourenço Foi uma grande Festa esta de 1991

Amigos, Companheiros,
Estimados convidados,
Camaradas

A Festa do «Avante!» de 1991 está a chegar ao fim.

Há um ano tivemos a alegria imensa e o orgulho de a termos realizado em terreno próprio nesta bela Quinta da Atalaia.

No ano que transcorreu tumultuosas transformações se produziram. Ventos de mudança sopraram fortes e mudaram a fisionomia política do Mundo.

Mas apesar de todos os cataclismos este ano aqui estamos de novo neste espaço que é nosso, que resulta de um extraordinário esforço colectivo, do contributo financeiro, da militância excepcional e do muito amor de milhares de camaradas e de amigos do nosso Partido e da Festa.

E afinal, perante o êxito desta grandiosa iniciativa de massas e deste impressionante Comício, forçoso é concluir que num universo dilacerado por agudas contradições, envolvido por densas brumas, onde focos de insegurança, de incerteza e de conflito conturbam os nossos horizontes, continua a haver largas clareiras de esperança, de confiança no futuro, de solidariedade entre todos os que aspiram a um mundo melhor, grandes espaços acolhedores e abertos para uma larga e sã convivência democrática.

A Festa do «Avante!» é um desses espaços, uma dessas rasgadas clareiras onde a confraternização popular na sua expressão mais profunda tem um lugar próprio - um grande encontro de amigos cujas diferenças de opinião não têm força para anular aquilo que de fundamental nos aproxima e aqui nos reunii nestes três inesquecíveis dias.

Recebi a honrosa incumbência de vos transmitir em nome da Comissão Organizadora as nossas mais cálidas saudações, o nosso profundo reconhecimento pela vossa presença e a vossa entusiástica participação sem o que a Festa do «Avante!» perderia a sua principal razão de ser.

Uma palavra muito especial deve ser dirigida aos jovens que em número tão elevado deram e estão dando à Festa o fulgor da sua alegria, da sua juventude, do seu contagioso entusiasmo.

Neste fim de Festa esperamos que dela guardeis uma inapagável recordação, que no regresso às vossas terras de origem não vos sintais defraudados.

A todos vós que de todas as regiões do nosso país e de longínquas paragens de além-fronteiras viestes até à Quinta da Atalaia - só em autocarros aqui se deslocaram mais de 210 excursões - um muito e muito obrigado.

Tenho também o encargo de realçar perante vós o extraordinário esforço dos obreiros da Festa, de todos os que a puseram de pé, que dirigiram e acompanharam dia a dia os complicados trabalhos de infra-estruturas - algumas já para ficarem de raiz para o futuro - de planificação, de montagem, de decoração, de administração, de organização de uma complexa «empresa» que só no último mês com um efectivo permanente de cerca de 80 camaradas e desde os começos do Verão com mais de 9000 jornadas voluntárias de trabalho de camaradas e amigos da Festa, alguns dos quais fizeram aqui uma parte das suas férias, trabalharam no duro para nos proporcionarem o que pudesteis ver de trabalho qualificado.

Num momento em que uma exigente campanha eleitoral solicita um activo empenhamento de todos os comunistas, todos podemos avaliar a intensidade do esforço despendido e a depender nos dias imediatos até às eleições.



Os nossos detractores costumam falar em termos depreciativos daquilo a que eles chamam a «máquina do PCP». Eles não sabem que as «peças» desta máquina não são de frio metal; não são autómatos que se movem pelo carregar do botão dos chefes. São homens, mulheres e jovens dotados de grande operosidade, de inteligência, de incedível espírito militante e uma noção apurada da causa e das tarefas por vezes muito complexas do seu Partido no momento actual.

Uma menção particular é devida aos camaradas da Amora, do Seixal, de todo o distrito de Setúbal, aos de Lisboa, Amadora, Loures e Vila Franca, aos de Santarém e outros que em grande número aqui passaram.

Esta magnífica pequena cidade de diversão, de belas e originais linhas, fala da qualidade do trabalho produzido.

Para todos esses esforçados e muitas vezes anónimos obreiros a nossa saudação mais calorosa, o abraço fraterno de todos os camaradas.

Uma palavra deve ser dita de reconhecimento aos artistas plásticos que ilustraram com os seus trabalhos a Bienal da Festa do «Avante!» que entrou já no calendário nobre da Arte em Portugal; aos actores e atrizes que abri-lhantaram o Avanteatro, aos cantores, aos músicos, aos grupos folclóricos, aos desportistas e ginastas que tão superiormente animaram a festa.

Queridos Amigos

Esta grandiosa iniciativa de massas não poderia efectivar-se com êxito sem contar com o apoio, a operacionalidade e a funcionalidade dos serviços públicos essenciais.

Pudemos com desvanecimento constatar o valor da ajuda e o sentido de serviço cultural de uma iniciativa com as dimensões e o prestígio da Festa do «Avante!» da parte de dezenas de entidades públicas das quais recorremos e fomos atendidos, o que penhoradamente agradecemos: serviços e equipamentos de limpeza e assistência imprescindíveis num empreendimento deste envergadura e desta natureza.

Várias autarquias, independentemente da sua composição política, queremos aqui mencionar:

Em primeiro lugar a Câmara Municipal do Seixal que nos deu um apoio mais directo decidido por unanimidade por todas as forças políticas que a compõem, assim como a Junta de Freguesia da Amora. Também as Câmaras Municipais de Almada, Barreiro, Alcochete, Moita do Ribatejo, Sesimbra, Lisboa, Loures, Alcácer do Sal, Coruche, Grândola, Oeiras, Palmela, Torres Vedras, Vila Franca, Amadora, Sines, Santiago do Cacém, Sintra.

Também a autoridades e empresas de serviços públicos desejamos referirmo-nos e agradecer.

Ao Comandante Distrital da PSP de Setúbal e de maneira mais directa aos destacamentos do Seixal e da Cruz de Pau;

Ao comando do Batalhão N° 2 da GNR e à Brigada de Trânsito da mesma Guarda;

Ao Governador Civil de Setúbal pelas facilidades concedidas;

Ao Comando Operacional de Setúbal - Oeste dos Bombeiros Voluntários;

À Direcção das Estradas de Setúbal; à EDP; aos CTT e TLP do Distrito de Setúbal; ao CEP-7 da Rodoviária Nacional; à EDP; à Transtejo; aos Conselhos de Gestão do Metropolitano de Lisboa e da Carris, à SOGAS;

Às colectividades de Cultura, Recreio e Desporto Amora Futebol Clube, Sociedades Filarmónicas Timbre Seixalense e União Seixalense; à Sociedade Recreativa do Bairro da Bela Vista, ao Clube Recreativo do Feijó; à Sociedade do Vale do Fetal; à SFUAP; à Cooperativa Piedense.

De modo particular queremos agradecer a atitude colaborante dos moradores do Bairro 25 de Abril, Medideira e da Quinta da Princesa às quais pedimos imensa desculpa pelos incómodos causados. Como vêdes uma iniciativa como a Festa do «Avante!» não poderia dispensar a ajuda, a colaboração e a compreensão de tão numerosas entidades.

Camaradas e Amigos

Deixamos para o fim a referência aos nossos convidados estrangeiros a quem manifestamos um vivo reconhecimento pela sua presença.

Depois da sórdida campanha reaccionária para tentarem desacreditar internacionalmente o PCP e montar a farsa do nosso isolamento é com alegria que mencionamos as 37 delegações fraternas de órgãos de imprensa partidária e de partidos e organizações dos países seguintes:

Da Europa

Alemanha - Partido Comunista Alemão
Áustria - Partido Comunista da Áustria
Chipre - Partido Progressista do Povo Trabalhador - AKEL
Dinamarca - Partido Comunista da Dinamarca
Espanha - Partido Comunista de Espanha
Partido Comunista dos Povos de Espanha
Partido dos Comunistas da Catalunha
França - Partido Comunista Francês
Grécia - Partido Comunista da Grécia
Hungria - Partido Ope-rário Socialista Húngaro
Itália - Refundação Comunista
Polónia - Social Democracia da República da Polónia
URSS - Jornal Pravda

África

África do Sul - Partido Comunista Sul-Africano
Angola - MPLA - Partido do Trabalho
Argélia - Partido da Vanguarda Socialista da Argélia
Cabo Verde - P.A.I.C.V.
Guiné Bissau - P.A.I.G.C.
Moçambique - Partido FRELIMO

América Latina

Bolívia - Partido Comunista da Bolívia
Brasil - Partido Comunista Brasileiro
Colômbia - Partido Comunista Colombiano
Cuba - Partido Comunista de Cuba
El Salvador - Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional - FMLN
Nicarágua - Frente Sandinista de Libertação Nacional - FSLN
Paraguai - Partido Comunista Paraguai
Uruguai - Partido Comunista do Uruguai

Ásia

Arábia Saudita - Partido Comunista na Arábia Saudita
Barheïn - Frente de Libertação Nacional do Barheïn
China - Partido Comunista da China
RDP Coreia - Partido do Trabalho da Coreia
Filipinas - Frente Democrática Nacional das Filipinas
Japão - Partido Comunista Japonês
Líbano - Partido Comunista Libanês
Palestina - Organização de Libertação da Palestina
Timor-Leste - FRETILIN
Vietnam - Partido Comunista do Vietnam

Enviaram-nos ainda sensibilizantes e significativas saudações, por impossibilidade de estarem presentes, os seguintes partidos e organizações.

Partido da Esquerda da Suécia, Partido Socialista da Austrália, Partido Comunista dos Estados Unidos, Partido Tudeh do Irão, Partido Comunista do Chile, Partido Socialista Búlgaro, Partido Popular da Mongólia, Partido Comunista da Índia (Marxista), Partido Democrático Socialista da Alemanha, Partido Comunista da Boémia e Morávia, da Checoslováquia, Partido Democrático da Esquerda, de Itália; Partido dos Trabalhadores do Brasil e Partido Comunista da Finlândia.

Como se vê são um bocado mais que as 3 delegações que a nossa TV e alguns outros conspícuos órgãos de comunicação social apostados na tese do isolamento internacional do PCP anunciaram.

É caso para dizer que nisto também lhes estalou a castanha na boca.

E vou findar. Suponho, camaradas, que estais de acordo comigo: foi uma grande Festa do «Avante!» esta de 1991, não é verdade?

Bom regresso às vossas terras e às vossas casas.

Cá vos esperamos para o ano.

Viva a Festa do «Avante!»

Viva o PCP!





O comício da Festa mostrou Vivos, activos, prontos para a campanha

Os militantes e apoiantes do PCP e da CDU - como se viu no comício da Festa do «Avante!» - estão vivos e despertos para a realidade, recusam baixar os braços e vão mobilizar o melhor dos seus esforços para a campanha eleitoral em que, na prática, já entraram as forças concorrentes às eleições de 6 de Outubro.

O comício de domingo à tarde é tradicionalmente o momento político de maior significado nos três dias da Festa do «Avante!». Ocorrendo num momento de *ren-trée*, representa uma boa oportunidade para lançar as ideias fundamentais do trabalho do Partido para o ano de trabalho que se inicia. Na 15ª Festa - com as eleições legislativas a aproximarem-se a passo largo e com a vertiginosa e preocupante evolução da situação na URSS - o comício revestia-se de ainda maior importância.

Às 17 horas, António Abreu, do Comité Central e mandatário da CDU em Lisboa, começou a chamar para o palco os membros das delegações estrangeiras presentes este ano na Festa, representantes das forças e pessoas que com os comunistas estão na CDU (PEV, ID, independentes e UDP), os cabeças-de-lista da coligação por todos os círculos eleitorais, os membros a Comissão Nacional da Festa do «Avante!», da CEN do CC, da CCCQ, do Secretariado e da Comissão Política do CC, a delegação da DN da Juventude Comunista Portuguesa, e os camaradas Carlos Carvalhas e Álvaro Cunhal.

O ambiente festivo impôs-se logo de início, com foguetes, balões, muitas bandeiras da CDU, do PCP e da JCP, e com os aplausos e vozes de dezenas de milhares de pessoas que enchem o anfiteatro do Palco 25 de Abril e que ocupavam também boa parte das artérias e encostas com melhor visibilidade.

Tal como nos restantes momentos da Festa, notava-se um grande número de jovens entre os participantes no comício. Também, a par dos militantes mais entusias-

mados, viam-se caras atentas e composturas menos efusivas, a deixar adivinhar que ali estava muita gente não comunista, mas interessada na mensagem do Partido.

Foi um comício vivo. As pessoas (houve jornais que contaram 50 mil) não se limitavam a ouvir, mas manifestavam alto e a bom som as suas posições, interrompendo as intervenções com aplausos, com vaias e assobiadelas (sobretudo se da tribuna algum orador se referia ao Governo laranja, à informação da RTP ou aos ataques contra o PCP) e com palavras de ordem (destaque para «CDU! CDU!», «PCP! PCP!» e «Assim se vê a força do PC!»).

No comício, que terminou pouco depois das 18.30 horas, intervieram o director do «Avante!», António Dias Lourenço; Amélia Pardal, da Direcção Nacional da JCP e candidata da CDU por Lisboa; Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP e cabeça-de-lista da CDU por Lisboa; e Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido.



Carlos Carvalhas Dar prioridade ao Homem é a exigência maior do nosso tempo

Camaradas e amigos

Em nome dos candidatos da CDU, saúdo todos os presentes e todos os activistas que, ao longo desta pré-campanha e contra todos os silenciamentos, deturpações e manobras de diversão, têm congregado o melhor dos seus esforços, energias e capacidades, na afirmação da CDU como grande espaço democrático em defesa dos trabalhadores, das liberdades, da democracia, do desenvolvimento económico e social e da independência nacional.

Que não haja dúvidas, camaradas e amigos! Aqueles que gostariam de nos ver enfraquecidos são os que gostariam que enfraquecesse a luta em defesa da justiça social, que enfraquecesse a luta, com tradução prática na vida quotidiana dos cidadãos pelos valores da liberdade, da igualdade de oportunidades, da fraternidade e da solidariedade.

Aqueles que gostariam de nos ver enfraquecidos e de ver a vida política do país reduzida a um rotativismo sem real alternativa, são os que gostariam que enfraquecesse esta voz incómoda, que apresenta alternativas, que tem soluções e que não se calanem vacila perante as prepotências, a exploração, as iniquidades, o negociamento e a corrupção. Há por isso razões suplementares para que a CDU seja reforçada, condição essencial para a derrota da direita e para a construção de uma verdadeira alternativa democrática. Hoje, mais do nunca, o voto que dá garantias de uma política de esquerda, que assegura a coerência entre as palavras e os actos é o voto na CDU.

Não somos, camaradas e amigos, dos que nos demitimos das nossas responsabilidades nem dos que entram em pânico com as dificuldades. O nosso trabalho e seriedade falam por nós.

O nosso peso e presença efectiva na sociedade portuguesa é o fruto da riqueza da nossa acção, nos sindicatos, nas associações populares e recreativas, no poder local, na Assembleia da República, no P.E., é a natural consequência do nosso profundo empenhamento em todas as esferas da vida nacional em dar resposta a esta questão: como tornar melhor a vida do nosso povo, como responder cabalmente à exigência maior do nosso tempo; dar a prioridade ao Homem.

Encaramos por isso estas eleições com confiança, com determinação e com serenidade, como força responsável, necessária e insubstituível, dirigindo-nos aos trabalhadores, à inteligência e à sensibilidade das portuguesas e dos portugueses, procurando debater os grandes problemas com que estão confrontados e as nossas propostas e soluções, as grandes reformas de que Portugal necessita e os complexos e variados desafios que se colocam ao nosso país nestes próximos anos. Um Portugal coeso e solidário não é um país resignado aos baixos salários, à exploração da mão-de-obra infantil, à discriminação das mulheres, às reformas de miséria, ao bloqueamento das perspectivas para a juventude. Para nós não há coesão, sem justiça social, sem a dimensão social e ecológica do crescimento e a modernização e valorização do aparelho produtivo, sem o combate à degradação da vida urbana, sem a valorização do mundo rural, sem uma visão ambiciosa e solidária do ordenamento do território, do equilíbrio regional, da implementação da regionalização. Há lugar para um Portugal moderno, um Portugal de progresso e justiça numa Europa de Paz e cooperação.

Nós homens do século XX no limiar do século XXI, convictos dos nossos ideais, sabemos que vale a pena lutar e onde os nossos adversários sonhavam encontrar-nos tolhidos por dificuldades e críspações e envolver-nos e aqueles que em nós confiam nas malhas da indiferença, do desânimo e das claudicações, vieram encontrar-nos nesta Festa do Avante e irão encontrar-nos na campanha eleitoral, dinâmicos, sólidos, combativos, tolerantes, abertos para a vida e para o mundo, voltados para o futuro, capazes de uma visão rasgada e inovadora da sociedade, destacados protagonistas de um indefectível compromisso com a liberdade e a democracia e de um incomparável empenhamento em defesa do nosso povo e da nossa Pátria.

Viva Portugal!
Viva o Partido Comunista Português!
Viva a CDU!

Amélia Pardal

Temos um projecto capaz de concretizar os nossos direitos sonhos e aspirações

Camaradas e amigos

Quero, em nome da Juventude Comunista Portuguesa, saudar calorosamente todos os jovens presentes na Festa, os jovens comunistas pela Cidade da Juventude que construíram, e todos os que contribuíram para a construção da Festa, deste imenso espaço de liberdade, participação, criatividade e convívio.

Mas quero também enviar uma saudação especial a todos vós que estais neste grandioso comício, nesta grande afirmação de alegria e confiança no futuro.

A Festa é já para muitos milhares de jovens ponto de encontro obrigatório. É um local apetecível, é um acontecimento esperado e desejado.

A Festa é tempo de fazer e reencontrar amigos, é tempo de confraternizar, de conversar, é tempo também de reflexão e preocupação com Portugal e com o mundo.

Mas a Festa é também tempo de um desejo imenso de transformar, de uma vontade de construir um projecto para Portugal capaz de permitir que nos realizemos plenamente.

É tempo de uma vontade de luta pela erradicação da exploração, da miséria, das desigualdades sociais, de todas as formas de opressão.

É tempo de afirmar com determinação os nossos ideais de justiça, liberdade, democracia, paz e solidariedade.

Camaradas e amigos,

É com esta força e esta vontade que daqui levamos, que vamos intervir com alegria, criatividade, vigor e confiança na campanha eleitoral para que as eleições de 6 de Outubro se tornem uma real possibilidade e de concretizar um projecto capaz de dar resposta aos problemas e aspirações dos jovens neste final de século.

O PSD está no governo há muitos anos. É o partido da PGA e da manutenção do «numerous clausus», é o partido do trabalho precário, das dificuldades de acesso à habitação, é o partido da injustiça social. É o partido das promessas não cumpridas, das soluções adiadas, da real incapacidade de proporcionar aos jovens uma plena realização profissional e pessoal.

Mas é possível mudar, é possível um amanhã melhor para os jovens portugueses.

Na CDU, temos um projecto capaz de concretizar os nossos direitos, sonhos e aspirações. Somos diferentes pelas nossas propostas, pelo trabalho que desenvolvemos e pela profunda ligação e conhecimento que temos dos problemas e aspirações juvenis.

Somos diferentes, porque ao contrário de outros, levámos à Assembleia da República propostas de solução para os problemas mais sentidos pelos jovens.

É assim que vamos continuar. Temos um manifesto eleitoral com propostas e soluções: pelo direito à educação; por um emprego estável e com direitos; pelo acesso dos jovens à habitação; pela participação, valorização humana e a realização pessoal.

É pois com confiança que os jovens portugueses podem dar o seu voto à CDU e podem com toda a certeza confiar nos jovens eleitos nas listas da CDU nas próximas eleições, pela justiça das nossas propostas, o trabalho realizado e a imensa vontade de agir e mudar.

Vamos levar a alegria, vontade e criatividade que nos caracterizam para a campanha, vamos contribuir para que a CDU tenha uma intervenção dinâmica, capaz de ganhar muitos mais jovens para o nosso projecto.

Venham connosco, marcamos encontro na campanha da CDU. Com determinação e confiança vamos continuar em Festa na Juventude CDU, na campanha que vale a pena para fazer hoje o amanhã que queremos.

Pavilhão Central Um largo e fraternal debate

Sempre o Pavilhão Central foi uma área de debates, de encontros, de esclarecimento. Desta vez, mais do que nunca. Vários espaços, por vezes em simultâneo, solicitavam a atenção e a participação - que muitas vezes foi viva e animada, e outras tantas vezes transbordou do tema inicialmente proposto - dos visitantes da Festa.

Uma nota, desta vez - e quem não reparou? - foi a larga presença de jovens na área do Pavilhão. Mesmo a participação nos colóquios de muitos deles.

Esta afluência e este interesse é perfeitamente compreensível, e só não a viu quem não quis ver, e só o não afirma quem o quer calar. Nestes tempos em que tantos declaram a morte do comunismo e em que alguns põem em dúvida a sua identidade em muitos lugares do globo, nestes tempos em que as eleições se aproximam e se abrem possibilidades de uma alternativa democrática à política de direita, é natural que se acorra a ouvir a palavra dos comunistas portugueses.

Mas, como se pôde verificar, não se tratou apenas de ouvir, de dar e receber testemunhos, de apreciar propos-

tas. Mas de debater e de, em cada momento, manifestar a sintonia mais larga com as posições defendidas pelo partido, de interessadamente discordar aqui e ali, de fundamentalmente apoiar, de esclarecer, de mostrar ânimo e combatividade para as próximas lutas.

Na Esplanada, em convívio com os candidatos da CDU, vindos de todo o país, os candidatos expuseram os problemas da sua região, mostrando um conhecimento aprofundado dos mesmos e adiantando as soluções que os comunistas e seus aliados avançam.

No espaço do Militante, dirigentes prestigiados do Partido falaram do passado e do presente dos comunistas portugueses, lembraram as raízes históricas e as lutas do passado, entroncando-as no presente, virados com a mesma coragem e determinação para as batalhas do futuro.

No Fórum, o ciclo de colóquios que desenvolveu o tema «Projecto de Futuro para um Portugal Melhor», desdobrou-se nos vários e diversificados projectos em que se traduz. Das questões do Estado, do Direito e das

Liberdades aos problemas e projectos de Desenvolvimento, às questões Sociais e Laborais, aos problemas Políticos do momento actual, às questões da Soberania e da Independência Nacional, um mundo de problemas veio

a lume para ser debatido, tendo como base o Projecto do PCP. Dirigentes do Partido, deputados, sindicalistas, homens e mulheres cujos conhecimentos, experiência e saber político têm estado sempre ao serviço dos trabalhadores, do povo e da democracia, dialogaram com muitos milhares de pessoas ao longo dos três dias de uma Festa que também foi luta para a qual o PCP contribuiu com um Projecto de Futuro para um Portugal Melhor.

Entre um colóquio e um debate, no final ou no começo de um passeio ou de uma visita a exposições, havia um espaço de amizade - a esplanada. Onde o convívio em torno de um café ou de um refresco muitas vezes reflectia os debates em que cada um havia já participado, onde a fraternal dúvida e crítica se deslindavam na discussão animada que entrava pela noite dentro.



A VII Bienal de Artes Plásticas constitui, uma vez mais, um dos mais interessantes pontos do vasto programa da Festa. Em cima, durante a inauguração



Cidade Internacional

Presença solidária

A Cidade Internacional foi um espaço de onde irradiou a solidariedade revolucionária das quatro dezenas de delegações de partidos comunistas, movimentos de libertação e outras forças progressistas presentes na Festa do «Avante!».

Nestas páginas publicamos a lista das delegações e saudações. As fotografias mostram alguns momentos da festa da solidariedade. Mas quem lá esteve - passeando-se do restaurante chinês para o pavilhão de Timor-Leste, da Palestina para a Coreia ou para a Argélia, do stand do «Pravda» para o da Colômbia, de Angola ou Moçambique para o «Humanité» - quem lá esteve é que pôde sentir o abraço amigo, o forte aperto de mão, as palavras de

resistência, esperança e luta, o olhar claro e determinado dos que, nos cinco continentes, combatem pela democracia, pelo progresso social, pelo bem-estar dos seus povos, pelo socialismo.

Quem esteve na Cidade Internacional pôde provar comidas exóticas, comprar uma peça de artesanato que veio do outro lado do mundo, ver jornais e fotografias que falam de outras lutas noutras terras, participar num dos momentos de solidariedade.

Para os representantes estrangeiros - e eles próprios o disseram ao «Avante!» - a Festa foi um momento importante para darem a conhecer a sua luta e para receberem a solidariedade de milhares de visitantes da Cidade Internacional.

Mas a sua participação na Festa permitiu-lhes também conhecer melhor Portugal e os portugueses, e manifestar a sua solidariedade a quem luta, aqui, por objectivos que respondem às necessidades e interesses do povo, por ideais que continuam válidos apesar da enorme pressão para lhes fazer o funeral ainda em vida.

Isto se viu, de forma muito clara, no encontro que Álvaro Cunhal (acompanhado por Carlos Carvalhas, Dias Lourenço e outros dirigentes do Partido) teve com os camaradas das forças e jornais presentes na Festa. Mas também o pôde ver quem esteve na Cidade Internacional.

A solidariedade não morreu, não.

Trinta e sete delegações presentes na Festa

É a seguinte a relação completa das delegações presentes na XV Festa do «Avante!»:

Europa:

Alemanha: Partido Comunista Alemão (Manfred Demmer); **Austria:** Partido Comunista da Áustria

(Rudolf Reiter, membro da Direcção Nacional); **Chipe:** Partido Progressista do Povo Trabalhador - AKEL (Antonis Christodoulou, membro do Bureau Político e chefe de redacção do órgão central); **Dinamarca:** Partido Comunista da Dinamarca (Ole Rasmussen, membro do CC, e Kirsten Buchhave); **Espanha:** Partido Comunis-

ta de Espanha (Pedro Pablo Novillo, membro do CC); Partido Comunista dos Povos de Espanha (Joaquim Boix, secretário de organização do CC - observador); Partido Comunista da Catalunha (Felix Ferre, membro do Comité Executivo - observador); **França:** Partido Comunista Francês (Patrick Apel Muller, chefe de



A Festa, um forum único em Portugal de debate e troca de opiniões



José Vitoriano num colóquio no auditório de «O Militante»



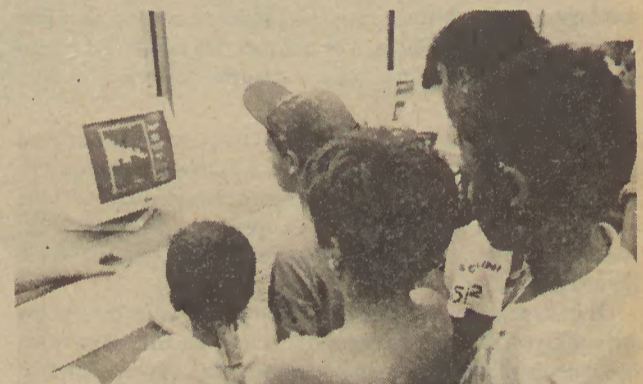
Uma visitante experimenta um velho prelo manual com que, durante décadas, se imprimiram os materiais clandestinos do PCP



No Pavilhão Central estiveram diversas peças do Museu do PCP



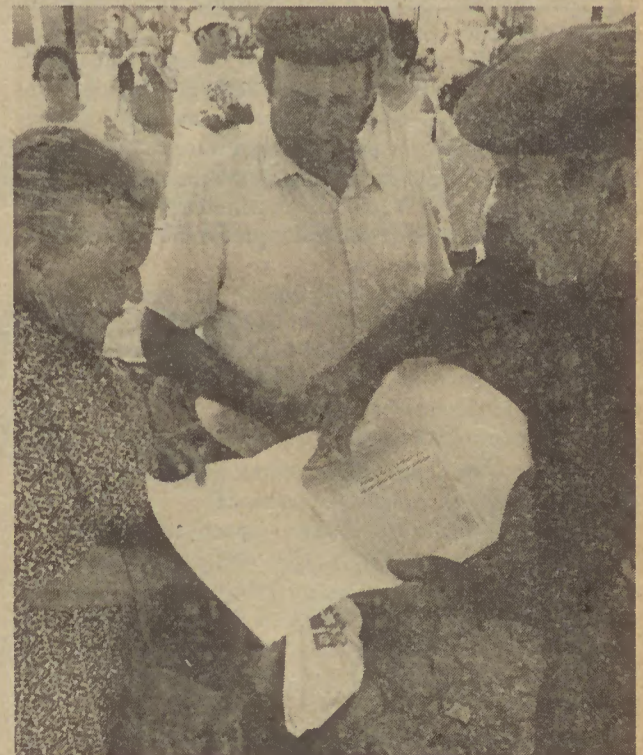
A exposição de filatella, este ano de novo um êxito



A Inforfesta atraiu a atenção dos mais jovens, mas também dos adultos que participaram activamente nos colóquios sobre a música e a informática



O Centro do Livro e do Disco teve este ano, de novo, a dimensão a que a Festa habituara e registou um movimento que confirmou a sua importância como elemento central do programa cultural da Festa



Alguns exemplares do «Avante!» clandestino foram vendidos na Festa como iniciativa de fundos

edição do «L'Humanité»); Grécia: Partido Comunista da Grécia (Babis Angourakis, jornalista do «Rizospastis»); Hungria: Partido Operário Socialista Húngaro (Lazlo Hevessy, membro da direcção, primeiro secretário da organização de Budapeste); Itália: Refundação Comunista (Fausto Sorini, vice-responsável do Departamento Internacional); Polónia: Social Democracia da República da Polónia (Jozef Szewczyk, editor assistente do «Tribuna»); URSS: Jornal «Pravda» (Nikolai Demidov, redactor do «Pravda», e Serguei Opochniansky, adjunto da Secção Internacional do «Pravda»).

África:

África do Sul: Partido Comunista Sul-Africano (Essop Pahad, responsável da Secção Internacional do PCSA); **Angola:** MPLA-Partido do Trabalho (Bomito de Sousa, membro do Bureau Político); **Argélia:** Partido da Vanguarda Socialista da Argélia (Kedar Rabah e Touati Lakhdar, membros do CC); **Cabo Verde:** P.A.I.C.V. (Pedro Barros e Iva Cabral); **Guiné Bissau:** P.A.I.G.C. (conselheiro da embaixada em Lisboa); **Mocambique:** Partido FRELIMO (Mário Nguenha).

América Latina:

Bolívia: Partido Comunista da Bolívia (Mireya M.

de Soto e Lilian Goutia Marin); **Brasil:** Partido Comunista Brasileiro (Murillo Melo e Sara Melo); **Colômbia:** Partido Comunista Colombiano (Jaime Guerrero); **Cuba:** Partido Comunista de Cuba (Alberto Rodriguez Arufe, responsável para a Europa no Departamento Internacional do PCC, e Manuel Delgado Perez, do Bureau Nacional da UJC); **El Salvador:** Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (Esmeralda Cardenas); **Nicarágua:** Frente Sandinista de Libertação Nacional - FSLN (Margarita Zapata); **Paraguai:** Partido Comunista Paraguai (Anania Maidana, secretário-geral); **Uruguai:** Partido Comunista do Uruguai (Alexandro Courevitch).

Ásia:

Arábia Saudita: Partido Comunista da Arábia Saudita (Kassim Saleh Obied; a delegação não chegou a entrar em Portugal por não lhe ter sido concedido visto à entrada no aeroporto); **Barhein:** Frente de Libertação Nacional do Barhein (Ali Naji Abdula); **China:** Partido Comunista da China (Jiang Chunyun, membro do CC, Wang Linjin, do Departamento do CC para as relações exteriores, Zhou Qioutian, subdirector da Comissão de Planeamento da província de Shandong, e He Huizhong); **República Democrática Popular da Coreia:** Partido do Trabalho de Coreia (Rim Sun Pil, chefe da secção do Departamento Internacional do PTC); **Filipinas:** Frente Democrática Nacional das Filipinas (Rene Mahilon, responsável das Relações Internacionais na Europa); **Japão:** Hisashi Kato, correspondente em Roma do «Akahata»; **Libano:** Partido Comunista Libanês (Ghasan Saliba, responsável em Espanha); **Palestina:** Organização de Libertação da Palestina - OLP (Hanan Awad, escritora palestina, da Liga Internacional das Mulheres pela Paz e a Liberdade da Palestina); **Timor-Leste:** FRETILIN (António Maria Araújo, coordenador da Fretilin em Lisboa); **Vietname:** Partido Comunista do Vietname (Njuyen Van Yiy, conselheiro da embaixada em Paris).

Enviaram saudações à Festa os seguintes partidos: Partido do Socialismo Democrático - Alemanha, Partido Socialista da Austrália, Partido dos Trabalhadores - Brasil, Partido Socialista Búlgaro, Partido Comunista da Boémia e Morávia e Partido da Esquerda Democrática - Checoslováquia; Partido Comunista do Chile; Partido Progressista Unionista Nacional do Egipto; Partido Comunista dos Estados Unidos da América; Partido Comunista da Finlândia (Unidade); Partido Comunista da Índia (Marxista); Partido do Povo do Irão; Partido Comunista de Israel; Partido Democrático da Esquerda - Itália; Partido Popular Revolucionário Mongol.

Os pontos nos iis sobre algumas sondagens

1. Nas suas edições de hoje, tanto «O Jornal» como o «DN», invocando sondagens por si encomendadas, procuram incutir uma imagem de crise no PCP e de queda eleitoral da CDU, associando-as aos acontecimentos na URSS.

2. O semanário «O Jornal» titula «Onda de choque da URSS abala CDU» e embora não publique qualquer quadro sobre intenções de voto actuais, afirma que «o resultado da sondagem, quando se pergunta «em que sentido votou e em quem vai votar» parece confirmar a tendência de queda dos comunistas».

O que «O Jornal» muito bem sabe mas resolveu não dizer aos seus leitores é que a publicação dos resultados da sondagem sobre actuais intenções de voto, por comparação com a sondagem do mesmo semanário e feita pela mesma empresa e publicada em 16 de Agosto, daria a CDU a subir, o PSD a descer vários pontos e o PS estabilizado e, portanto, sem qualquer subida à custa da CDU.

Resumindo, é caso para dizer que, se as sondagens encomendadas por «O Jornal» à Pluriteste forem para levar a sério, então a conclusão que se poderia tirar é que a diferença entre intenções de voto na CDU, antes e depois dos acontecimentos na URSS, seria, não no sentido de queda, mas de uma subida.

Dito isto, nem vale a pena fazer mais comentários sobre a sondagem hoje publicada em «O Jornal» que tem, entre outras edificantes características, a de a respectiva amostra de cidadãos inquiridos incluir mais «quadros superiores» que «operários»!

3. Quanto à sondagem «DN/Markttest» hoje publicada, é muito revelador que nos seus títulos o «DN» apenas fale em «queda» da CDU e do CDS por comparação com os resultados obtidos em 1987, mas se tenha «esquecido» de destacar em título que, segundo os mesmos critérios, o PSD teria caído 11,4 pontos percentuais!!!

É indispensável chamar a atenção para que os resultados atribuídos à CDU, antes e depois da extrapolação com os votos dos indecisos, são pura e simplesmente um caso de absurdo e de incompatibilidade. Com efeito, apresentar a CDU com um resultado «bruto» de 7,2% e, após a distribuição de indecisos, fazê-lo descer para 6,9% é uma rotunda impossibilidade, já que o universo que serve de base ao cálculo de percentagens é exactamente o mesmo.

Por outro lado, a opinião pública também tem direito de saber que uma sondagem (com semelhante dimensão de amostra e o mesmo método) do mesmo matutino e encomendada à mesma empresa e publicada em 5.7.91, atribuiu ao PCP 8,3% e a realizada após os acontecimentos na URSS atribuiu-lhe agora 7,2%, ou seja uma diferença de 1,1% o que não é conclusivo numa sondagem que assume uma margem de erro de 3,1%.

4. É também indispensável lembrar que uma sondagem recente do «JN» (com trabalhos de campo realizados entre 3 e 22 de Agosto e publicada em 1.9) atribuiu à CDU um resultado que poderia atingir os 14,1% e que a sondagem do «Público», realizada já depois dos acontecimentos na URSS e publicada em 3.9.91, explicitava que a CDU poderia atingir os 11,4%.

5. Finalmente, o que mais importa salientar (porque se trata do aspecto mais silenciado e escamoteado) é que todas as sondagens, ao contrário do que os respectivos títulos muitas vezes indicam, apontam para que o PSD perca a maioria absoluta, para que a CDU e o PS alcancem em conjunto a maioria parlamentar, para que o PS sozinho não é alternativa ao PSD e para que a votação e representação parlamentar da CDU são essenciais para uma nova maioria e para a alternativa.

Lisboa, 6 de Setembro de 1991

O Gabinete de Imprensa do PCP



Encontro das delegações internacionais presentes na Festa com a direcção do PCP



De Angola, o MPLA



O Partido Frelimo, de Moçambique



PAICV, de Cabo Verde

O stand do órgão central do Partido cubano, o «Granma»



O stand da Organização de Libertação da Palestina



Partido Comunista da Bolívia



Uma constante de luta, a Frente Sandinista



O Partido Comunista Alemão, presente apesar das difíceis circunstâncias na República Federal



O stand do "Pravda" registou natural afluência e interesse



Vanguarda Socialista da Argélia



Uma presença já habitual, o stand da República Popular da China



Um partido no centro de agudos conflitos do mundo actual, o Partido Comunista Libanês



De França, o "L'Humanité"

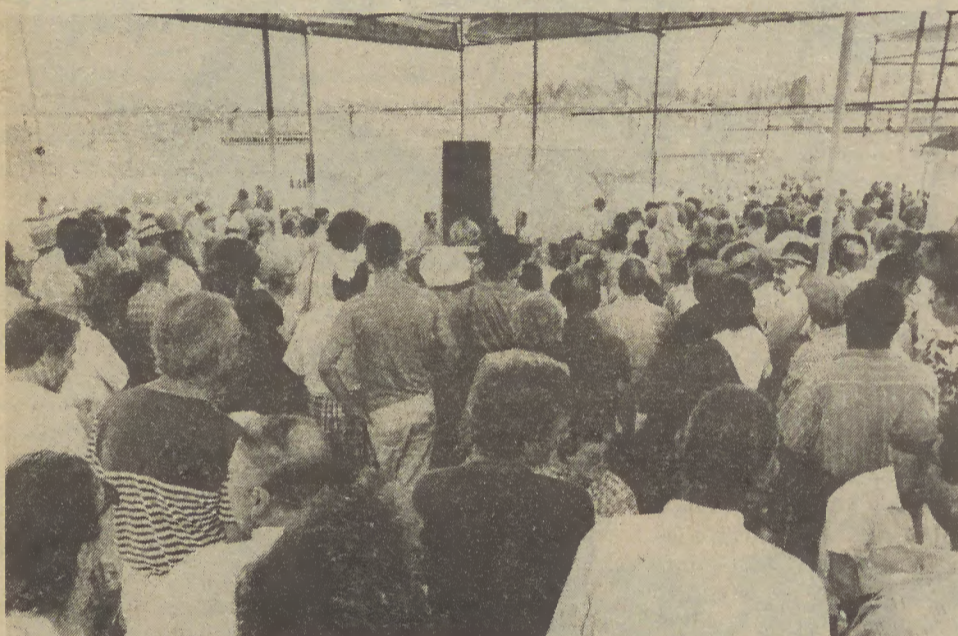


Amigos velhos : o "partidão", como no Brasil é conhecido o Partido Comunista Brasileiro

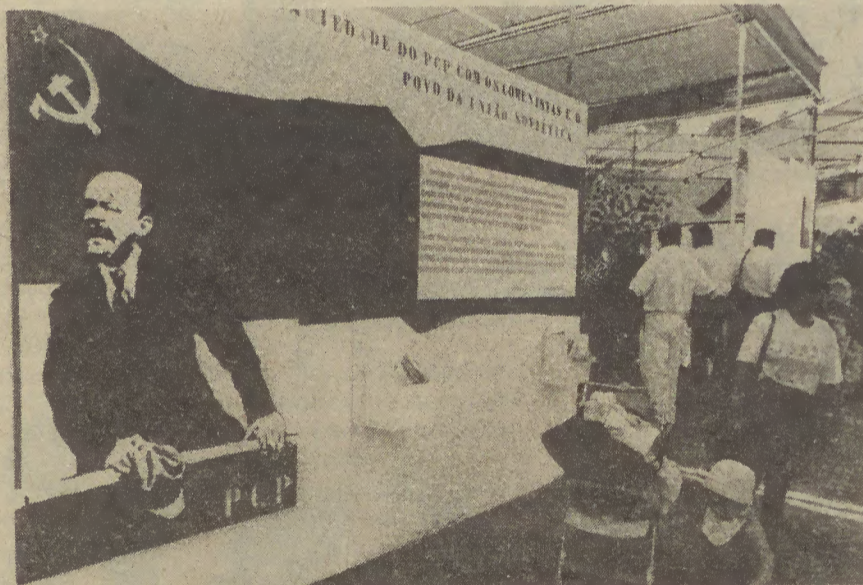


A Frente das Filipinas, uma nova presença na Festa

O stand da Coreia do Norte



Debates e momentos de solidariedade na Cidade Internacional, sempre muito concorridos e participados



Uma Cidade Internacional coerente com os fundos sentimentos internacionalistas dos comunistas portugueses



No stand da Fretilin foram numerosos os militantes que assinaram apelos em favor da luta do povo maubere

África do Sul em véspera de mudanças de fundo

«Cinco empresas controlam a bolsa de Joanesburgo, mais de 87% das terras da África do Sul estão nas mãos da minoria branca.»

São factos referidos por Essop Pahad, responsável da Secção Internacional do Partido Comunista da África do Sul, para sublinhar que «não basta transformar o poder político, é também necessário transformar o poder económico.»

Essop Pahad afirma, entretanto, que a África do Sul está em véspera de mudanças de fundo. Mudanças de fundo que terão repercussões na

cena internacional. E que já hoje pesam na realidade sul-africana. «Neste momento não podemos garantir a continuação do processo democrático - diz Essop Pahad; o regime do apartheid controla a política e as forças repressivas». Mas algumas mudanças já se registaram: «eles compreenderam que não podem derrotar as forças revolucionárias». E assim, por exemplo, após mais de 40 anos de clandestinidade, os comunistas sul-africanos começam a poder lutar legalmente no seu país.

Aliquidação do apartheid

na África do Sul - que corresponde a uma mudança de fundo - é apenas o início de um processo - sublinha o representante do PC da África do Sul na Festa do «Avante!».

Nesta perspectiva histórica, Essop Pahad refere a importância de Outubro de 1917, que «deu um impulso enorme ao movimento revolucionário». E acrescenta que «enquanto houver milhões de pessoas no meu país na miséria, desempregados, sem cuidados de saúde, e um pequeno grupo continuar a viver à sua custa, haverá razões para lutar pelo socialismo».

Timor

O direito à existência

Timor tem direito à existência, a viver na comunidade internacional, como todos os povos livres do mundo, sublinhou António Mota, do CC do PCP, no momento de solidariedade com o povo de Timor-Leste, domingo, no Espaço de Solidariedade da Cidade Internacional. Um direito que entretanto tarda a afirmar-se, apesar de mais de uma década de luta e resistência em que quase 300 mil pessoas foram vítimas da repressão em massa desencadeada pelo governo da Indonésia.

A situação actual - esboçada no encontro por António Araújo, coordenador da Fretilin no exterior - continua a ser de repressão, assumindo agora um carácter mais selectivo. Até 1980 viveu-se

uma repressão em massa, justamente classificada como de genocídio. Hoje, o governo da Indonésia promove uma repressão individualizada. De par de uma significativa presença militar - 15 batalhões estão em permanência em Timor. Um facto que, como diz António Araújo, constitui uma flagrante contradição com as afirmações de governo indonésio, de que só uma minoria se oporia à integração de Timor.

O acordo de cessar-fogo entretanto proposto pelas forças armadas de libertação de Timor-Leste, confirma, nas palavras do representante da Fretilin na Festa do «Avante!», a vitalidade da resistência, que aliás conta com uma grande participa-

ção da juventude.

«Temos vindo a resistir, mas detestamos a guerra», diz António Araújo, que denuncia as ambições expansionistas da Indonésia, uma vez mais confirmadas com a recusa de negociações.

Referindo-se ao arrastamento do problema de Timor, o representante da Fretilin lembra que os negócios com a Indonésia continuam, nomeadamente no que respeita à venda de armamentos, e lamenta que Portugal não tenha compreendido a tempo a causa timorense.

Uma nota de optimismo neste difícil quadro - António Araújo considera que a «comunidade internacional está a tomar consciência da necessidade de resolver o problema de Timor».

«Lutar ao lado do povo» continua a ser a orientação da Frente Sandinista

Manter as conquistas da revolução - em particular o direito à habitação e à terra, o direito à educação e à saúde - é hoje preocupação central da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN).

E nestes dias - nas palavras de Margarita Zapata, representante da FSLN em Paris, presente na Festa do «Avante!» - essa preocupação traduz-se, antes do mais, na luta em defesa da lei 85/86, de 1990, através da qual a Frente, então no poder na Nicarágua, tentou assegurar juridicamente o direito à casa e à terra.

Apoiando-se nesta legislação, a FSLN outorgou títulos de propriedade de casas e terra a muitas dezenas de milhares de trabalhadores. Casas e terras anteriormente confiscadas aos somozistas.

Hoje esta lei é posta em causa na Assembleia Nacional, onde a UNO (associação de diferentes correntes e par-

tidos, e que detém maioria no Parlamento) apresentou uma lei que na prática representa a confiscação de todas as terras e casas anteriormente distribuídas.

A aplicação desta lei afectaria mais de 200 mil pessoas.

Consciente das implicações de tal facto - que poderia levar a uma guerra civil - a presidente Violeta Chamorro, apoiada nos sectores mais moderados da UNO, publica por sua vez um decreto que garante a manutenção dos direitos adquiridos pelo decreto sandinista de 90.

A situação assim gerada criou um grande clima de tensão.

Também noutros domínios essenciais da vida das populações - como os da saúde e educação - se vivem situações difíceis.

Margarita Zapata refere a gravidade dos problemas que se vivem no domínio da saúde, agudizados ainda com

a ameaça da cólera que grassa pela América Latina. Na opinião da representante sandinista na Festa, uma epidemia de cólera na Nicarágua teria consequências ainda mais graves que no Peru. A frente tem vindo a apoiar, com brigadas de vacinação, a luta preventiva contra a cólera.

No que respeita à educação, dadas as limitações orçamentais, corre-se o perigo de 150 mil crianças ficarem sem escola neste ano lectivo (situação desconhecida nos anos em que a Frente esteve no poder). Por outro lado, já no ano passado 8.000 jovens não puderam entrar na Universidade, número que tende a crescer e que reflecte a crescente dificuldade dos filhos dos trabalhadores entrarem na Universidade.

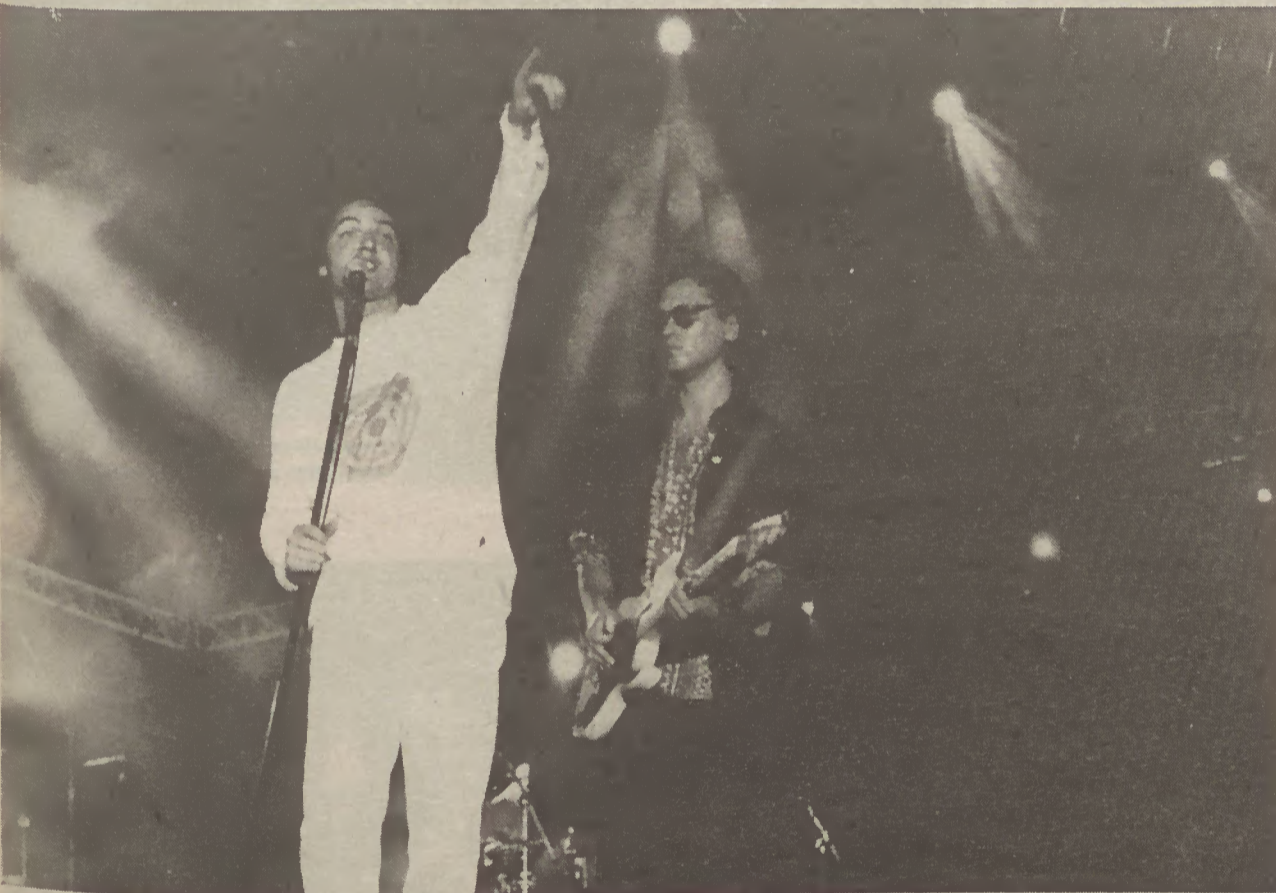
Neste quadro «o princípio por que a FSLN se norteia continua a ser - lutar ao lado do povo».



Gianna Mannini e Franco Faraldo



Gianna foi o que se anunciava: um grande e apaixonante espectáculo



Palco «25 de Abril»: os Delfins, um espectáculo que ficará entre os melhores momentos das Festas



Rafael Riqueni: muitos dizem que foi dos melhores espectáculos de sempre



Oyster Band e June Tabor: o rock-folk de um grupo de culto da Grã-Bretanha de novo provou que o empenhamento político pode caminhar a par e passo com a qualidade da música e do espectáculo



João Peste e os Pop del'Arte: a primeira noite no Palco «25 de Abril»



Jornalistas do «Pravda» ao «Avante!» Contentes com a Festa, magoados por alguma imprensa

Serguei Oposhnianski e Nikolai Demidov vieram pela primeira vez a Portugal para a Festa do «Avante!» deste ano, em representação do colectivo de jornalistas do «Pravda». Vão de cá contentes com o que viram e sentiram na Atalaia, embora magoados com o que a propósito se escreveu em alguma imprensa.

«Tivemos oportunidade de ver que a Festa é uma iniciativa bem organizada e na qual participam muitas pessoas que não são comunistas, tal como nos diziam em Moscovo camaradas que participaram em anteriores edições» - disse ao «Avante!», domingo à noite, Serguei Opochnianski, quando pedimos aos dois jornalistas soviéticos para nos falarem da sua participação na Festa.

Também Nicolai Demidov leva consigo «as melhores impressões». Agradou-lhe, sobretudo, o facto de no pavilhão do «Pravda» ter havido «sempre muita gente, e todos com uma relação muito generosa para conosco». Para este jornalista, «é demonstrativo do grande interesse do povo português por aquilo que se passa no nosso país» que, tanto ele, como Serguei, tenham sido abordados durante o fim-de-semana por comunistas e por não comunistas.

As «muitas perguntas» que lhes foram colocadas demonstravam, na opinião de Serguei Opochnianski, «inquietação, preocupação e solidariedade para com os comunistas de base» na URSS. Para ele, a afluência à Festa de centenas de milhar

de pessoas «mostra que as ideias do partido encontram apoio nas massas».

Os jornalistas soviéticos recordaram que com eles vieram de Moscovo três cozinheiras, que não tiveram mãos a medir no restaurante. O espaço do «Pravda» teve ainda uma exposição onde colocaram diversas fotografias e exemplares do número do jornal de 23 de Agosto (o dia em que retomou a sua publicação após ter sido proibido pelo presidente da Rússia) e dos dias seguintes.

Depois de manifestar o seu desejo de que vão prosseguir os contactos do «Pravda» com o «Avante!», Serguei fala da situação «difícil» em que se encontra actualmente o diário onde trabalha. «Mas não nos vamos tornar, de modo algum, num jornal anti-comunista», faz questão de sublinhar, apontando como linha mestra da actuação futura do jornal «defender as pessoas, do partido ou não, que mais precisam de ser defendidas do ponto de vista social e que mais precisam de uma visão real, objectiva, verdadeira, da situação no país».

Já tínhamos conhecimento, na altura, da entrevista dada à agência Lusa por Serguei e Nikolai, na qual refuta-

vam afirmações que lhes foram atribuídas no «Expresso» da véspera. «Os jornalistas soviéticos negaram que tivessem recebido pressões da organização da Festa para não afixarem no seu pavilhão exemplares do «Pravda» de 19 de Agosto» - afirmava-se no telegrama difundido pela Lusa pouco depois das zero horas de domingo.

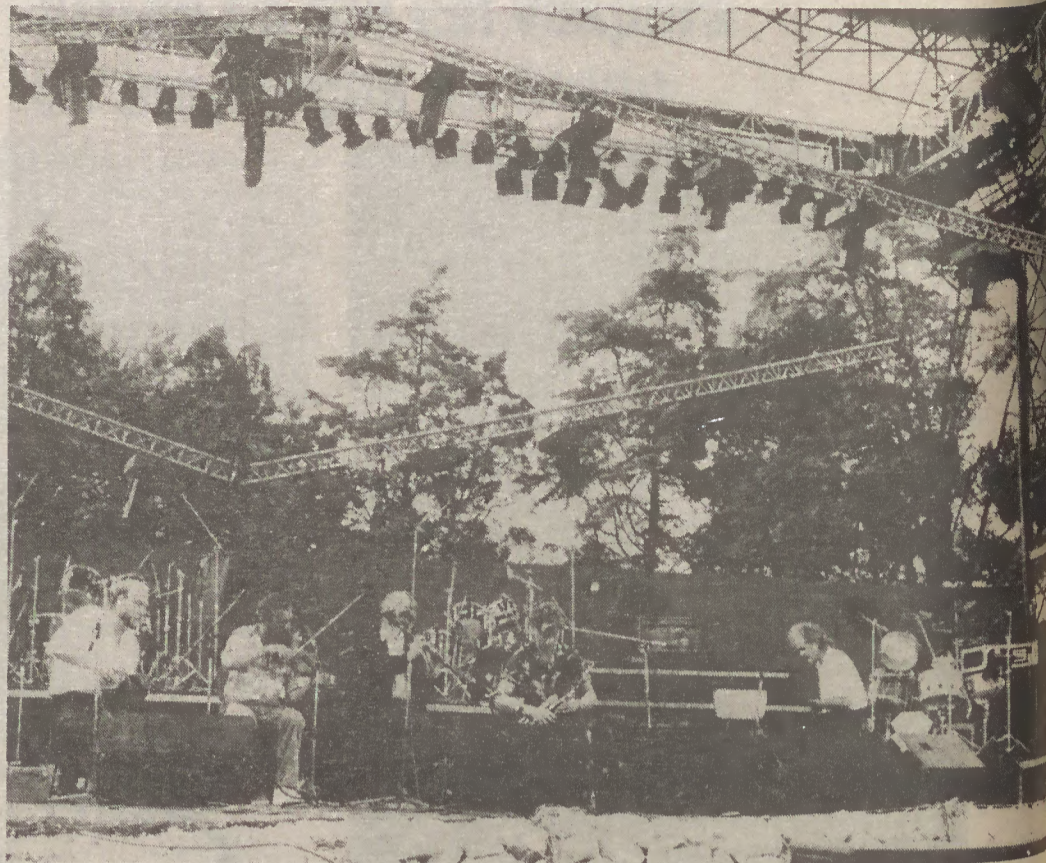
De qualquer forma, pedimos-lhes um comentário geral acerca dos seus contactos com a comunicação social portuguesa. Serguei Opochnianski começou por registar que «estivemos sempre abertos a quaisquer contactos, não recusámos encontrar-nos com nenhum órgão da comunicação social».

«Mas, ao ver o jornal na manhã seguinte, descobríamos uma série de deturpações e deformações» - lamentou o jornalista do «Pravda».

Nicolai Demidov também se mostrava magoado: «Temos pena que tenha havido jornalistas que não compreenderam bem ou que não reproduziram fielmente as nossas declarações».

«Isto deve ficar a cargo das consciências deles» - atalhou Serguei Opochnianski.

Nicolai não quis despedir-se sem deixar um agradecimento aos organizadores e aos participantes da Festa, desejando felicidades ao povo português. Quanto à Festa, espera «que continue sempre, que traga sempre alegria às pessoas».



Boys of the Lough, o folk escocês no Palco "25 de Abril"



Luísa Basto



Zé Eduardo Unit, a banda do contra-baixista criador da Escola de Jazz do Hot Clube



O grupo de Carlos Bica no Auditório "1º de Maio"

A Intifada na Atalaia

Pelo calor humano, o entusiasmo e o forte espírito de solidariedade que marcou a iniciativa de sábado à tarde na Cidade Internacional da Festa do «Avante!», bem se pode dizer que a Intifada esteve na Atalaia.

Com o auditório cheio, o momento de solidariedade para com a luta dos povos do Médio Oriente começou, à hora marcada, com uma empolgada intervenção de Domingos Lopes, suplente do CC, apresentando os participantes e os motivos da realização: «Como nunca, neste fim de século é importante que os povos oprimidos tenham a nossa solidariedade». Enquanto o dirigente do PCP explicava que a escritora palestina ali presente não tinha direito a passaporte, mas apenas a um salvo-conduto israelita, sendo «estrangeira na sua própria terra», Hanan Awad levantou o braço, mostrando o «V» de vitória que os putos da Palestina aprendem a fazer antes de aprenderem a ler. As dezenas de pessoas que enchiam o auditório reagiram imediatamente, aplaudindo de pé um gesto que era mais do que simbólico. Entretanto, Domingos Lopes, elevando mais a voz, afirmava que «ser comunista é ser solidário», defendendo «uma nova ordem internacional que res-

peite a vontade dos povos» em alternativa à *nova ordem* americana. O público, já de pé, respondeu com gritos de «OLP vencerá!», repetidos em unísono durante alguns segundos. Estava dado o tom.

Além de Hanan Awad, escritora palestina que veio dos territórios ocupados representar a OLP na Festa do «Avante!», na mesa estavam ainda representantes do Partido Comunista Libanês, da Frente de Libertação do Bahrein (que também representava o PC da Arábia Saudita e a Frente Popular de Libertação de Omã); presente também o representante da OLP em Portugal, Issam Besseisso.

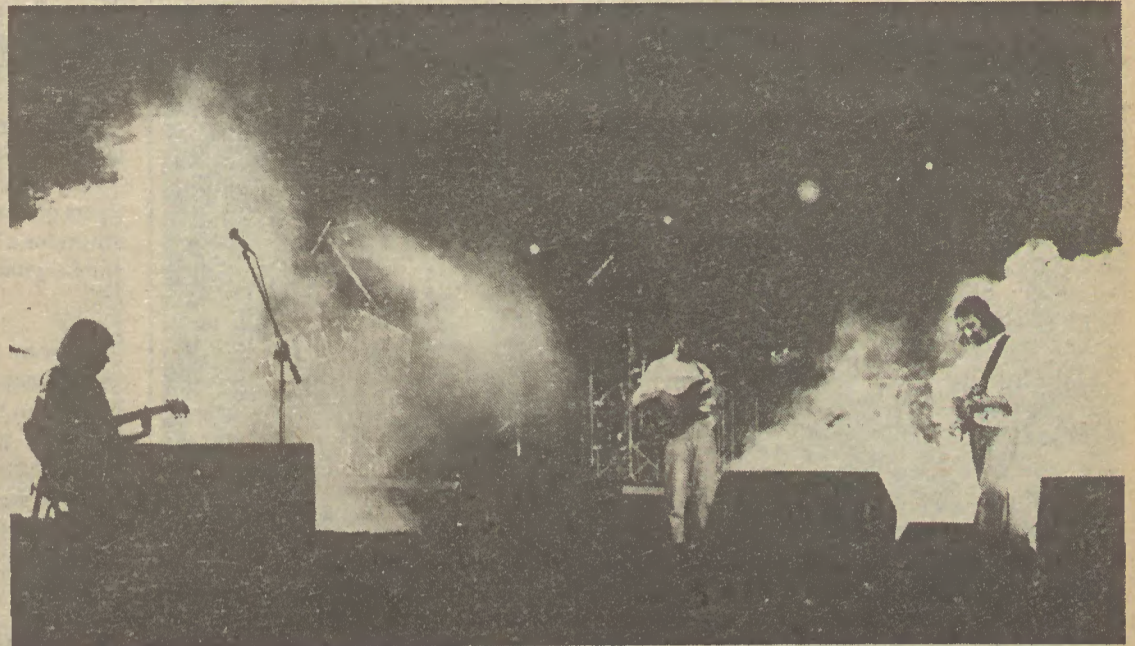
Ghassan Saliba falou da situação actual no Líbano, decorridos que são «16 anos de guerra civil desencadeada pelas falanges fascistas apoiadas por Israel e os EUA, para liquidação da esquerda libanesa». Registando o fracasso deste objectivo, o representante do PCL em Espanha destacou como importante vitória, obtida com o

acordo de paz que os comunistas apoiaram condicionalmente, a «confirmação da unidade do Líbano como país». Os comunistas e demais forças de esquerda pretendem, contudo, alterações mais profundas, nomeadamente um Estado laico e um sector público mais forte na economia. Como sublinhou Ghassan Saliba, há no Líbano a firme disposição de prosseguir a resistência armada contra a ocupação israelita «até à aplicação das resoluções da ONU». Terminou reafirmando a ligação íntima do problema libanês à causa palestina: «sem Estado palestino, não haverá verdadeira independência do Líbano».

Do Bahrein veio a memória dos contactos mantidos há séculos com os colonos portugueses e a satisfação da solidariedade hoje manifestada para com aqueles que lutam «pela democracia e para que os americanos saiam do Golfo». Ali Naji Abdulla referiu-se ao petróleo e aos recursos «pilhados em proveito dos EUA e da Inglaterra», às guerras que flagelaram a região e ao facto de os seis países do Conselho de Cooperação



O saxofonista Carlos Martins - Caínha, para a malta do *melo*... - apresentou na Festa a sua nova formação



Júlio Pereira, com a sua nova formação, de novo confirmou a capacidade de recriar com toda a modernidade e talento sobre as raízes da música tradicional portuguesa



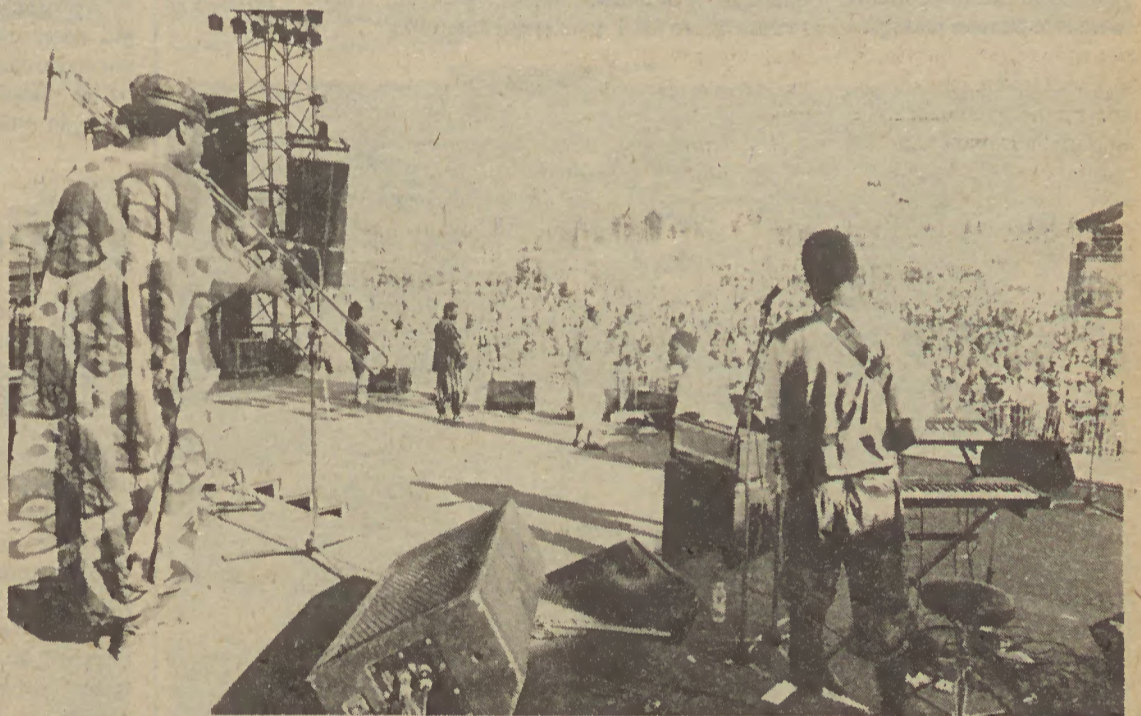
António Pinho Vargas, presente pela primeira vez na Festa, esteve no Palco «25 de Abril» num concerto que confirmou que a sua cuidada música ganha grandes audiências



Os Bogus Brothers confirmaram a imagem que tinham deixado em 90: uma enérgica e irresistível banda de *rhythm and blues*



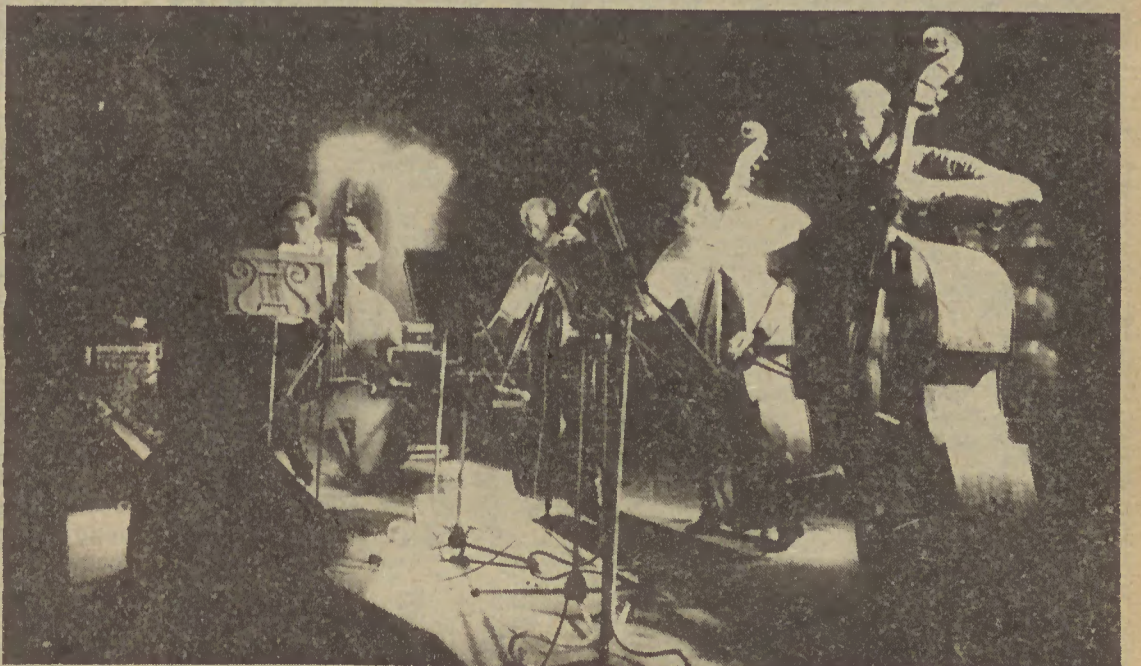
O «apresentador de serviço» no Palco «25 de Abril»! O profissionalismo de Cándido Mota resolveu tudo o que havia para resolver nas apresentações de um grande palco!



Os Issabary tornaram-se numa presença obrigatória da Festa, sonoridade bem próxima da música da Guiné e Cabo Verde



A harpa de Savourna Stevenson e o violino de Aly Bain. A primeira e memorável apresentação de uma harpa céltica em Portugal, acompanhada pelo extraordinário *fiddle* de Bain



Uma das mais ourosas presenças musicais do Auditório «1º de Maio», o Ensemble de Contrabaixos da Academia de Amadores de Musica. Um êxito

FESTA
FUTURO



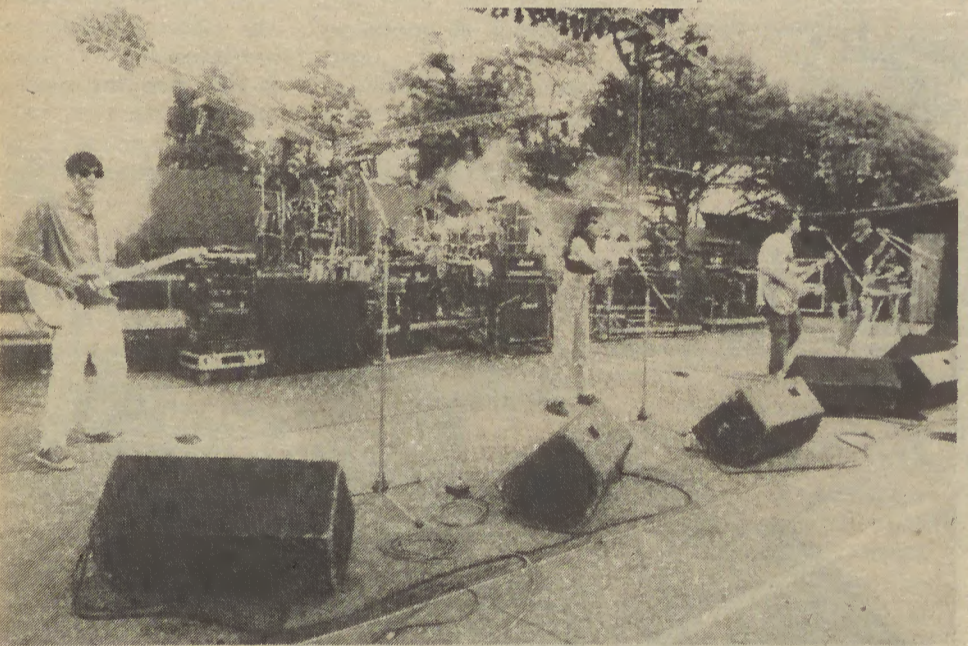
Paulino Vieira



Jorge Palma



A música popular portuguesa no Palco "25 de Abril" pelo grupo Romanças



Um grupo rock muito falado nos últimos tempos: Tina and the Top Ten



Jazz no Auditório "1º de Maio": Eddie Goltz com Filomena Sousa

para o Golfo serem estados não democráticos: «Não há constituições, não há democracia, não há partidos legais, tal como vocês aqui no tempo de Salazar». E também lá se luta pela liberdade e para que os recursos sejam utilizados a favor do povo, e não das potências estrangeiras.

A jovem poetisa palestina começou por dizer que «este é um momento de liberdade», transmitindo de seguida uma calorosa mensagem de solidariedade «do coração das mães na Palesti-

na para o coração das mães em Portugal». Expressando a sua tristeza por, numa ocasião tão feliz como a Festa, ter que falar dos problemas que se vivem nos territórios ocupados, descreveu o drama da perda de liberdade e de identidade de um povo; realçou a recusa da ocupação e a vontade de continuar a luta para que a Palestina seja dos palestinos, prosseguindo o levantamento popular Intifada. Hanan Awad reafirmou a posição favorável a uma conferência internacional de paz com a participação da OLP como representante

do povo palestino, voltando a sublinhar a importância da solidariedade. Terminou lendo um poema de sua autoria sobre as crianças da Intifada.

O público, mantendo o mesmo calor que marcou o início da sessão e que extravasou em aplausos e palavras de ordem durante as intervenções, sublinhou a frase final de Domingos Lopes («Estas palavras não nos deixam indiferentes») com gritos ritmados de «A luta continua».

Lá, e cá.

Avanteatro cheio

O Avanteatro foi ponto de passagem obrigatória na Festa do «Avante!»/91. A demonstrar a afirmação esteve a grande afluência de público, que praticamente encheu sempre a sala, para assistir aos diferentes espectáculos que foram apresentados naquele espaço, durante os dias da Festa.

No sábado, pouco depois das 11.30, quando o calor apertava cá fora e lá dentro, no teatro, o efeito era de estufa, foi com alguma surpresa que o repórter encontrou várias centenas de pessoas a aguardar «A Moeda», uma peça de Luís Mourão, apresentada pelo Teatro de Portalegre e dirigida sobretudo às crianças, embora os adultos a tenham presenciado com visível agrado.

A encenação, dramaturgia, adaptação e concepção do espaço cénico são da autoria de Vítor Pires. Na interpretação estão nomes como

Conceição Gonçalves, Fátima Reis, Fernando Ladeira, José Figueiredo Martins e Vítor Pires.

Ainda no sábado, mas à noite, fomos encontrar mais uma vez o recinto cheio de público, o que de resto, diga-se desde já, se repetiu em todos os outros espectáculos do Avanteatro. Em cena estava o grupo «Meia Preta» com a peça «Cenas da Comédia Del'Arte». Uma peça divertida, a que a assistência não deixou de reagir à gargalhada, baseada em textos renascentistas traduzidos, seleccionados e montados por Filipe Crawford, ao qual também pertence a encenação e direcção de actores.

As Marionetas de Lisboa vieram, no domingo de manhã, animar miúdos e graúdos com a conhecida Farsa «Auto da Índia» de Gil Vicente, que foi levada à cena pela primeira vez, em Almada, em 1509. A boa representação da Com-

panhia de Marionetas teve como criadores Carlos Barros, Luísa Ramalho, e os actores-manipuladores José Ramalho e Miguel Borges. A execução musical esteve a cargo de Cristina Pereira.

O Avanteatro 91 registou ainda um momento assinalável com a **Liberdade em Bremen**, uma peça de Fassbinder apresentada pela Barraca e com encenação de Helder Costa. A cenografia é de Mário Alberto, e a música de António Victorino d'Almeida. Na interpretação estiveram António Cardoso, Eugénia Bettencourt, João Maria Pinto, João Ricardo, Luís Filipe de Almeida, Maria do Céu Guerra, Paula de Sousa, Pedro Alpiarça, Rui d'Almeida e Rui Pisco.

A peça foi estreada em 1971 em Bremen, com encenação e produção de Fassbinder e, em 1991, foi estreada pela Barraca em Lisboa.

VII Bienal — um diálogo feliz

O repórter não é crítico de arte. Mas a sua opinião coincide com as muitas que ouviu à saída da Bienal de Artes Plásticas da Festa, que acompanha desde a sua primeira edição - lembram-se? - ainda nos terrenos do Jamor. Esta Bienal, no seu conjunto, mostrou uma qualidade superior a todas as outras. Trata-se, como é evidente nestas matérias, de opiniões perfeitamente subjectivas. Mas que não deixam de ter a sua importância.

E aqui não nos referimos apenas ao Salão dos convidados - que reuniu nomes já há muito prestigiados no pano-

Foi, como anunciáramos, um convívio criador. Onde os mais variados sentimentos e atitudes, posturas e níveis culturais puderam observar-se. Porque uma coisa foi «ver» a exposição, o que fizemos com agrado. Outra foi, com mais agrado, se possível,

rama nacional. Este Salão, parte central da Bienal, reuniu obras de Jorge Pinheiro, Pedro Chorão, Sá Nogueira, Virgílio Domingues. Mas em redor destas obras, muitas centenas de outras - na maior parte dos casos de grande qualidade - dispuseram-se à apreciação dos visitantes.

dar conta de como ela foi «vista» por muitos milhares de visitantes, onde se reconheceu o saber e até a erudição, a curiosidade e o agrado simples e, por vezes, a perplexidade face às formas e às cores que se abriam ao olhar, num primeiro contacto com uma mostra deste género.

A diversidade das estéticas, a variedade das técnicas, a liberdades das «vozes», falaram por si mesmas. Aos visitantes ficou, porém, a última palavra. E as que ouvimos foi, como acima escrevemos, de um agrado indelmentível.

Inforfesta O fascínio pelo computador

O fascínio dos mais novos pelo computador e pelas outras tecnologias a ele associadas é facto que facilmente se podia confirmar ao longo dos três dias da Festa do «Avante!» num espaço isolado do pó, situado no pavilhão central. Para além da curiosidade dos mais velhos (muitos) impressionou o número de jovens que passou por este Inforfesta para manipular bases de dados, jogos

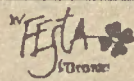
didácticos ou simplesmente assistir a colóquios.

O programa que se oferecia era diversificado e tinha o grande aliciante de se centrar em torno de uma chamada música por computador, sendo quase permanente a audição neste pavilhão de música em suporte de disco compacto originalmente composta e executada em computador.

A informática voltou as-

sim a estar presente na Atalaia com música, informações e jogos num espaço do Pavilhão Central da «festa!» que fora dividido em duas zonas: uma chamada «zona do utilizador» e o Auditório Inforfesta.

Na primeira dessas zonas o visitante teve acesso, manipulando os teclados dos computadores disponíveis, bases de dados que continham toda a informação sobre o progra-



Auditório «1º de Maio»: Capitão Fantasma



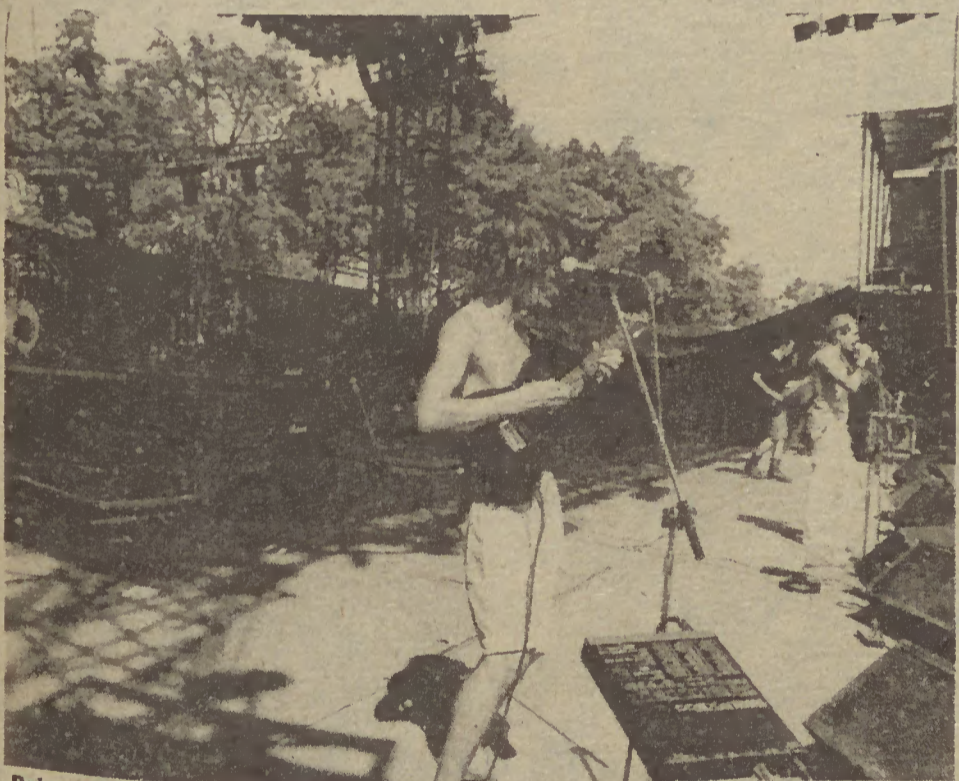
Auditório «1º de Maio»: Zô-di-Zastro



Palco «25 de Abril»: Brigada Victor Jara



Auditório «1º de Maio»: Idefix



Palco «25 de Abril»: Lobo Melgo



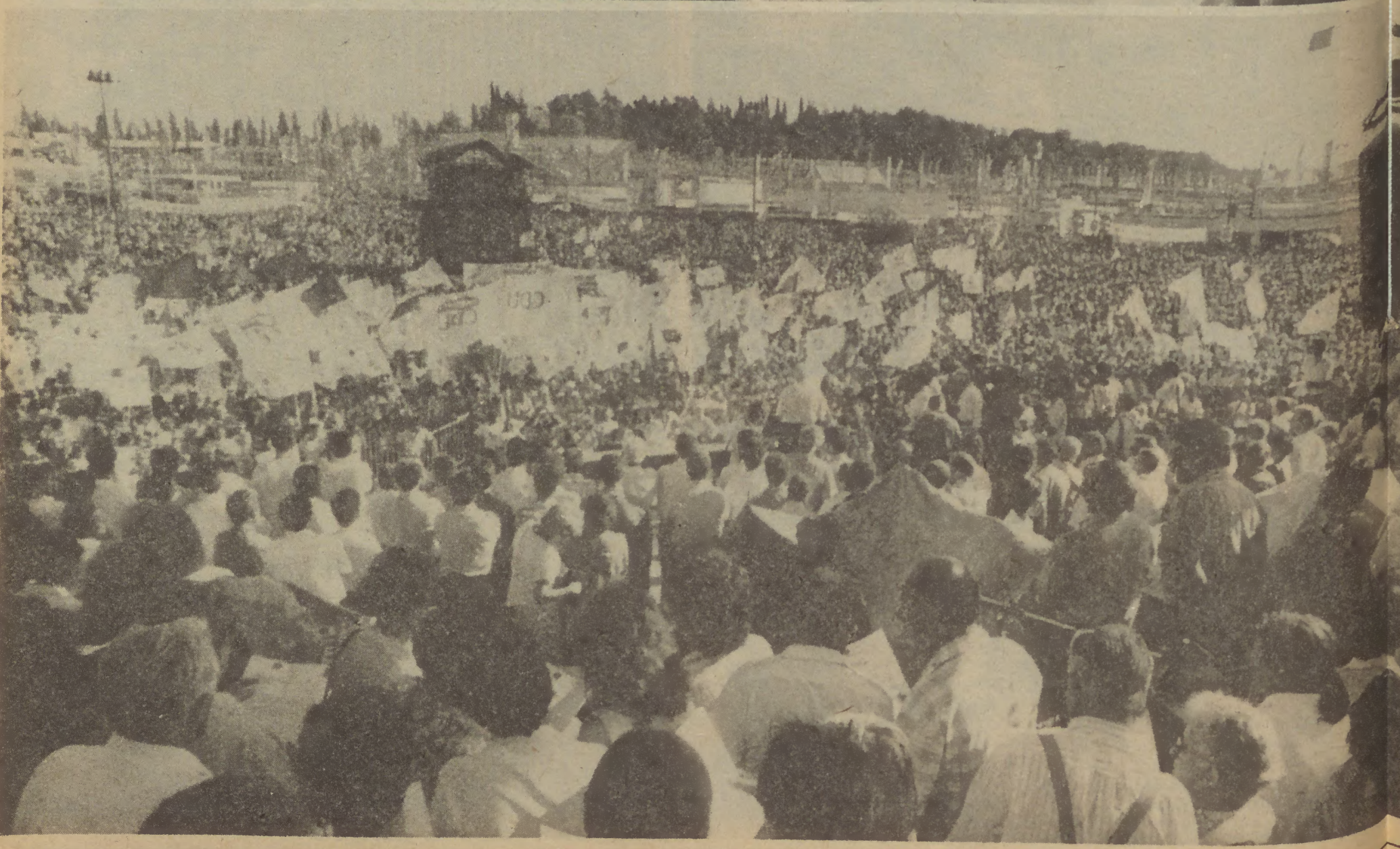
Auditório «1º de Maio»: Telectu com o baterista Chris Cutler



Música africana: uma presença em todos os palcos da Festa



Palco «25 de Abril», abrir da Festa: os Plopoplot Pot



ma da «festa!»; propostas do PCP para a sociedade portuguesa e o programa eleitoral do PCP.

Grande curiosidade e intensamente manipuladas foram outras bases de dados como as que se referiam às lutas sociais e políticas de 1921 a 1974, assim como uma, vinda do ano passado, que se referia à estrutura política e estatutos do PCP. Ainda presente neste pavilhão esteve o tema da amplia-

ção de fotografia por computador através de uma exposição que mostrou algumas imagens muito belas.

Mas «o computador e a música» era o grande tema do auditório deste pavilhão. Ele foi desenvolvido em duas vertentes, uma primeira sobre composição e interpretação, a outra sobre programação e tecnologia, ambos com formas de tratamento diversificado: concertos, debates e colóquios animariam este auditório.

António Sousa Dias, João Pedro Oliveira, Vítor Rua, Jorge Peixinho, António José Ferreira, entre outros, foram alguns dos artistas cujas obras ou presença passariam por este espaço, fosse para simples audições, fosse para participar em colóquios e debates.

A explicação e exemplificação do que é e de como se faz música em computador foram igualmente feitas neste auditório do Inforfesta.

Cem horas de música! Se eu fosse eu mais outro...

Houve grandes momentos nesta Festa do «Avante!». Na memória de muitos permanecem nomes como os Delfins, Júlio Pereira, Oyster Band e June Tabor, Rafael Riqueni, Bogus Brothers, Gianna Nannini, Savourna Stevenson com Aly Bain, José Eduardo Unit. Para todos os públicos. Não se pode assistir a todos os espectáculos, ouvir todas as músicas. Escolheu-se.

Qualquer coisa como uma centena de horas de música poderiam ser escutadas durante as três tardes e noites de uma «festa!» que este ano todos animámos na Atalaia. Contabilidade possível de viver, caso possuíssemos o mítico dom da ubiquidade que a vida tantas vezes nos faz desejar. A ubiquidade que nos permitiria estar ao mesmo tempo a assistir aos espectáculos dos Pop Del' Arte e dos Telectu com Chris Cutler na sexta-feira, da Oyster Band e Rafael Riqueni no sábado, de Gianna Nannini e José Eduardo no domingo. Isto se não quiséssemos ser ainda mais exigentes na pretensão desse eventual desmembramento físico e desejássemos estar frente aos palcos onde ocorriam os espectáculos de Júlio Pereira, Ensemble de Contrabaixos da Academia de Amadores de Música, acrobatas chineses, Marcha da Madragoa e música popular portuguesa ou ainda a assistir à performance do PROARTIS, aplaudindo os Bogus Brothers mas também a dar um pé de dança no palco Arraial com um ouvido a escutar o jazz de Eddie Goltz com Filomena Sousa enquanto o outro dava conta do profissionalismo dos Delfins. Muito para pessoa só!

Fazer opções

Este será um dos «dramas» da Festa do «Avante!» e, ao mesmo tempo, um dos seus encantos: não há público que esteja por contemplar na programação escolhida para os espectáculos e nunca é possível a esse público assistir a todos os espectáculos que eventualmente desejaria presenciar. As opções têm de ser feitas, algumas vezes são difíceis de tomar mas acabam por ser um dos aliciantes desta organização: cada um de nós pode usar o critério que quiser na selecção dos espectáculos, por mais bizarro ou subjectivo que seja, por mais rigorosa ou ausente na aplicação. Nunca na «festa!» se está sujeito a critérios de terceiros. É um pouco como chegar a casa e escolher um

disco em vez de ligar o rádio...

Outra característica deste conjunto de espectáculos tem a ver com a referida diversidade de públicos: não há artista ou grupo que não seja contemplado pela possibilidade de actuar perante uma plateia diversificada, situação rara na esmagadora maioria dos espectáculos, já que cada artista, ao longo do ano, geralmente acaba por actuar unicamente para «o seu público». A «festa!» oferece aos artistas que nela actuam uma oportunidade de contacto com novas assistências e a verdade é ser esse contacto manifestamente gratificante para a esmagadora maioria dos músicos e cantores que passam pela Atalaia.

Liberdade e sol

Um agrado que foi visivelmente partilhado e manifestado pelos artistas estrangeiros que este ano actuaram na Festa do «Avante!».

A Oyster Band e June Tabor puseram aquele meio mundo a dançar, num frenesim submergido a essa mistura feliz de folk e rock (que secção rítmica!) já anunciada pela edição em Portugal do álbum *Freedom and Rain*, reconfirmada agora no palco 25 de Abril. A voz de June Tabor, nas canções que interpretou com a Oyster Band, soou, a um tempo, exaltantemente melancólica, dura, solitária, nostálgica, festiva, exaltante. Tudo o que a folk solicita: vivência!

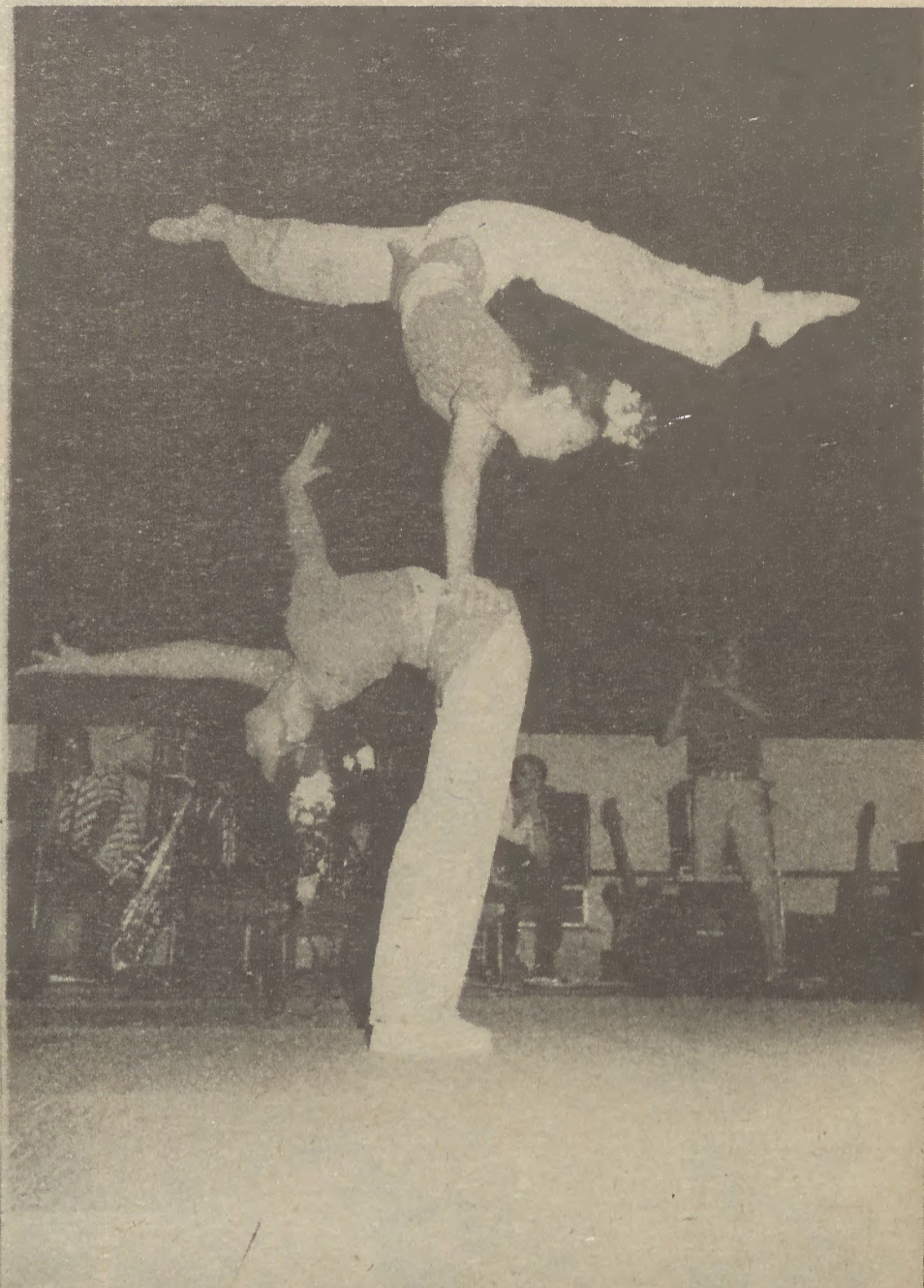
A Oyster Band, nos números sem June Tabor, provou ser agrupamento para grandes espectáculos. Mais do que simples elementos que contribuiriam para uma festa, eles participaram nela com o sentido consciente dos momentos especiais, fazendo questão em identificar-se com tudo o que está por detrás e motiva a realização desta Festa do «Avante!», como aliás seria de esperar de quem canta as canções que canta, de quem faz a música que faz. Ideias e música em palco...

A música tradicional da Escócia e da Irlanda esteve em forma mais pura no sábado à tarde através dos Boys of the Lough com a prestação notável do violinista Aly Bain que actuaria nessa noite com Savourna Stevenson no auditório 1º de Maio. De novo melancolia e alegria estiveram ligadas num espectáculo onde o som leve, cristalino, aquoso da harpa galesa nos fazia imaginariamente transportados para locais verdejantes envoltos em brumas e nevoeiros, uma certa humidade britânica nada despropositada na encalorada tarde da Atalaia. Uma conclusão se tirou: é sempre surpreendente esta estranha capacidade de alguns em retirar da tradição tanta nova emoção...

O auditório não calu

O mesmo se poderia dizer da guitarra de flamenco de Rafael Riqueni. Este sevilhano, actuando sozinho, pôs em pé-de-guerra um auditório que reuniu as pessoas mais dispares, desde o jovem heavy ao amante do jazz. Os encores sucederam-se e notória foi a alegria partilhada pelo músico. Talvez tenha sido o momento mais alto dos espectáculos do auditório a confirmar aquilo que se tornou lugar-comum dizer em Espanha: Paco de Lucia criou o som da guitarra de hoje, Rafael Riqueni criou o som da guitarra do futuro.

Falando de auditório, referência para a importância do vídeo wall, este ano pela primeira vez ali instalado: por um lado enriqueceu em efeitos especiais os sucessivos espectáculos, por outro a programação específica nele incluída (com vídeos para públicos distintos) teve um público atento demonstrando ser esta mais uma via a ser explorada para futuras Festas do «Avante!», fazendo até prever uma nova vertente em que esta realização poderá ser pioneira no nosso país. Para já ficaram as imagens e os sons de alguns momentos históricos da música popular, passando por nomes como Jimmy Hendrix, Velvet Underground, o Festival de Newport, Count Basie, etc. Uma iniciativa que teve eco no Café Concerto da DORL, também ele equipado com o equipamento necessário, e



Uma atracção nova na XV Festa: acrobatas da República Popular da China



O circo



Avantecore: A Barraca e "Liberdade em Bremen" de R. W. Fassbinder



"Cenas da Comédia del'Arte" pelo Grupo Meia Preta



O empenho e o entusiasmo que, por todo o País, fazem dos grupos folclóricos uma forma ímpar de participação colectiva e popular encontram na Festa um ambiente com as mesmas raízes



Sob a imagem de um homem que à Festa deu grandes contributos - Michel Giacometti - Manuel da Fonseca participa num colóquio conduzido por Armando Caldas. Não tanto um colóquio, certamente... Quem resiste a esse espantoso contador de histórias que é o autor de «O Fogo e as Cinzas»?!



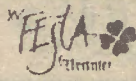
O festival de skate promovido pela JCP na Cidade da Juventude foi um êxito a exigir continuidade



Video festa foi uma aposta nova nesta edição. O video wall instalado no Auditório «1º de Maio» constituiu um êxito pelo programa autónomo que apresentou, mas também pela sua orlativa utilização como elemento de cenário do palco



Circo, uma presença constante desde sempre na Festa - e não só para as crianças!



Marionetas de Lisboa no Avanteatro



O prazer de tocar, mesmo quando não é para espectáculo!



"Presenças fantasmagóricas"...



Palco Lisboa, uma programação que atraiu público constante



Legenda manifestamente desnecessária...

onde se projectaram coisas como os golos do último mundial de futebol ou extractos de filmes de Fred Astaire.

A coragem criativa

Músicas para todos. Músicas especiais, como as de sexta-feira. No palco 25 de Abril, Nuno Rebelo com os seus Ploplot Pot iniciaram as «hostilidades» do bom rock que se ouviu ao longo dos três dias da «festa!». Um rock que na Atalaia teve várias linguagens a apresentar-se em novas propostas, como esta última aventura de Nuno Rebelo ou aquela que viria a ser apresentada no domingo, após o comício, pelos Tina e os Top Ten - estas duas bandas foram os vencedores do concurso de música moderna portuguesa recentemente levado a efeito pela Câmara Municipal de Lisboa durante as últimas festas da capital.

Propostas novas e arrojadas tem-nas há muito tempo João Peste que com os Pop Del'Arte continua a demonstrar a coragem, humana e artística, de encarar difíceis caminhos de expressão, a procura de uma plasticidade sonora específica, de uma linguagem já partilhada, descodificada, por um público próprio a que nesta «festa!» se juntaram alguns milhares, um desassombro interventivo e criador. Peste arrisca-se a participar de uma estranha descoberta para a humanidade: saber se há, ou não, caminhos possíveis para o futuro da pop e do rock...

Uma coragem que a outro nível é partilhada pelo duo Telectu. Jorge Lima Barreto e Vítor Rua apresentaram-se no auditório 1º de Maio com o baterista Chris Cutler, um dos nomes europeus mais importantes no domínio da música de vanguarda. Esta colaboração veio fazer lembrar a importância deste duo: ao fim de mais de uma dezena de anos um trabalho persistentemente anticomercial, contra marés gigantes, navegando em experiências arriscadas, experimentando tecnologias novas, novas formas de composição, até novas ideias para a teoria musical, expresso numa boa mão-cheia de gravações discográficas e num ainda mais significativo número e qualidade de espectáculos. A importância (grande) do Telectu na música portuguesa aumenta de ano para ano. É o fruto da inteligência. É resultado do saber. É o prazer da criação. É o prazer da audição.

Música africana com Issabary, Paulino Vieira, Celina Pereira ou Dany Silva. Rock de portugueses: Lobo Meigo, Ploplot Pot, Pop Del'Arte, Delfins, Tina e os Top Ten, Capitão Fantasma, entre outros.

Vivam os Delfins!

Propostas que ficaram, com destaque para os Delfins. Destaque que se justifica por isto: em dois anos a «fes-

ta!» demonstrou que os espectáculos de rock feitos no nosso país têm alguns expoentes muito elevados, graus de profissionalismo que há algum tempo seriam apenas desejados, talvez até miticamente inalcançáveis.

O ano passado os Rádio Macau deram um grande espectáculo de rock all na Atalaia.

Este ano os Delfins terão ultrapassado todos os padrões.

«Quando alguém nasce, nasce selvagem» canta a multidão com a banda. Um processo de identificação muitas vezes repetido a magiar um momento especial. All há rock e gosto de estar em palco.

Desde o princípio do ano que as notícias sobre os espectáculos dos Delfins apontavam para isto: a melhor banda de rock português ao vivo. É sempre difícil aceitar este tipo de afirmações, mas depois do que se passou no Palco 25 de Abril, a começar no trabalho de bastidores até ao produto final, retire-se pelo menos esta conclusão: qualquer dos melhores palcos de rock no mundo é digno para estes Delfins!

Para muitos, este foi o grande momento da Festa do «Avante!», e não só desta edição...

E Júlio Pereira

Música Popular Portuguesa. Romanças agarrando o público, fazendo dançar e cantar, revelando uma maturidade elevada na forma de estar em palco - uma boa confirmação. Brigada Vítor Jara aprofundando o caminho da electrificação mas não largando as características fundamentais do grupo num interessante processo evolutivo que a «festa!», de resto, tem acompanhado de perto. Ranchos folclóricos, grupos corais alentejanos, fado, Sincelo, Zimbro e... Júlio Pereira!

Que dizer do espectáculo de Júlio Pereira? Como é possível a este homem que não canta mas faz cantar, que não dança mas faz dançar, que «apenas» toca, que é identificado por uma forma de expressão musical para muitos eventualmente reductora e espartilhada quanto a soluções criativas, apresentar-se em anos seguidos na «festa!» com dois espectáculos distintos, ambos momentos muito altos da nossa música. Júlio Pereira é uma vedeta, sim senhor, uma vedeta que aparentemente não teria condições para o ser.

Ao vivo, a nova banda de Júlio Pereira apresenta-se com soluções surpreendentes, reconstruindo os temas mais conhecidos do compositor e apresentando os novos (a ser incluídos em próximo disco) com a mesma alegria contagiante de antes mas com um novo som, um pouco mais afastado da raiz que o fez nascer, dando novos frutos e liberto de limitações que anteriormente eram, por vezes, impostas pela electrónica.

Jazz português

Jazz: Idéfix, Quinteto Carlos Martins, Trio de Carlos Bica, Zê-di-Zastre, Quarteto de Eddie Goltz com Filomena Sousa e José Eduardo Unit. Todos no auditório 1º de Maio. O jazz que os músicos portugueses fazem neste momento é, na generalidade, moderno e actual, tem sentido de espectáculo e músicos excelentes, começa a ter reconhecimento internacional. Na «festa!» tem lugar privilegiado e nomes importantes. Como sucedeu este ano com António Pinho Vargas - um caso de identificação ternurenta com uma música e um país. O jazz de Pinho Vargas é, às primeiras notas, uma respiração portuguesa...

Algo insólito foi o concerto de quatro contrabaixos do Ensemble de Contrabaixos da Academia de Amadores de Música. Um insólito a começar no estranho aspecto dos quatro músicos em palco na execução dos seus «grandiosos» instrumentos e a terminar numa sonoridade muito mais polivalente do que à partida seria de esperar.

A música portuguesa esteve ainda representada no palco principal da Festa do «Avante!» por Luísa Basto que ali foi confirmar as suas qualidades vocais acompanhada pela banda Sphera num reencontro com uma vasta audiência que não se fez rogada nos aplausos.

As explosões

Para o fim deixámos os Bogus Brothers e Gianna Nannini.

Os primeiros regressaram à «festa!», depois de uma brilhante actuação o ano passado, e talvez existisse o receio de se instalar um certo espírito de *déjà vu* que prejudicasse o espectáculo. Qual quê! Estes senhores deram uma volta ao reportório, entraram em palco prontos a subjugar as dezenas de milhares de almas ali presentes e durante quase uma hora *partiram a loiça* que havia para partir. O *rhythm' blues* britânico existe mesmo, quanto mais não seja graças a estes Bogus Brothers, uns louquinhos que juntos têm força suficiente para fazer em pedaços toda e qualquer empedernida intenção de resistir serenamente aos ataques das mil e uma notas ali emitidas. Ou se foge para casa ou se começa aos pulos e aos gritos até à inconsciência! Que se visse, dali ninguém abalou... No final, claro, *Everybody needs somebody*: um clássico, um reconhecimento, uma participação intensa do público.

Gianna Nannini tem créditos e trabalha para os ter, como se viu domingo à noite, a fechar a «festa!». E tem músicos, técnicos, produtores que ajudam a que esses créditos não vão para mãos alheias.

O que é um animal de palco? Gianna Nannini. O que é uma *rocker*? Gianna Nannini. Quem canta como se tivesse em permanente e violenta implosão? Gianna Nannini. E a cantar com um suporte de microfone de bambu? Nannini, claro (e o su-



Chinquilho: os entendidos dizem que os torneios da Festa são a sério!



Simultâneas de xadrez: cada vez mais jovens a participar



1200 atletas na corrida da Festa...



Tiro ao dardo: uma modalidade recentemente aparecida no programa desportivo da Festa, mas que movimento já centenas de participantes



... uma prova muito disputada ao longo de 14 quilómetros...



Uma novidade deste ano: o boxe. Que seguramente demonstrou este ano que algumas reservas não passam de preconceitos



... que Albertina Dias viria a ganhar ex-aequo com Rosa Oliveira...



Jogos populares



... cabendo a José Dias a vitória em masculinos (aliás, pela terceira vez!)



porte é muito mais que simples suporte, é gente, amante, mundo...) Quem vence a barreira da língua? Gianna Nannini. O que é elevado grau de profissionalismo? Gianna

Nannini. O que é sensualidade? Gianna Nannini. E raiva? Gianna. Amor? Gianna. Protesto? Nannini. Quem fica com o público na mão? É ela, já se disse, a tal Nannini...

O que é um muro no estômago? Gianna Nannini.

Nota final: o elogio é justo-excelente som no palco principal de Festa do «Avante!» de 1991.

IV Corrida da Festa: uma grande prova de reconhecido prestígio Mil atletas cortaram a meta

A 4ª edição da Corrida da Festa do «Avante!»/91 foi uma vez mais uma importante e participada prova desportiva disputada, ao longo de 14 quilómetros entre a Atalaia, Amora e o Seixal, por mil e duzentos atletas presentes na partida. Dos mil setecentos e sete atletas inscritos, perto de mil chegaram ao final da prova que teve como vencedores absolutos José Dias, do Sportivo de Loures, que venceu três das quatro edições da corrida, e Albertina Dias, do Maratona Clube de Portugal. Refira-se que esta atleta do Maratona cortou a meta de mão dada com Rosa Oliveira, outra grande figura do atletismo português.

Em masculinos, classificaram-se em segundo e terceiro lugares, respectivamente, o luso-canadiano Pe-

ter Fonseca e António Costa, da Maconde.

Em termos de organização, é de registar um grande salto qualitativo, patente na rapidez com que os atletas chegaram ao funil da chegada. Por outro lado, foram cumpridos integralmente os horários definidos pelos organizadores.

Ao longo do percurso, sempre com muito público a aplaudir os atletas, efectuaram-se dois abastecimentos, um aos cinco quilómetros e outro aos 10 quilómetros. No final, houve ainda um último abastecimento para os que cortaram a meta. Foram igualmente feitas tiragens de tempos ao cinco e aos dez quilómetros, tendo os atletas beneficiado da colaboração da Xistarca que forneceu o relógio electrónico.

A organização da corrida

manifestou agradecimentos às várias entidades que prestaram colaboração na realização da iniciativa. Designadamente, são de mencionar os apoios das câmaras municipais do Seixal e de Almada, das juntas de freguesia da Amora, Alcântara e da Ajuda, do Amora Futebol Clube, do Clube Recreativo da Cruz de Pau, da Casa do Desporto «Os Atletas», da Xistarca, da Coca-Cola, da Agiturismo, das Águas de S. Lourenço, dos Bombeiros Voluntários do Seixal, da PSP, da Caparica CB, das revistas «Spiridon», «Em Forma» e «Atletismo». A organização expressou ainda grande apreço pelo trabalho de todas as restantes câmaras e juntas de freguesia, bem como o de todos os colaboradores que de uma forma ou de outra contribuíram para o êxito desta grande realização desportiva.

Classificação

Seniores masculinos - 1º José Dias, do Sportivo de Loures, 2º Peter Fonseca, individual, 3º António Costa, da Maconde, 4º Daniel Antunes, do Câmara Lisboa Clube, 5º Óscar Santos, do Maratona Clube Portugal, 6º José Peixeiro, do Marignane, 7º Carlos Pinto, do Carca Matosinho, 8º Fernando Fernandes, do Sportivo de Loures, 9º José Soldado da SUC, 10º Domingos Cardoso do Linda a Pastora SC.

Seniores Femininos - 1ª Albertina Dias, do Maratona Clube de Portugal, 2ª Rosa Oliveira, individual, 3ª Alexandra Valada, do Clube Oriental de Lisboa.

Juniões masculinos - 1º António Cardoso, do Desportivo da Damaia, 2º Luís

Cunha do CC Desportivo das Paivas, 3º Raul Caetano, do UDRC Privilégio.

Juniões femininos - 1ª Paula Maria Silva, individual, 2ª Bernardete Coelho, do Grupo Atlético de Valejas, 3ª Sofia Correia, da AMAL.

Veteranos I - 1º Jacinto Barroso, do Grupo Atlético de Valejas, 2º José Figueiredo, do GD do BPA - NR 1, 3º Vitor Simões, do Lissa Transit A.

Veteranos II - 1º Virgílio Silva, do Cruz Quebradense, 2º João Rato, da SFOA, 3º José Santos, individual.

Veteranos III - 1º Guilherme Correia, do CPT Carca Matosinho, 2º Sérgio Santos, dos Ídolos da Praça, 3º Luís Marianito, do G. A. da Pontinha.

Veteranos IV - 1º Manuel Santos, de «Os Matulões», 2º César Barata, do GD BPA - NR, Manuel Picante, da SFOA.

Veteranos femininos - 1ª Joaquina Sousa, do Grupo Atlético Super Estrela, 2ª Analice Silva, do Cruz Quebradense, 3ª Alexandrina Pereira, do GR da Cruz de Pau.

Por equipas - 1ª Linda a Pastora (Domingos Cardoso 10º, Telmo Fernandes 11º, Carlos Nunes 15º), 36 pontos; 2ª GA Coimdiver (Diamantino Figueiredo 14º, José Fernandes, 24º, António Soromenho, 37º) 75 pontos; 3ª CPT Carca Matosinho (Carlos Pinto, 7º, Mário Castro, 23º, Carlos Rui, 60º) 90 pontos.

Com o apoio de muitas personalidades

Em depoimentos prestados, vários desportistas e personalidades ligadas ao desporto, manifestaram o seu apoio à realização da IV Corrida da Festa do «Avante!»/91. Entre eles encontram-se nomes como Carlos Lopes, Albertina Dias, Mário Paiva, Bernardo Manuel, Manuel Viegas, Bernardino Pereira, Rego Mendes, Fonseca e Costa, Carla Sacramento, João Campos, Isidro Vieira, Manuel Matias, Rafael Marques, José Araújo, Rita Borralho, Cidália Caetano,

Fernando Fernandes, Manuel Aguiar, Alfredo Monteiro, Henrique de Melo, Luís Horta, Pompílio Ferreira.

São igualmente de salientar as participações na Corrida de Peter Fonseca, António Costa, Óscar Santos, José Peixeiro, Daniel Antunes, Fernando Fernandes, José Soldado, Alexandre Nunes, Ermelinda Mineiro, Cristina Soldado, Ana Li Silva, Joaquina Sousa, Carlos Mória, Rafael Marques e Armando Aldegalega.



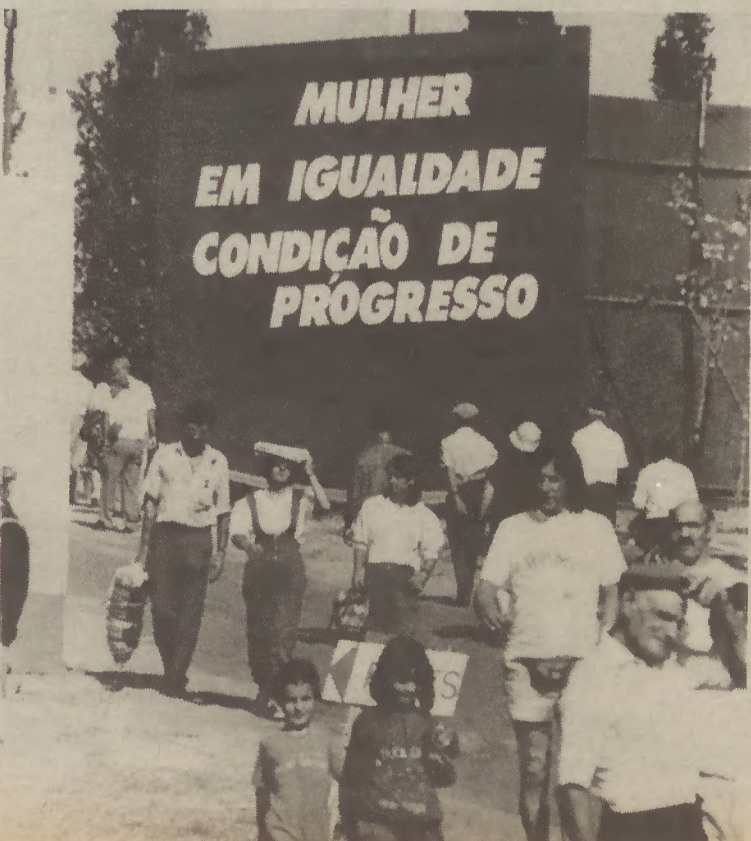
As recordações



A área dos Pionelros, este ano...



com uma área maior

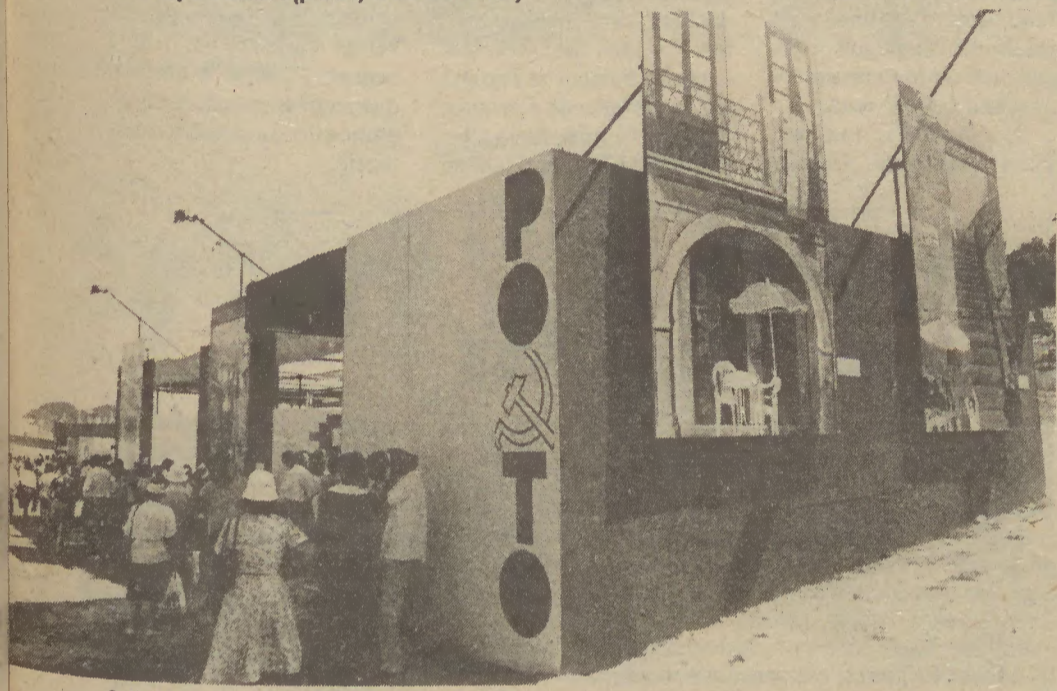




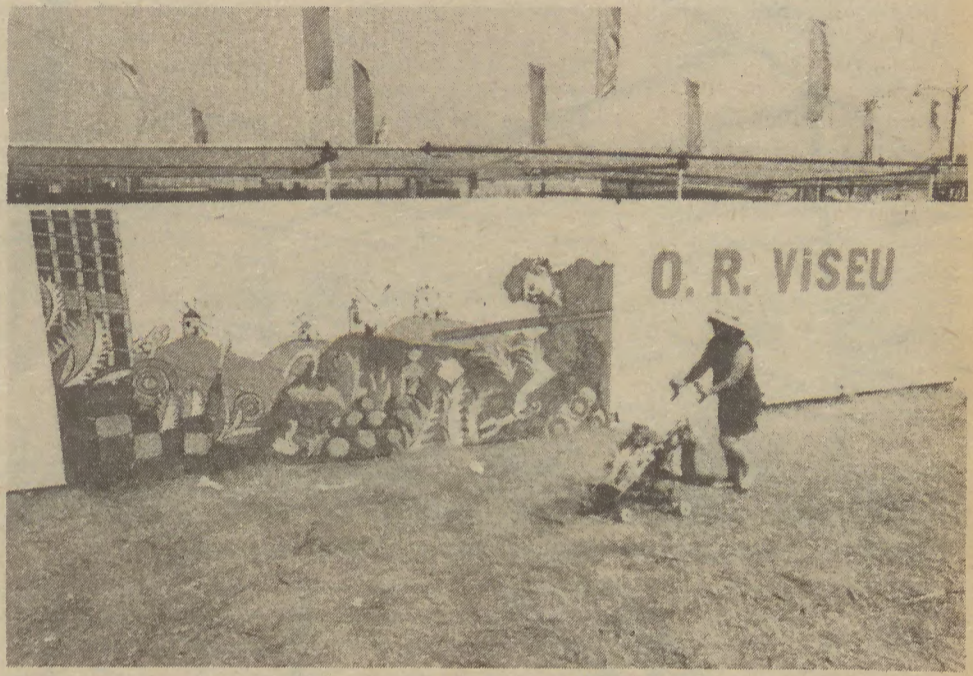
A Organização Regional de Lisboa valorizou particularmente este ano a sua presença no campo dos espectáculos (palco, café-concerto)



O tradicional restaurante de Santarém com a sua fresca cobertura de ramagem de eucalipto continua a ser um dos pontos mais procurados da Festa



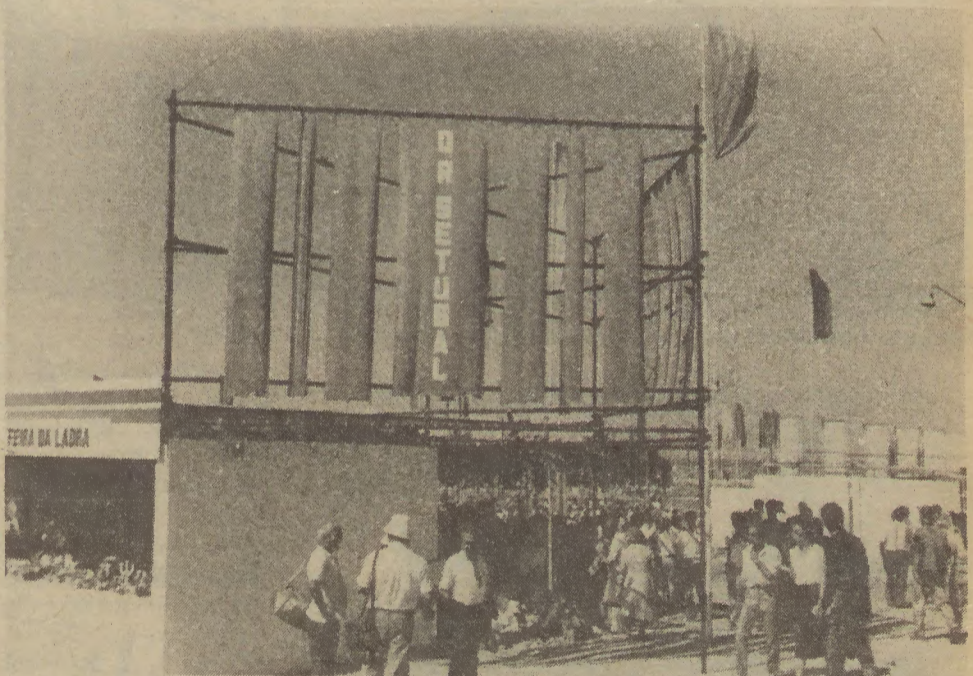
O Porto apresentou novamente um restaurante já famoso para quem se perde por tripas!



Viseu esmerou-se este ano na sua componente de venda de artesanato



O Alentejo assegurou uma cuidada decoração baseada na arquitectura tradicional do Sul



A organização de Setúbal considera-se de certa forma *dona da casa* desde que a Festa se realiza na Átalala... E de novo este ano, dos palcos aos restaurantes, caprichou em *receber bem!*



Diz-se que o leitão que se vende na zona de Coimbra este ano ainda era melhor que habitualmente...



A marisqueira do Algarve corre o risco de se tornar «lendária»... Dizem que há por lá uns lingueirões, umas gambas, umas bicharadas do estilo absolutamente únicas...



Braga, trouxe também a rica experiência da Festa da Alegria

Os stands de Viana do Castelo são conhecidos pela variedade do seu artesanato



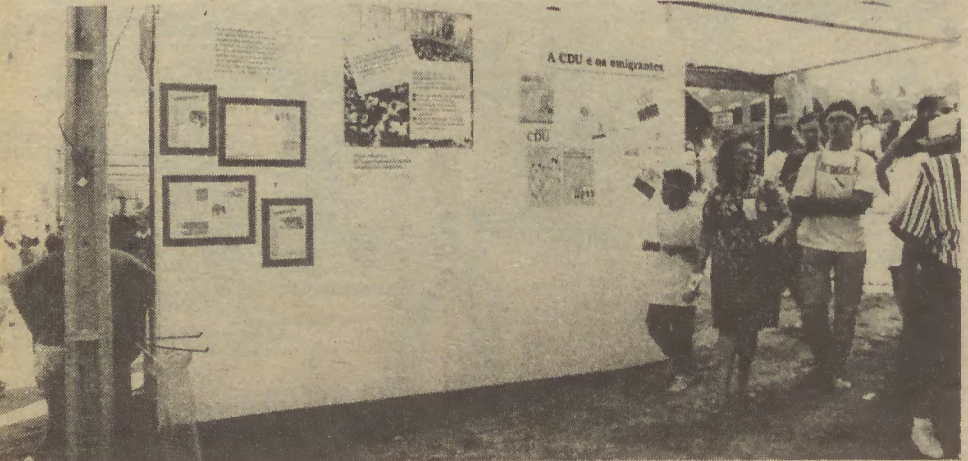
Castelo Branco: ouve-se dizer que é um dos sítios onde melhor se come na Atalala...



Os camaradas vêm de longe, mas a procura do stand é sempre compensadora



O Café da Organização das Mulheres Comunistas, ponto de encontro já tradicional



A presença das organizações do PCP na emigração

A Festa das modalidades

Várias manifestações desportivas, do xadrez à canoagem, passando por muitas outras modalidades, reuniram várias centenas de participantes e de adeptos ao longo dos três dias da XVI edição da Festa do «Avante!».

Uma modalidade que tem tradição feita na Festa do Avante são as Damas. Com 36 participantes inscritos, realizou-se, sábado e domingo, um torneio disputado em cinco sessões, no sistema suízo. Nos primeiros três lugares, ficaram respectivamente António Russo, com 9 pontos, Leopoldo Lopes, com 8, e Idalino Lopes também com 8 pontos. De referir que na noite de sábado se realizou uma simultânea de damas que congregou 30 jogadores e contou com a participação de José Pereira.

No Xadrez, também muito participado, decorre-

ram dois torneios de classificação que juntaram 24 participantes bem como um simultânea, com cerca de duas dezenas de jogadores, dirigida por Fernando Pena, do GDCA de Almada, que substituiu a esperada participação do grande mestre soviético. Na final, em 1º ficou Mário Correia, em 2º Armando Paletto e em 3º Rini Luyks.

O Tiro ao Alvo atraiu muitos visitantes e dezenas de praticantes que disputaram o torneio em individuais masculinos, colectivos masculinos, individuais femininos e colectivos femininos. Por esta ordem ficaram nos primeiros nos primeiros três lugares José Figueiredo, Helder Santos e Guilherme Santos; Unidos da Recosta, Clube de Futebol da Trafaria e Santa Marta de Corroios; Eduarda Correia, Irina Correia e Maria Licínia; Clube de

Futebol da Trafaria, Clube de Praças da Armada e Bombeiros Voluntários da Trafaria.

Com a participação de 28 atletas, realizaram-se provas de Canoagem - Competição e de Canoagem-Turismo. Na primeira, classificaram-se, na categoria de cadetes, em K2 Pedro Garganta e Paulo Garganta, em K1, Nuno Azougado, Nelson Marques e José Silvara. Em juniores, em K1 destacou-se Pedro Silva e, em K2, Luís Martins e Pedro Fortia.

Nos seniores, em K1 classificaram-se João Lasa, Miguel Nogueira e Paulo Chambel.

São ainda de salientar o torneio de futebol de salão bem como as provas das diversas variantes da malha pequena, grande e corrida, que interessaram dezenas de praticantes e numerosa assistência.

Organizações

Um passeio pelo País

Várias vezes se tem dito que visitar a Festa do «Avante!» é ir ao encontro duma réplica, à escala, do País, encontrando-se sempre lá algo que tem a ver com a região que quisermos, do Minho às Regiões Autónomas. Este ano a geografia cultural, política, social e, até, a «natural» propriamente dita definiam a presença das diversas organizações do Partido na Festa, com algumas constantes (como as exposições ou a gastronomia de cada região) e, naturalmente, as mil e uma particularidades de cada zona levadas a este grande certame dos comunistas. Naturalmente que as grandes Organizações, como Lisboa, Porto ou Setúbal, ocupavam mais espaço - o suficiente para lhes albergar as numerosas iniciativas - sem, contudo, «afogarem» as restantes, que, aliás, não ficaram atrás em iniciativa, qualidade e diversidade.

Pegando numa ponta, que pode ser a gastronomia, havia para todos os gostos. Pratos regionais, doçaria, vinhos, petiscos, era só escolher. Aqui o leitão à Bairrada acompanhado pelos vinhos da região, e estávamos na região de Aveiro mais os famosos ovos moles. Ali já era Coimbra onde, no Fumeiro, aguardavam os presuntos e os enchidos caseiros, o queijo da serra e Rabaçal artesanais, a broa, os vinhos do lavrador e as reservas da adega da Bairrada. Mais uns passos e lá tínhamos Viseu com os rojões à moda da Beira e a sopa de cebola, sem esquecer os celeberrimos vinhos do Dão, Lafões, Terras do Demo... Em Castelo Branco havia enchidos, queijos, vinho e mel vendidos em stand próprio, ao lado de uma cervejaria onde «imperavam» a imperial, o frango assado, as febras e os vinhos da Covilhã e do Fundão, enquanto, na Guarda, uma verdadeira Merceria expunha o chouriço caseiro e o paio de lombo, o presunto curado e os queijos artesanais, os vinhos demarcados do Douro, Pinhel e Dão e o mel de Vila Nova de Foz Coa, broa de milho da serra, as cavacas de Pinhel e o vinho generoso.

sua arte de comer não acabam aqui, como a Festa o demonstrou. Em Leiria o forno do pão abastecia, «ao vivo», um restaurante de refeições ligeiras numa ampla esplanada, enquanto o seu restaurante tinha à cabeça o tradicional ensopado de enguias; Santarém lá estava com doçaria regional, vinhos, aguardentes e frutos secos, com a Chamusca oferecendo a sopa de pedra e a língua de porco e Alpiarça os molinhos com grão e o carneiro à alpiarçense, sem falar na cervejaria e cafetaria para coisas mais leves... Do mais Alto Alentejo vinha Portalegre com o ensopado de borrego e a sopa de cação, ao lado de uma cervejaria e uma taberna típica; o ensopado de borrego surgia também em Évora, que apresentava igualmente os vinhos reserva de Redondo, Borba e Reguengos de Monsaraz, a par dos enchidos, os queijos de ovelha, o grão, o feijão e o mel, enquanto Beja oferecia ao visitante a possibilidade de conhecer os sabores da verdadeira carne de porco alentejana e dos petiscos regionais.

Mas esperem, que há mais: do Algarve vinham os petiscos da marisqueira regados a cerveja fresca, os bolos de amêndoa e os D. Rodrigues, enquanto a Madeira apresentava o saboroso bolo de caco, a carne de vinho e alhos, a poncha e demais licores regionais. E os Açores? Ah... o vinho de cheiro mais os

pratinhos de polvo guisado à moda regional, o ananás e os queijos...

«Mas que País!», deliciava-se um grupo de jovens que excursionaram da Maia, na região do Porto, para um périplo que surpreendemos em «paragem» na taberna de Portalegre. Provavam chouriço alentejano para arrematar um moscatel de Setúbal e discutiam com aplicação se a etapa seguinte devia continuar pelo Alentejo (o que tinha acérrimos defensores) ou galgar para o vinho de cheiro açoriano. Não sabemos em que ficou a contenda, mas desconfiamos que Santarém, mesmo ali ao lado com uma taberna rural do princípio do século, resolveu a questão a contento.

A vida à vista

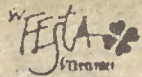
Mas a vida é um todo com muitas partes; outras, igualmente essenciais, lá estavam em cada uma das Organizações Regionais.

«Viajando» na mesma sequência utilizada para a gastronomia, Aveiro apresentava-se com uma exposição sobre o sal, a sua recolha e transporte pelos mercantis ao lado da cerâmica, presente através de alguns traços da «Cerâmica de Jerónimo Pereira Campos». Uma casa rural com eira identificava a região de Coimbra, onde uma exposição de alfaia e utensílios agrícolas antigos mostravam como era (e ainda é...) em certas zonas, a par de uma parte política que dava conta da actividade do PCP e da CDU no último ano, enquanto os barros pretos, a cerâmica artística, as esculturas, a cestaria, a latoaria e os pipos de madeira ilustravam a produção artesanal.

As lutas dos trabalhadores e dos democratas do Distrito de Viseu nos mais variados sectores compunham o essencial da sua exposição

Belo país, sim senhor!

Mas não fiquem ainda empanturrados, que o País e a



«Então, cá vai à vossa!»



Trocando impressões com a qualidade do melão!



«Então, -vamos numa vaquinha de bacalhau e febras?...»



Na Festa há computadores, sintetizadores, pintura. E amassa-se o pão, hábito que nos ficou de amassar o futuro

política, ao passo que Castelo Branco integrava na própria decoração das paredes exteriores a exposição que abordava os temas das lutas do Distrito e as propostas do PCP (particularmente evidentes na recente Assembleia da Organização Regional). A Guarda foi como se houvesse trazido para o espaço da Festa um pedaço do Distrito: o artesanato, um percurso completo com flautas de pastor de Gouveia ou louças de Fornos de Algodres, vergas de Gonçalo ou uma já referida (e bem abastecida) Merceria.

O vasto espaço da representação de Leiria já tem tradições. Lá se podia ver ao vivo como se faz o vidro e molda o cristal, se apreciava a cerâmica de Caldas da Rainha e Alcobaça ou se encontravam as ferramentas destes misteriosos fabricos, enquanto uma quermesse ostentava qualquer coisa como 7500 prémios em obras de arte e utilidades. Mais adiante o Distrito de Santarém era ele próprio uma festa tipo arraial de aldeia, aqui uma taberna rural do princípio do século, ali animação musical e baile, além, nos vários pavilhões, as especialidades.

E o Alentejo. Começando por cima, Portalegre com peles e cabedais de Terragem, olaria de Nisa e Flor da Rosa, os feltros e bordados de Nisa e um espaço organizado em forma de rua enfeitada com flores de Campo Maior. Depois Évora: as arcadas da Praça do Giraldo como bilhete de identidade, uma exposição política sobre as propostas dos comunistas na Região, o artesanato dos vários Concelhos com destaque para os barros do Redondo e de Estremoz, madeiras do Redondo e de Viana do Alentejo, peles, louças e outros objectos. Finalmente Beja com as suas casas facilmente identificáveis e uma pequena exposição sobre o desenvolvimento regional. Moura, Odemira, Mértola e Beja trouxeram as suas cadeiras e cestos, as mantas, a olaria, o cobre.

Quanto ao Algarve não era o dos bilhetes postais a falar inglês, mas o verdadeiro, alindado com o artesanato local, animado por um pequeno palco, temperado pela marisqueira, explicado no seu quotidiano por uma exposição política. Tal como a exposição política dos Açores fazia registo da luta e da actividade dos comunistas na Região, e a Madeira, num pavilhão a lembrar uma casa típica de Santana, estava ali mesmo à mão com os vinhos e o vime, os bordados e as castanholas, os rebuçados e os bolos de mel caseiros.

Lisboa, Porto e Setúbal

Lisboa-menina, «de chinela no pé varino de sal e mar», não dispensava uma boa oportunidade de provar o petisco, o doce, a gota de uva orvalhada pelo gosto de saber bem. Na «Cervejaria de Lisboa» provava-se o arroz de marisco e no restaurante do

mesmo nome (com serviço de mesa) entrava-se na grande roda da salada-festival-do-mar, que é o menú ribeirinho do Tejo. Sete metros quadrados de assadores da «Churrasqueira Alfacinha», pastéis de bacalhau e canoas de chouriço na «Taberna Costa do Sol», vinhos de qualidade da região (Bucelas, Colares, Arruda, Torres Vedras, Sobral de Monte Agraço), goluseimas desde a marmelada de Odivelas às trouxas da Malveira, mais os fradinhos de Mafra e os pastéis de Belém, as merendinhas de Vila Franca a crepitar no forno de lenha e o «cacau da Ribeira» para o fim e o princípio de qualquer roda de amigos, mais a Cafeteria do Oeste aberta a todas as horas... eram de arrumar o mais exigente!

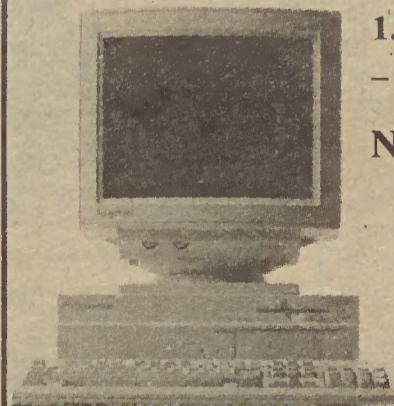
Isto a par do abraço solidário dos 55 candidatos da CDU por Lisboa às eleições legislativas, apresentado em fotos e vídeo com os nossos compromissos inteiros. No «Palco Lisboa» crianças e adultos tiveram espectáculo a toda a hora, o fado cantou Abril, a música e as palavras cruzaram ideias no «Café Concerto», enquanto a Marcha da Madragoa, vencedora deste ano, também veio à Festa a pedido de Lisboa.

A exposição da Organização do Porto denunciava a política de direita, afirmando: «Por detrás da fachada de luxo, a miséria e o desencanto». E mostrava o útil trabalho desenvolvido pelos deputados da CDU, «um trabalho que sempre se vê». Como sempre, a representação do Porto desdobrava-se em vários pavilhões, aqui diversos stands onde até se podia assistir ao trabalho ao vivo dos artesãos, ali tapetes e cerâmica de Gaia, filigranas de Gondomar, mantas e camisolas de Póvoa do Varzim ou Vila do Conde, móveis de Paredes, cerâmica de Santo Tirso, madeiras de Paços de Ferreira, mantas tipo serra e bordados de Amarante.

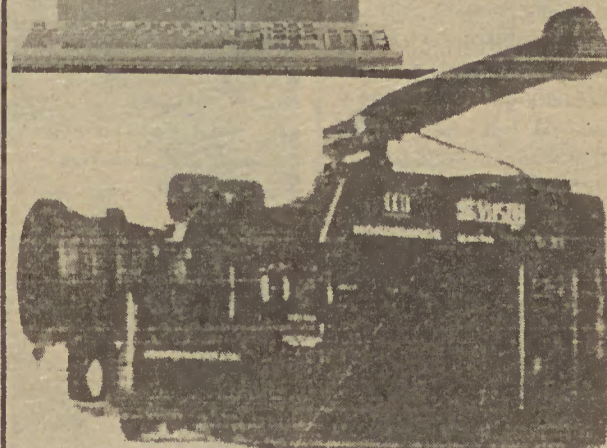
Mas o Distrito do Porto também se podia «provar», numa viagem pelos seus Concelhos: caldo verde em Gaia, chispalhada em Gondomar, sopa de nabos em Valongo, bolos de bacalhau com feijão frade na Maia, um «verde» em Amarante, uma sopa à Matosinhos, um arroz de cabidela em Santo Tirso, doces regionais na cidade do Porto. Mas havia opções à escolha, para os mais direccionados de mesa e palato: logo de manhã podia-se tomar um pequeno-almoço entre amigos no Sector Intelectual ou, quando se quisesse, ir ao PUB ouvir música e petiscar. Para os de bom alimento e maiores regras lá estavam os Restaurantes do Porto e de Santo Tirso, oferecendo refeições completas onde não faltavam as «tripas» e o sarrabulho, o caldo verde e o arroz de cabidela, ou o bacalhau cozido.

Em Setúbal as propostas do PCP para as legislativas no Distrito eram também o tema forte da exposição política. Em redor de uma vasta esplanada (onde, num palco, se desenrolaram numerosos espectáculos de música popular portuguesa e baile popular) vários pavilhões, à semelhança de anos anteriores, apresentaram e venderam as especialidades do Distrito, quer em gastronomia quer em artesanato. Organizações Concelhias do Partido e grandes células responsabilizaram-se por uma grande oferta de gastronomia, com destaque para os restaurantes: só o «Arroz de Tamboril» e a «Marisqueira» ofereciam, cada um, cerca de 200 lugares, enquanto a «Churrasqueira» e a «Caldeirada de Sines» andavam pelos 150 lugares. Mas havia mais: a «Tasca do Porco», a cervejaria, vários snacks (de hamburgers, de moscatel, do choco frito, dos petiscos variados) e ainda a Leitaria e o Bar-Esplanada, onde o convívio se podia prolongar.

Sorteio das EP's



1.º prémio
- Computador
N.º 026314



2.º prémio - Câmara vídeo
N.º 019212

As outras organizações

Pioneiros

Os Pioneiros de Portugal têm sempre lugar marcado na Festa, constituindo um grande pólo de atracção para os mais pequenos. Eles lá estavam de novo a convidar as crianças para o mundo dos divertimentos, onde se podia fazer uma infinidade de coisas: pintar, mascarar-se, jogar, ler, cantar, fazer rádio, brincar, conhecer a actividade dos pioneiros, participar nas campanhas de solidariedade com as crianças de Angola, comprar boas lembranças. E, seguindo o lema dos Pioneiros para 1991 - «Com Paz e Alegria se Faz o Desporto» - também houve uma grande gincana aberta a todos!

Emigração

Também como sempre, durante a Festa muitos dos nossos emigrantes ainda se encontram por cá; por lá, na Quinta da Atalaia, tiveram de novo o seu local de convívio onde puderam confraternizar e participar nas actividades da Festa. No pavilhão os tradicionais Bazar e Sai Sempre, tal como a venda dos lenços palestinianos e indianos fizeram de novo sucesso, a par do Bar e do Recanto das Farturas onde os petiscos, mais uma vez, abriram caminho à conversa. Oportunidade também para se apreciar uma exposição sobre o tema «Emigração e Eleições».

Deficientes

As barreiras arquitectónicas e o artesanato são dois temas caros aos deficientes e a quem se interessa pelos problemas específicos desta vasta camada da população. Assim, constituíram dois temas para a exposição do Pavilhão dos Deficientes, cuja presença na Festa continuou a atrair as atenções. Houve artesãos a trabalhar ao vivo, contrariando a ideia de que um deficiente é um «inútil». E houve, naturalmente, um espaço de convívio com o tradicional bolo inglês e com o moscatel.

Reformados

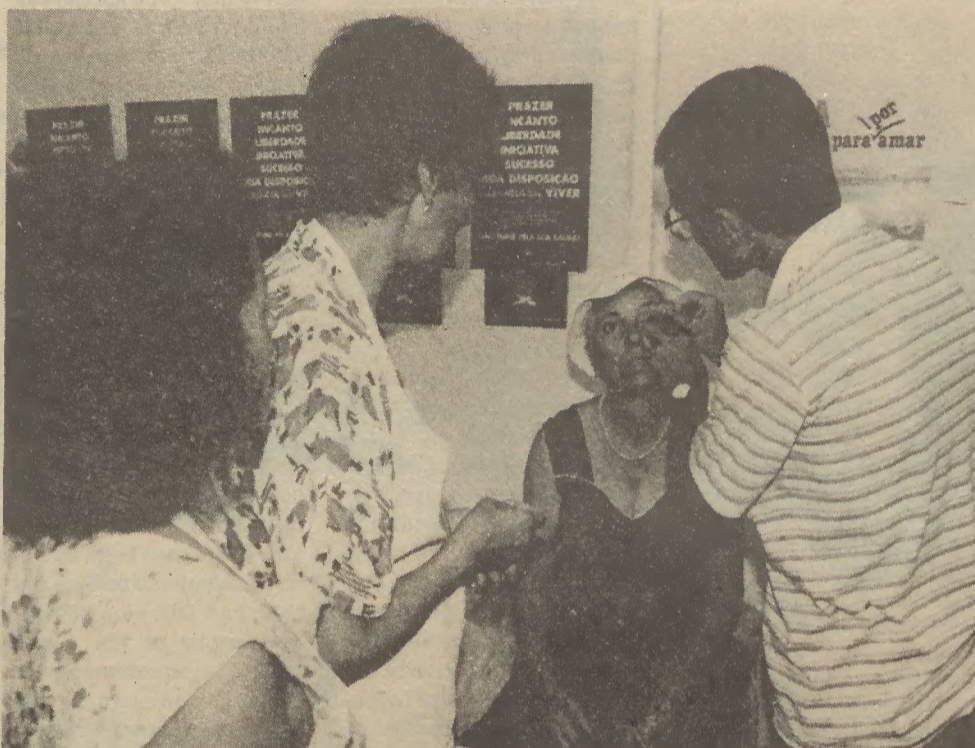
Mais uma vez se demonstrou que o Pavilhão dos reformados não é um lugar restrito, antes um local de convívio entre os que trabalham e os que se aposentaram. Entre os que têm problemas decorrentes da exploração da sua actividade e os que os têm decorrentes da falta de respeito pelo trabalho já cumprido. E os reformados não se retiraram de todo da vida activa. Têm a vontade e o direito de participar. No Pavilhão que expuseram na Festa demonstraram-no mais uma vez, com uma exposição sobre os 70 anos do PCP, sobre as eleições legislativas e a situação social desta vasta camada da população. O Pavilhão dispunha ainda de um bar - ponto de passagem, ponto de paragem.



Multibanco: uma novidade na Festa



Costumam dizer que o seu papel fundamental é tudo fazerem para não serem precisos! São os bombeiros, planificando trabalho para que tudo corra pelo melhor. Como sempre, um contributo determinante para o bom andamento da Festa



Posto médico: os visitantes sabem que, também neste aspecto, tudo é seguro na Festa



Um particular cuidado na informação aos visitantes



"É só para dizer que está tudo bem!"



Onde se demonstra que se comia bem...



Café d'Amizade no Pavilhão Central



Ponto de encontro e informações

CDU apresenta ideias para Lisboa

Ali vivem dois milhões e meio de pessoas. A CDU apresentou as suas propostas para a Área Metropolitana de Lisboa.

As propostas e linhas de intervenção da CDU para os problemas da Área Metropolitana de Lisboa foram motivo para um acto público terça-feira passada ocorrido num hotel da capital com a presença de Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP e cabeça de lista por Lisboa, e Octávio Teixeira, cabeça de lista por Setúbal.

Na reunião, onde se abordaram os complexos problemas que atingem o quadro de vida de dois milhões e meio de portugueses que vivem naqueles dois distritos, estiveram também presentes eleitos autárquicos na região dos partidos que compõem a coligação.

Carlos Carvalhas diria que «a cidade, o viver na cidade, os bairros dormitórios e suburbanos mostram-nos com clareza que não se vive bem sem pão e sem tecto, mas que também não se vive sem ideal ou quando se perde a esperança».

«Na CDU, atribuímos uma importância crescente aos problemas que decorrem no viver na cidade.»

«A população portuguesa é já fortemente urbanizada. Hoje, milhões de portugueses vivem em áreas urbanas significativas. Só à sua conta, a Área Metropolitana de Lisboa abrange dois milhões e meio de habitantes, cerca de 1/4 da população portuguesa.»

«Mas, o Governo PSD/Cavaco Silva, mesmo dispondo de excelentes condições externas e dos enormes meios financeiros vindos da CEE, mostrou-se particularmente insensível aos problemas da Área Metropolitana de Lisboa.»

Crescimento anárquico, desumanização, os mais elevados impostos do País, transportes e circulação, bairros longínquos e cinzentos, insegurança, carência de serviços de saúde e na rede escolar, pobreza e novos pobres foram alguns dos factos referidos por Carvalhas.

O papel das câmaras

Sublinhando o papel das Câmaras Municipais (a CDU detém 11 das 18 que compõem a Área Metropolitana), no entanto limitado pela escassez de meios financeiros e áreas de atribuições, Carlos Carvalhas realçou o papel que o Governo tem e o que deveria ter nesta matéria:

«É da responsabilidade da Administração Central o maior conjunto de omissões que explicam a não inversão, e mesmo o acentuar, da degradação do quadro de vida nesta região.»

«O Governo carrega consigo o ónus de protelamentos sucessivos na construção de vias de circulação fundamentais, na modernização das linhas férreas suburbanas da qual a via de Sintra é o exemplo mais gritante. Uma acção caracterizada pela ausência de uma política habitacional, de resposta à degradação do pa-

trimónio ambiental e florestal.»

«É necessário e oportuno questionar a razão ou razões pelas quais, apesar dos muito difundidos índices de crescimento, se não vêem onde estão os ganhos na qualidade de vida dos mais de 2,5 milhões de habitantes da Área Metropolitana de Lisboa», diria ainda o cabeça de lista por Lisboa da CDU.

Uma nova política

«É necessário cortar com a postura autista do Governo face aos problemas, aos agentes locais, à população, à vida. Permitir um tal comportamento não conduz à solução dos problemas, delapida recursos — humanos e naturais —, está condenado ao insucesso.»

«Correspondente ao elevado sentido de responsabilidade e às responsabilidades decorrentes da sua marcante influência política e eleitoral, a CDU transporta como património uma séria e constante intervenção dos problemas da AML e das necessárias soluções.»

«Tendo desempenhado um papel decisivo no processo que conduziu à aprovação no final da legislatura da lei de criação das Áreas Metropolitanas, o PCP (e a CDU) pronunciaram-se desde já pelo reforço das suas competências, poderes e meios e pela atribuição às Áreas Metropolitanas de uma figura institucional que confira à população o direito de eleição directa dos respectivos órgãos.»

Carlos Carvalhas apresentaria, a seguir, algumas ideias da CDU.

«Uma nova política democrática, que centre no homem e no seu bem-estar a linha condutora de intervenção tem, necessariamente, de assumir como prioritárias as acções, programas e investimentos que transformem uma Área Metropolitana marcada por congestionamento, monocêntrica, com áreas de desenvolvimento desigual e de segregação social num amplo espaço urbano equilibrado, qualificado, sadio. Em suma, adoptar uma intervenção que perspetive um necessário equilíbrio urbano e funcional, um desenvolvimento integrado e harmonioso da AML.»

«Uma intervenção que tenha por objectivo um sistema urbano coeso, poli-cêntrico e complementarmente funcional assente na



requalificação da Península de Setúbal, na desconcentração do terciário e dos grandes equipamentos, na reconversão e modernização do tecido industrial, na requalificação ambiental baseada na consolidação da rede verde regional.»

«Uma intervenção que tenha em vista a implantação de um sistema coerente de infra-estruturas e meios de transporte envolvendo um sistema principal de ligações inter-regionais e internacionais (designadamente um novo IP1 que considere a existência de uma terceira ponte no Carregado) e um sistema regional assente no novo atravessamento rodo-ferroviário que possibilite a implementação de um anel de transporte colectivo de passageiros em comboio especializado que una os centros urbanos das duas margens.»

«Um sistema de infra-estruturas que considere igualmente a construção das circulares regionais a Norte, designadamente da CRIL e do seu prolongamento para leste e do chamado "Anel de Coína" na Península de Setúbal.»

O modelo de Cavaco

Por sua vez, na sua intervenção, Octávio Teixeira diria que o essencial dos grandes problemas que se colocam hoje à Área Metropolitana de Lisboa e às suas populações, é consequência de um modelo de crescimento económico anárquico, concentrado em alguns poucos pólos de fixação industrial, desligado de qualquer ordenamento do território. Por isso gerador de fortes pressões demográficas e de autênticos dormitórios urbanos periféricos que se expandiram ao longo dos eixos viários existentes ou ao sabor da especulação imobiliária, e sem o adequado acompanhamento ao nível dos transportes, dos equipamentos sociais e da preservação do meio ambiente e dos equilíbrios ecológicos.»

O cabeça de lista por Setúbal acusaria o «modelo de crescimento desarticulado que se prolongou com os Governos PSD de Cavaco Silva, e de que é exemplo a OID da Península de Setúbal, divorciada de qualquer perspectiva de desenvolvimento integrado e do necessário ordenamento terri-

torial, como responsável pela situação.

«Para a CDU, urge, por um lado, dar solução aos problemas herdados e não repetir os erros de grandes concentrações industriais e de fraca diversificação da especialização produtiva e, por outro lado, promover o aproveitamento integrado das enormes potencialidades e complementaridades económicas existentes, visando o desenvolvimento harmonioso do tecido produtivo da Área Metropolitana e a redução da margem norte do Tejo em relação à capital», diria Octávio Teixeira que enunciou algumas ideias da CDU:

O desenvolvimento do sistema portuário com base nas complementaridades dos portos de Lisboa e de Setúbal, e não na sua concorrência;

A aceleração do processo de decisão relativa ao novo Aeroporto Internacional de Lisboa, considerando a alternativa da sua instalação em Rio Frio;

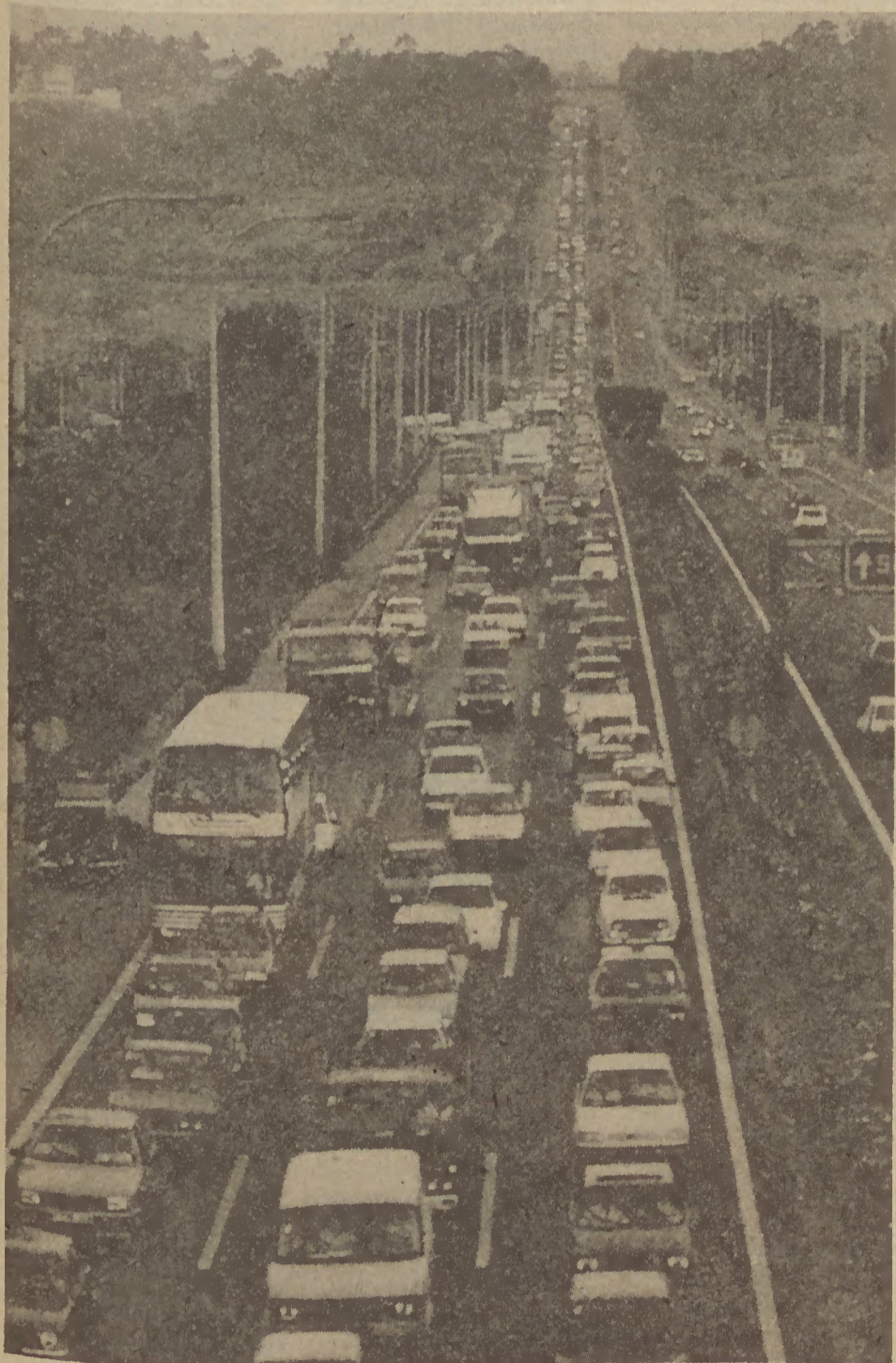
A utilização das infra-estruturas da Base Aérea do Montijo para fins civis, e a sua progressiva desactivação militar;

A desmobilização do Campo de Tiro de Alcochete, face à sua incompatibilidade com o desenvolvimento integrado da Área Metropolitana e com os equilíbrios ecológicos;

A recuperação e preservação da riqueza natural da região, nomeadamente das frentes de praias, dos estuários do Tejo e do Sado e das serras da Arrábida e de Sintra.

«As nossas propostas pressupõem e exigem, na via de uma efectiva descentralização de poderes, o reforço das competências das Áreas Metropolitanas, designadamente no âmbito do desenvolvimento nas suas múltiplas vertentes e dos meios materiais adequados à sua concretização», diria ainda o membro da Comissão Política do PCP, para concluir:

«As propostas que a CDU apresenta e defende — muitas das quais já integradas no Plano Integrado de Desenvolvimento do Distrito de Setúbal elaborado por iniciativa das Autarquias CDU — são fundamentais para o desenvolvimento harmonioso da Área Metropolitana de Lisboa, têm por objectivo central a melhoria da qualidade e das condições de vida das populações que nela vivem e trabalham, e integram-se no nosso projecto global.»



A CDU tem propostas para combater a desumanização da vida urbana, em confronto directo com as consequências da actual política governamental

TRABALHADORES

Professores exigem reunião urgente com o Ministério

Ao acusar o Ministério da Educação (ME) de deliberar «à revelia da vontade dos professores», neste caso quando faz que negocia com os dirigentes da FNE, uma organização «pouco ou nada representativa da classe docente», o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL) repudia essa atitude e exige «a marcação urgente de uma reunião do ME com a Fenprof» (Federação Nacional dos Professores).

Num comunicado de 5 do corrente, o SPGL destaca

que as chamadas «negociações» do ME com a FNE foram feitas «nas costas dos professores».

O mesmo Sindicato sublinha que se mantém para este ano lectivo (1991/92) «os problemas estruturais, a falta de condições de trabalho, a inexistência de incentivos e a sobrelotação das escolas. A prová-lo — acrescenta o SPGL — está a situação no distrito de Setúbal, por exemplo, onde se prevê que em 1991/92 dezoito mil

alunos tenham aulas em escolas sobre lotadas».

Depois de referir «as notícias preocupantes sobre uma eventual alteração no regime de aposentação, baixando para 80 por cento do vencimento as respectivas pensões», a direcção do SPGL sintetiza a actuação do Ministério da Educação desta forma:

«Subalternização da profissão docente; tripudiar sobre os interesses dos professores; postergar as medidas

necessárias a uma eficaz reforma do sistema de ensino e os incentivos imprescindíveis ao empenhamento dos professores».

Entretanto, a Fenprof anunciava a realização de uma análise das condições de abertura do ano lectivo. Numa reunião de dois dias dos secretariados nacionais seria aprovada uma plataforma a apresentar às políticas e ao futuro Governo a sair das eleições de 6 de Outubro para a Assembleia da República.

Contra o encerramento da fábrica Pessoal da Seagate decide parar

Se a administração da Seagate não suspender o processo de despedimento colectivo, que já iniciou com 88 trabalhadores, na perspectiva de encerrar a fábrica de Palmela no pró-

ximo Verão, o pessoal cumpre hoje um período de paralisação de duas horas.

Numa nota de 4 do corrente, os trabalhadores da Seagate Technologie Inc.

Portugal exigem que a direcção da fábrica, além de suspender o despedimento colectivo, promova «negociações efectivas com os órgãos representativos dos trabalhadores».

Várias organizações sindicais, incluindo a UGT, solidarizaram-se com os trabalhadores que pretendem evitar o encerramento da Seagate.

Inspeção Económica sem lei orgânica

A Secretaria de Estado do Comércio Interno, de que depende a Inspeção Económica, continua a não negociar com o Sindicato da Função Pública do Sul e Açores a lei orgânica que deve reconhecer a especificidade das funções dos trabalhadores da respectiva Direcção-Geral.

O Sindicato (STFPESA) acusa o Governo de se limitar a fazer promessas. Um suposto projecto anunciado há seis meses continua a não se concretizar. Em 4 do corrente, o Sindicato acusava o Governo de «falta de transparência» e de não mostrar qualquer abertura no que respeita a negociações.

De acordo com a nota do STFPESA, é necessário que o Governo, através da Secretaria de Estado do Comércio Interno, responda «se sim ou não garante a estabilidade de emprego a todos os trabalhadores» da DGIE (Direcção-Geral de Inspeção Económica) e se serão «retribuídos

em conformidade com as suas especializações e responsabilidades».

De outro modo, o descontentamento dos trabalhadores da DGIE pode levá-los a radicalizar as suas posições no sentido de verem negociada e publicada a lei orgânica da Direcção-Geral.

Registos e Identificação continuam em greve

Ao fim de 40 dias de greve no RPNC e 20 dias no CICC, os trabalhadores da Função Pública do Registo Nacional de Pessoas Colectivas e do Centro de Identifi-

cação Civil e Criminal decidiram permanecer em vigília permanente junto da residência oficial do Primeiro-Ministro «até serem recebidos e verem concretiza-

das as promessas do Governo».

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores,

«esta vigília será de 24 horas sobre 24, até que o Primeiro-Ministro tome consciência da gravidade da situação».

Estão em causa problemas e compromissos relacionados com as carreiras das conservatórias e com as posições do ministro da Justiça, que recentemente adiantou um prazo de 180 dias para regulamentar a integração dos serviços na Direcção-Geral dos Registos e Notariado.

O Sindicato considera esta proposta do ministro um recuo «em toda a linha no que respeita às propostas antes formuladas», em troca de «uma nova proposta inócua e vazia de conteúdo» que não responde a nenhuma das reivindicações dos trabalhadores.

Enfermeiros Ou revisão ou greve

A CNESE, ou seja, a Comissão Negociadora Sindical dos Enfermeiros, afirmou anteontem que só desconvocará a greve de 19 e 20 do corrente, se o Governo aprovar em Conselho de Ministros e enviar para publicação a portaria de revisão da carreira de enfermagem, cujas negociações terminaram em 25 de Julho findo.

A Comissão, formada pelo Sindicato dos Enfermeiros Portugueses e pelo Sindicato dos Enfermeiros da Região Autónoma da Madeira, acusa o Governo de não honrar os compromissos assumidos com os trabalhadores e os seus sindicatos.

Depois de «uma luta árdua — sublinha a CNESE — que implicou a realização de várias manifestações de vontade dos enfermeiros, designadamente uma greve nacional em 7 de Maio passado», o projecto de carreira de enfermagem foi apresentado em Conselho de Ministros, mas não foi aprovado.

A CNESE acrescenta que «fica assim demonstrada a falsidade do Governo que durante quase um ano negociou com os sindicatos representativos dos enfermeiros, estabeleceu consensos que estão descritos em acta e por fim acaba por nada cumprir, querendo que tudo regresse ao ponto zero».

Crise no Ave atinge a borracha

Parada desde Julho, com atrasos no pagamento dos salários, a empresa de produção de pneus CNB/CAMAC deve largos milhares de contos aos seus 650 trabalhadores.

Com sede em Santo Tirso, a empresa não paga salários desde Julho. Segundo a Fequifa (Federação dos Sindicatos da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás), os Trabalhadores foram obrigados a recorrer à greve (seis dias em Maio) e a outras formas de luta, incluindo uma reunião com o ministro da Indústria em 31 de Julho.

De acordo com a mesma organização sindical (Fequifa), nessa reunião com o ministro, «este comprometeu-se a desenvolver diligências no

sentido da resolução do problema, mas até ao momento não se conhece (5 do corrente) qualquer acção positiva do Governo».

Contra a situação que se vive na empresa, os trabalhadores estão dispostos a recorrer à luta novamente, pois a administração recomendou-lhes que prolongassem as férias, «dado que ainda subsistem dificuldades para o reinício da laboração».

Na Mabor, em Lousada, os trabalhadores do departamento de artefactos plásticos têm sido entretanto «pressionados» — acrescenta a Fequifa — no sentido de «rescindirem voluntariamente os seus contratos de trabalho», tendo em vista o encerramento daquele sector da fábrica.

Portline USL contesta despedimentos

A União dos Sindicatos de Lisboa (USL) «contesta a intenção de despedimento de cerca de 150 trabalhadores da empresa armadora Portline, mês e meio após a sua aquisição total pelo sector privado».

Numa nota de 4 do corrente aos órgãos de comunicação social, a USL acrescenta: «Se é deste tipo de privatizações que o Governo se mostra tão orgulhoso, bem podem os trabalhadores portugueses acautelar-se quanto a esta política».

A USL conclui que «foi utilizando todas as facilidades concedidas pela legislação incluída na “pacote laboral” que os empresários viram facilitada a sua tarefa de reduzir os custos de pessoal sem quaisquer obstáculos legais».

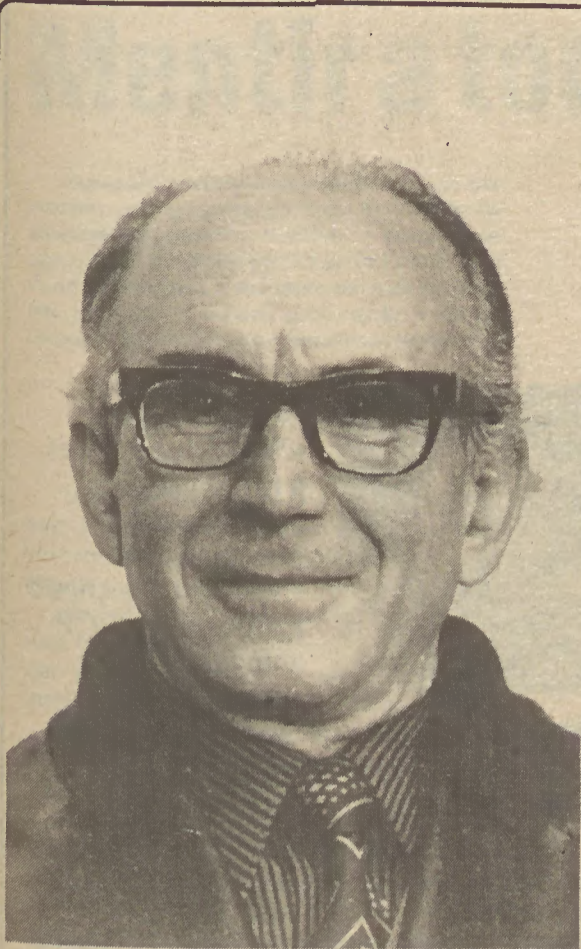
Por último, a USL afirma que «contesta tanto os despedimentos em si como a legislação que os permite, e condena a euforia imbecil que a febre das privatizações provoca».



Há anos que na Função Pública se procura alguma estabilidade e progressão

INTERNACIONAL

Cimeira sobre a URSS marcada para Outubro em Haia



FRANCISCO MIGUEL DAS PRISÕES À LIBERDADE

Texto organizado por
Fernando Correia
Colecção «Resistência»



Na venerável galeria dos heróicos combatentes antifascistas portugueses que durante décadas se opuseram ao regime opressor, é fácil encontrar dezenas de homens e mulheres com longos anos de prisão e vidas inteiras de sacrifício e sofrimento inteiramente consagradas à luta pela libertação do povo e da pátria. Mas difícil é encontrar alguém que, como Francisco Miguel, tanto e durante tanto tempo tenha sofrido e lutado.

Nos primeiros dias de Outono próximo em Haia deverá reunir-se a cimeira europeia extraordinária sobre a URSS.

Fontes diplomáticas referidas pela Lusa admitem a presença de Gorbachov e de Ieltsin.

Da mesma origem chega a informação de que a presidência holandesa da CEE está a tentar reunir a cimeira na quarta-feira, 2 de Outubro, ou no dia seguinte.

De acordo com a mesma agência noticiosa portuguesa, a cimeira tem em vista discutir a ajuda possível à URSS, às Repúblicas bálticas e aos países do Leste da Europa.

Entretanto, em Moscovo, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Boris Pankin, classificava como «puro disparate» os rumores sobre o afastamento de 30 embaixadores soviéticos.

No entanto, segundo a agência Inferfax, Pankin disse que seria aberto um inquérito sobre a actuação do seu Ministério, bem como a das representações soviéticas no estrangeiro.

Ainda segundo a Lusa, a diplomacia soviética vai delegar poderes consideráveis aos Ministérios dos Negócios Estrangeiros das Repúblicas.

A Lusa, que cita o novo titular da pasta dos Estrangeiros da URSS, acrescenta que a União seguirá a linha traçada pelo presidente Gorbachov e pelo antigo ministro Chevardnadze, embora seja necessário corrigir algumas distorções.

Pankin disse aos jornalistas durante o Congresso que essa linha continuará, mas ainda de forma mais vigorosa, e terá em conta as lições decorrentes do golpe de Estado de 19 de Agosto.

Sabia-se entretanto em 3 do corrente que quatro manifestantes e outros tantos polícias tinham ficado feridos em Tbilissi, no seguimento de uma manifestação contra o presidente da Geórgia, Zviad Gamsakhurdia.

Durante a manifestação, a poucas centenas de metros da sede do Governo, algumas pessoas foram atingidas por balas disparadas por comandos especiais do Ministério do Interior da Geórgia, isto segundo os órgãos de comunicação locais.

chov deve manter-se como «símbolo da unidade estatal» da URSS.

Segundo um telex da Lusa, esse símbolo deve permanecer, do ponto de vista de Soltchak, durante «dois-três meses» de transição para uma nova «união de Estados soberanos».

Para o presidente da câmara de Leninegrado, nesse período de transição «não devemos permitir um desmoronamento ulterior do Estado federal» e «devemos» construir novas estruturas de poder, no quadro de uma nova união de Estados soberanos».

Soltchak manifestou-se ainda favorável a um reforço dos poderes centrais da URSS, «a fim de que o

presidente e as estruturas (de poder) da União não se tornem um brinquedo nas mãos das Repúblicas».

Para o presidente do município de Leninegrado, «um conselho de Estado apenas com representantes das Repúblicas não pode ser operacional. É preciso integrar nele representantes das estruturas da União, nomeados pelo presidente, assim como representantes dos partidos políticos de carácter federal, igualmente nomeados pelo presidente, a fim de que nesse conselho figurem representantes do que nos une».

Em declarações proferidas na TV soviética, Soltchak nada adiantou sobre a sua possível candidatura a

uma eventual eleição presidencial soviética, limitando-se a dizer que nem se sabe sequer «se a futura união de Estados soberanos terá o seu presidente».

Ainda no mesmo dia, 2 do corrente, o presidente soviético, Mikhail Gorbachov, garantia que o controlo central das armas nucleares faz parte de um acordo entre as Repúblicas.

Sam Nunn, presidente da comissão das Forças Armadas do Senado norte-americano, que se encontrou com Gorbachov e com outros dirigentes soviéticos, acrescentou que «o Tratado de não proliferação nuclear supõe um controlo central e opõe-se à dispersão dos meios nucleares nos diferentes países».

Tass reforma-se

Reunida em 2 do corrente para debater a sua reforma interna, a agência Tass reconheceu «a necessidade de uma reorganização fundamental».

A direcção colegial da agência demitiu-se.

Segundo a agência Lusa, que cita um comunicado da Tass, a demissão colectiva

surgiu «de acordo com o processo de reforma a favor da liberdade de expressão e da democracia, que exige a renovação dos quadros dirigentes».

O novo directo-geral da Tass é Vitali Ignatenko, antigo porta-voz de Gorbachov, que pediu aos membros do colégio anterior que

permanecessem em funções até ser criada uma nova direcção.

O comunicado da agência Tass termina, segundo a Lusa, afirmando que é necessário mais do que nunca que a sua informação se torne «objectiva, independente e verídica, como deixa esperar a próxima reforma da Agência» (Tass).

África do Sul Futura Constituição em debate

Os debates sobre o que será a futura Constituição do país começaram já de facto na África do Sul, marcados por diferentes perspectivas quanto às formas que irá assumir o poder político. Sobre o pano de fundo de posições coincidentes quanto ao direito universal de voto (para já reservado à minoria branca), saltam as divergências, apostando naturalmente o Partido Nacional em promover um sistema político que preserve de alguma forma o poder branco.

Trata-se, antes do mais, da defesa de uma grande dispersão do poder, que levou mesmo o arcebispo Desmond Tutu a considerar que as propostas constitucionais do partido do poder visam defender os brancos. Na crítica dirigida por Mandela a essas propostas, o dirigente do ANC afirma tratar-se de uma «receita para uma paralisia governamental, planeada para evitar que um governo de maioria tenha qualquer significado».

A existência de uma se-

gunda Câmara, em que cada partido que alcançasse mais do que um determinado nível mínimo de apoio obterá um número de lugares idêntico ao dos outros partidos, é fortemente contestada (na estrutura proposta pelo partido do poder).

Seriam da competência desta segunda Câmara, a aprovação por maioria simples das leis já aprovadas na primeira Câmara, a aprovação por maioria de dois terços de emendas à Constituição e a elaboração de leis sobre os interesses específicos das minorias e regiões.

Mandela considerou que, neste quadro, o ANC, mesmo que dispusesse de 70 por cento dos votos, poderia ficar em minoria na segunda câmara, se se coligassem três partidos com 10% dos votos.

Estes projectos deverão ser apresentados a uma assembleia multipartidária que contará com a presença de diferentes forças sociais.

Entretanto o ANC criticou

também o programa governamental de aplicação de mil milhões de randes em projecto de desenvolvimento socioeconómico, por não se ter baseado em consultas prévias das populações alvo.

Em comunicado divulgado em Joanesburgo, o ANC afirma que o plano constitui uma tentativa unilateral do governo de decidir o que é melhor para o povo e considera que estes fundos irão ser utilizados para fortalecer autoridades locais brancas e negras não representativas.

«Esta atribuição ad-hoc de um bilião de randes evaporar-se-á rapidamente por não ser parte de um processo planeado racionalmente», considera ainda o ANC, «não terá um impacte significativo na crise socioeconómica existente».

Na perspectiva do Congresso Nacional Africano, esta iniciativa deveria ter sido discutida com as comunidades que iria beneficiar, uma vez que isso acresceria a capacidade destas de desenvolverem acções por si mesmas.

que o presidente Gorbat-

Ainda a propósito dos documentos da Comissão Política do Comité Central sobre

Os acontecimentos na URSS

Valerá a pena, apesar da clarificação feita pelo documento do Comité Central, reflectir sobre a campanha anticomunista sustentada pela generalidade dos órgãos de comunicação social.

A «leitura» feita sobre o comunicado da Comissão Política e traduzida em títulos e manchetes do tipo «Direcção do PCP apoia golpistas», releve de interpretações preconcebidas e preconceituosas, «interesseiras», com claros objectivos eleitorais, mas evidencia também um dos traços mais significativos das «mensagens» dos actuais «medias»: a simplificação extrema, o esquematismo, a abordagem redutora. Processos complexos, com passado, presente e futuro, onde se entrelaçam fenómenos contraditórios, desenvolvimentos antagónicos, intervenção e interacção de forças diversificadas, são reduzidas a factos/imagens (televisivas), a clichés e slogans, carregados de emotividade de ver (e ouvir) o acontecer.

A este quadro, já por si susceptível de uma enorme capacidade mistificatória e manipulatória da imagem, do som «em cima do acontecimento», anexam-se uns quantos «comentadores» «neutros»/«objectivos» que explicam o sucedido e interpretam o realismo do «real visto» em directo. À urgência e simplificação na leitura dos acontecimentos junta-se o julgamento a partir de critérios supostos «neutros» e «universais».

Não é, portanto, de estranhar a transformação mediática das apreciações e posições de personalidades, de forças sociais e políticas, como a que foi feita do primeiro documento da Comissão Política do PCP, no preto ou branco, no sim ou não, na linguagem binária do computador omnipotente.

E nada adiantou uma segunda Nota da Comissão Política dizer que se recusava «qualquer interpretação que pretenda reduzir a posição adoptada pelo PCP ao esquema simplista de «apoio/não apoio» às alterações políticas subitamente verificadas na URSS!» Com o mote conhecido a campanha estava lançada.

A complexidade dos fenómenos políticos e sociais, sobretudo quando abordados «a quente», não admite a «neutralidade», a «objectividade pura», os critérios «absolutos» e «desinteressados» do observador, do analista. (Hoje, nem tal se admite como rigoroso, como «científico», para observação e análise dos fenómenos naturais.)

Não podemos assim aceitar que com critérios predeterminados e destinados a influenciar a luta política e social, se ultrapasse ou, pior ainda, se deturpe, o rigor de formulações que procuram estender linhas de enquadramento, interpretações prévias e cautelosas, apreciações políticas e éticas de acontecimentos, sempre inseridos em processos de onde a complexidade não se pode eliminar.

A extensão de muitos documentos do PCP, tanta vez criticada, não resulta da procura de uma escrita retorcida ou barroca, ou do embrulhar das nossas apreciações, objectivos, critérios, em palavras para esconder as nossas claras posições. Mas é, em geral, o resultado de uma busca inteligível e justificativa, de apreciações políticas, não demagógicas, de fenómenos políticos contraditórios, moventes, influenciando-se e influenciando-nos, recusando a leitura preto/branco, positivo/negativo, ou tipo cassette, que os adversários e inimigos do PCP procuram atribuir-nos, sob pressão dos seus interesses partidários ou da cegueira do anticomunismo militante.

É o resultado de não abdicarmos dos nossos critérios políticos, das nossas referências ideológicas, do nosso «espírito de classe», nem aceitarmos ser submergidos em pretensos critérios universais, que igualam a apreciação e valoração de Bush e do imperialismo à dos sociais-democratas, que fazem convergir a (uma certa) esquerda e a direita no centro, no meio, «onde está a virtude».

Nada disto pretende negar a necessidade de posições simples, claras e objectivas no posicionamento das forças político-sociais face a tudo o que toca a vida do homem e das sociedades humanas.

Há que reconhecer que, não poucas vezes, a propaganda anticomunista «enclausurou» e reduziu posições e propostas do PCP a imagens simplificadas, «esquemáticas», óbvias, «evidentes», confundidas com as palavras de ordem gritadas em acções de massas, obtendo assim êxito na batalha ideológica contra nós. Esvaziadas as posições, os conceitos da sua complexidade intrínseca, cortados os nexos que asseguram a sua inteligibilidade, transformados em palavras ocas de conteúdo político e social, fácil se torna dar-lhes o golpe mortal.

Poder-se-iam citar múltiplos exemplos. Referir-nos-emos a alguns «casos» nacionais e internacionais de maior impacto político.

Não vamos referir os «casos» em que é manifesta a falta de dignidade profissional ou onde se verificaram processos inqualificáveis. Casos como o da transcrição incompleta da Nota da Comissão Política. Casos de atoardas e mentiras divulgadas, de que são exemplos significativos as totalmente falsas notícias, ou melhor, as puras invenções do tipo «Na noite de terça-feira, bastantes militantes, entre os quais figuras de prestígio, acorreram à sede nacional da Soeiro Pereira Gomes, em Lisboa. Um minicomício nasceu. O mal-estar era visível. Viam-se mesmo algumas lágrimas. A discussão foi agitada.» (1)

As abordagens simplistas, deformadas, distorcidas, feitas por alguma comunicação social, de temas como a Reforma Agrária, as nacionalizações, a «perestroika», ou de questões como a invasão do Panamá ou da guerra do Golfo, nada têm a ver com a profundidade, globalidade e coerência (face aos nossos critérios) das análises e posições do PCP.

Há muito que o PCP distingue e propõe, face à reconhecida diferença de estruturas agrárias a Norte e a Sul do Tejo (excepção do Algarve), projectos de «reforma agrária» diferentes. (2)

No entanto, toda uma virulenta campanha anticomunista assentou na tese simplista e falsificada de «Reforma Agrária igual a expropriação de terras, igual a roubo de terras aos pequenos e médios agricultores». É evidente, como ressalta com toda a clareza dos textos do PCP sobre o assunto, que tal posicionamento é completamente estranho à tese profunda e sólida do PCP «a terra a quem a trabalha», e a liquidação do latifúndio, e é uma manipulação redutora da estrutura e desenvolvimento da posição do PCP sobre a Questão Agrária.

Também a proposta do Programa do PCP para a Revolução Democrática e Nacional, «Liquidar o poder dos monopólios» (3), concretizada pela Revolução de Abril com as nacionalizações e hoje defendida com o conseqüente combate às privatizações, foi transformada na tese da estatização total e absoluta da economia portuguesa, como pretensão objectiva do PCP. Assim se ilude e mistifica que o crescer das intervenções estatais em sectores e empresas do sector não monopolista corresponderam a conseqüências indirectas do complexo processo das nacionalizações e da efectiva resistência e sabotagem de capitalistas portugueses à Revolução de Abril.

Da «técnica» do esvaziamento de conceitos e deformação de formulações (que inicialmente tinham um conteúdo de rigor e objectividade) até à sua reversão e transformação no contrário, é exemplo impressionante a «perestroika». De renovação do socialismo passou a «recriação» do capitalismo. De «revolução» transfigurou-se em «contra-revolução». Confundindo «perestroika» com a imposição liberticida e antidemocrática de proibir aos trabalhadores o intervirem e agir política e sindicalmente nas empresas, fácil é dizer que o PCP não está com a «perestroika». Se fomos e somos, com «entusiasmo revolucionário», pela «perestroika», é porque não a identificávamos com a liquidação do socialismo, a desagregação da URSS, a proibição e desmantelamento do PCUS.

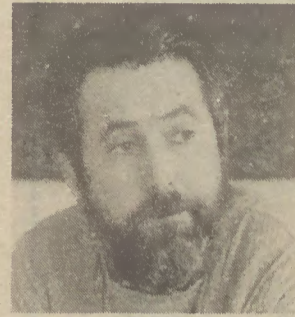
São, no entanto, particularmente significativos de processos mistificatórios empenhados ideologicamente em dar cobertura e credibilidade às posições, provocações e intervenções imperialistas, a «brutal» cobertura noticiosa da guerra do Golfo, a «apagada» informação sobre a invasão do Panamá, ou a monstruosa mentira sobre o «massacre» de Timizoara (em que parece que só a RTP continua sem retratar-se).

Nestes processos, alegre e convictamente reproduzidos nos principais órgãos de comunicação social portugueses como caixas de ressonância das cadeias multinacionais dos «médias», tudo se juntou à simplificação redutora e manipuladora. À autocensura, a censura imposta e não denunciada. À mentira despidorada, a meia verdade. À «emoção» do fragor e luminosidade dos «scuds» e dos «patriots», dos rostos guerreiros, das sofisticadas tecnologias, a ausência da contabilidade objectiva dos milhares e milhares de mortos e feridos.

Sabe-se que morreram rigorosamente 3 cidadãos em Moscovo. Quem sabe das 5 mil vítimas dos bombardeamentos USA no Panamá? Dos 100 mil mortos no Iraque?

A invasão de um país soberano, o Panamá, o rapto e aprisionamento do seu Presidente da República, foram transformados numa acção de polícia internacional contra a droga e detenção de um chefe do narcotráfico para julgamento.

Na guerra do Golfo, toda uma encenação, com a colaboração de bem pensantes da esquerda, fez da agressão impe-



AGOSTINHO LOPES

Membro da Comissão Política

«Não poucas vezes, a propaganda anticomunista «enclausurou» e reduziu posições e propostas do PCP a imagens simplificadas, «esquemáticas», «óbvias», «evidentes»»

rialista uma acção necessária, justa, ética e conforme o direito internacional.

Como foi escrito com toda a propriedade «Pelo recurso aos mitos e às analogias históricas, a guerra do Golfo acabou por desaparecer na sua realidade. Ela tornou-se num outro conflito: uma segunda guerra mundial». (4)

Saddam foi identificado com Hitler. Os críticos da intervenção militar dos EUA insultados como «muniquenses». A coligação de forças militares anti-Iraque apelidada de «Forças aliadas».

Todos viram e ouviram os comentários sobre o rosto tumefacto do avião americano abatido sobre o Iraque. «Foi então dito e repetido que o piloto tinha «manifestamente» sido torturado». Poucos sabem das suas declarações, esclarecendo que foi ele próprio, «na esperança de que os iraquianos não ousariam filmá-lo num tal estado físico:

«Eu bati com o nariz e o rosto (de encontro ao muro) com tanta força quanta pude». «Sobre uma imagem verdadeira, um comentário falso alimentou a propaganda guerreira». (5)

Verdade seja dita e honra lhes seja feita, «84% dos jornalistas consideram ter sido «manipulados» durante a guerra do Golfo» (6).

Hoje, face aos graves acontecimentos registados na URSS, será uma invenção do PCP «a poderosa e multiforme ofensiva política e ideológica que o imperialismo e as forças defensoras do capitalismo estão a desenvolver com o objectivo de fazer repercutir esses acontecimentos contra a luta emancipadora dos trabalhadores e dos povos à escala universal e, em Portugal, designadamente contra o PCP.»? (7)

Só se nos esquecermos que «cerca de 90% da produção de bens e de serviços de informação» pertencem aos EUA, à CEE e ao Japão. Que «das 300 primeiras empresas mundiais de informação e comunicação, 144 são norte-americanas, 80 oeste europeias e 49 japonesas. Que das 75 primeiras empresas de «medias», 30 são americanas, 25 oeste-europeias e 8 japonesas. Que das 88 primeiras empresas de informática e telecomunicações, 39 são americanas, 19 oeste-europeias e 7 japonesas. Que das 158 primeiras empresas de equipamentos, 75 são americanas, 36 oeste-europeias e 33 japonesas». (8)

É um último apontamento que vale a demonstração de que não foi a Nota da Comissão Política que fez a «campanha», mas a «campanha» que fez a «Nota». Porque, sem desvalorizar ou subestimar em nada a necessidade de formulações rigorosas e precisas, precavendo a utilização abusiva e de má-fé, como foi sublinhado na Resolução do Comité Central, o que é certo, é que posições bem diversas, do PCP, do PCF e do PCE deram origem a campanhas semelhantes, em Portugal como em França e na Espanha, com os mesmos objectivos, as mesmas direcções de ataque, os mesmos temas e até, em muitos casos, com as mesmíssimas frases.

(1) Jornal «Público», de 22 de Agosto 1991

(2) Álvaro Cunhal, em «Ritmo à Vitória», 1964 - «Dada a grande diferenciação regional quanto à divisão da propriedade, pode quase dizer-se que em Portugal se impõe a realização não de uma Reforma Agrária, mas de duas reformas agrárias, uma nas zonas de grande propriedade, outra nas zonas de pequena propriedade...»

(3) Programa do PCP, aprovado no VI Congresso, 1965

(4) Pierre Guislain, «Le spectacle de la propagande», Le Monde Diplomatique - Maio de 1991

(5) Citações de Claude Julien, em «Amère victoire», Le Monde Diplomatique - Agosto de 1991, referindo que a confissão do piloto foi citada do International Herald Tribune, de 12 de Junho de 1991

(6) Referido por Ignacio Ramonet, em «L'ère du soupçon», Le Monde Diplomatique - Maio de 1991

(7) Resolução do Comité Central do PCP, 29 de Agosto de 1991

(8) Dados referidos por Jacques Decornoy em «Aux ordres du Nord, l'ordre de l'information», Le Monde Diplomatique - Maio de 1991

Mentir a todos ao mesmo tempo

A. Villaverde Cabral

As pessoas são muito mais primitivas do que imaginamos. A propaganda, portanto, deve ser fundamentalmente primitiva e insistente. A prazo só consegue influir na opinião pública quem é capaz de reduzir os problemas à sua expressão mais simples e tem a coragem necessária para repetir a fórmula simplista, por muito que desagrade aos intelectuais.

JOSEPH GOEBBELS
in Diário, entrada de 29 de Janeiro de 1942

Dizer que o domínio dos meios de comunicação de massa desempenha hoje um papel importantíssimo na vida social e política, nos hábitos e gostos das pessoas, é repetir o que já se sabe, o óbvio ululante.

Ninguém tem dúvidas a esse respeito. Daí que haja uma luta sempre mais acesa pela conquista de posições que permitam orientar a opinião pública no sentido mais conveniente para quem detém o meio.

Não se pretende aqui fazer um ensaio sobre o assunto, mas apenas lembrar um ou outro facto que ilustre o que atrás se afirma.

Os novos meios técnicos ao dispor da comunicação são de tal forma poderosos e rápidos que se tornou possível fazer campanhas planetárias, em simultâneo, visando criar uma ideia, um ambiente. Talvez esta capacidade tenha surgido com as campanhas publicitárias, aquelas que elogiam um novo modelo de automóvel, ou um dentífrico, ou uma água de colónia, com as mesmas palavras, ao mesmo tempo, em toda a parte.

É assim que, na Lapónia ou na Patagónia, em Los Angeles ou em N'Jamena, as pessoas são levadas a ver e entender exactamente da mesma forma um acontecimento que ocorra em Pequim, em Londres ou em Manágua.

Se o leitor se der ao trabalho de verificar, verá, por exemplo, que o movimento de estudantes que há dois anos se manifestou em Pequim é, sempre e desde então, descrito como o «movimento estudantil pró-democracia».

Ainda que não haja forças organizadas visíveis, mas apenas caudilhos, a oposição ao socialismo na URSS é

sempre — na Lapónia, na Patagónia e também na Sibéria e em Moscovo — designada por «forças democráticas». Os seus caudilhos são sempre «reformadores», «reformadores radicais», a «esquerda». Quanto aos que se colocam aparentemente na posição de defesa das transformações socialistas, da defesa de um projecto alternativo ao capitalismo, esses são sempre «conservadores».

Calcula-se hoje que tenham morrido menos de cem pessoas durante os acontecimentos que levaram ao fuzilamento de Ceausescu e de sua mulher. Contudo, sem apresentação de qualquer prova, o mundo — todo o mundo — foi levado a crer que eram dezenas de milhares de mortos aqueles que jaziam pelas ruas das cidades romenas. (Tornou-se célebre a burla de Timisoara.)

Há ideias que precisam de ser repetidas insistentemente porque é permanente ou pelo menos duradoura a necessidade de travar um combate. Os que defendem o socialismo vão continuar a ser chamados de «conservadores» ainda durante muito tempo.

Mas há também as impressões que não precisam de ser duradouras. É apenas importante que ganhem as massas durante o tempo necessário.

Ou seja, na propaganda-informação também há as doenças crónicas e as agudas.

Sobre as segundas, o que se passou e passa à volta do Iraque é verdadeiramente paradigmático.

Centenas de milhões de pessoas com uma vaguésima ideia do que fosse o Iraque e desconhecendo tudo sobre os seus governantes, foram levadas a pensar que o Iraque era uma grande potência militar e o seu dirigente máximo um «novo Hitler».

Na dialéctica de toda a propaganda é necessário encontrar sempre um adversário, um inimigo. Saddam Hussein foi, assim, em escassas semanas, transformado no inimigo público número um de toda a humanidade. Num curtíssimo espaço de tempo, a avalanche propagandística abateu-se sobre toda a gente. A tal ponto o Iraque era poderoso e o seu chefe perigoso que a guerra devastadora lançada contra o povo do Iraque se tornou coisa irresistível e justa aos olhos de centenas de mi-

lhões de pessoas, da Lapónia à Patagónia, de Los Angeles a N'Jamena.

Depois, depois foi o silêncio. Saddam Hussein, o velho amigo de tempos bem próximos, continuou à frente dos destinos do Iraque, apesar da esmagadora derrota dos seus exércitos e de parte do país estar virtualmente ocupada por tropas das potências vencedoras.

A expressão «novo Hitler» desapareceu dos noticiários. A campanha anti-Saddam desvaneceu-se ou foi drasticamente reduzida.

Nestas últimas semanas, voltaram a surgir alguns ataques a Saddam, afirmando que ele mentia quanto às instalações nucleares. Não foram apresentadas quaisquer provas, apenas se repetiu que do Iraque chegam mentiras. Mas nada garante que Saddam venha a ser despedido do cargo de presidente. Aparentemente, Washington ainda não descobriu ninguém que sirva tão bem como Saddam Hussein os interesses do império decadente, mas ainda muito poderoso.

FRASES

Qualquer propagandista sabe que, sendo possível, se deve calar a concorrência. Se não se souber o que ele diz, mais fácil se torna transformar a nossa mensagem em verdade incontrovertida.

É por isso que durante a guerra do Golfo — momento que permitiu a concentração quase total das armas da propaganda-informação — se não ouviu quase falar das manifestações que, por todo o mundo, se realizaram alertando para os perigos de guerra.

E não se pode dizer que eram falhos de imaginação os que se manifestaram.

Vejam-se só algumas das frases inscritas em faixas e cartazes de manifestações, contra a guerra, nos Estados Unidos:

«Nova Ordem Mundial é a mesma velha manança», «Nixon voltou», «George, percebiste ao contrário: o aborto é cirúrgico, a guerra é crime», «Tipo de morte: super, normal, sem chumbo», «Orgasmos múltiplos, não ogivas múltiplas».

Estórias alentejanas

■ Miguel Urbano Rodrigues

O eco do vendaval soviético na aldeia de São Luís

Voltei a Odemira na semana em que Boris Ieltsin proibiu as actividades do PCUS, ilegalizando-o. Os comunistas começavam a ser perseguidos em Moscovo, Leninegrado e outras cidades.

Desta vez andei por aldeias do concelho, vilarejos esquecidos onde a vida dos moradores é marcada por um ritmo e um estilo que muitos habitantes das grandes cidades têm alguma dificuldade em imaginar.

Fui convidado a falar em São Luís sobre os últimos acontecimentos internacionais. A iniciativa partiu de apoiantes locais da CDU. O convívio decorreu na clareira de uma mata de sobreiros e eucaliptos, lugar belíssimo, sobranceiro à aldeia de São Luís (700 habitantes numa freguesia de 2500), encastada numa várzea verde comprimida entre colinas arborizadas.

Dos cem participantes os comunistas eram a metade, os outros gente democrática sem partido. Enquanto se preparava o almoço, já havia na comprida mesa pão, sardinhas e azeitonas. Petiscámos juntos, provando o bom vinho de São Luís, e, no diálogo que se estabeleceu, os grandes acontecimentos do mundo apareceram logo misturados com as questões próprias do quotidiano da freguesia.

O José Carolino Silvestre, rendeiro de 120 hectares, tem uma vacada Limousin de raça apurada. O Aurélio vive sobretudo do seu rebanho de ovelhas; sem terra, compra pastagens. O Camacho andou 13 anos pelo mundo, em navios da Armada, até que a saudade o fez regressar à aldeia. Muitos outros cujos rostos recordo mas de quem a memória não guardou os nomes, entraram na conversa quando esta se generalizou.

Na grande roda de alentejanos um denominador comum: o olhar progressista sobre a vida. Choveram críticas à política agrícola do Governo, ao seu desprezo pelos pequenos agricultores, à sobranceria e ignorância com que ministros e secretários de Estado, no carrossel

de propaganda, se pronunciavam sobre as coisas do campo.

Foi um daqueles almoços lentos que duram até ao entardecer e nos quais o tempero de conversa dá gosto à comida. Entre a sopa de carne e o frango de churrasco falou-se muito dos acontecimentos internacionais que abalam o mundo. O tema estava na consciência de cada um dos presentes.

Na opinião dos argutos analistas dos nossos semanários, o povo das aldeias nada entenda do que se passa além-fronteiras, nem se interessa por esses assuntos. Engano. A política, tal como as aldeias a concebem, é inseparável da vida.

No almoço de São Luís todo aquele pessoal demonstrou acompanhar com muito interesse os acontecimentos da URSS. Eles não fixam nomes, nem datas, não pensam a história a partir dos factos do dia e dos comentários da RTP da qual desconfiam. Mas não permanecem indiferentes. Formam o seu juízo, tomam posição, sobretudo em função de atitudes éticas e de princípios e valores inseparáveis da coerência dos homens.

O ruir do socialismo no país onde nasceu não suscita ali alegria, mas apreensão e tristeza. Quando comentei a atitude de Boris Ieltsin, sentado diante da antiga bandeira dos czares, a anunciar, triunfante, a ilegalização do Partido Comunista e a ocupação das suas sedes e o confisco dos bens — muitos dos presentes, emocionados, expressaram a sua indignação.

«É um sem-vergonha esse filho de uma magana!» — desabafou em aparte um reformado. — Qual democrata qual coisa nenhuma!»

Um proprietário, que durante anos andou pela França como trabalhador emigrante, deitou também para fora o que lhe ia dentro. Sentado ao meu lado, disse: «Quando vejo na televisão aqueles portugueses que ontem eram comunistas e agora atacam o PCP porque ele não aplaude as reformas do Ieltsin apetece-

-me telefonar para a RTP e perguntar-lhes que reformas, afinal, são essas tão boas e democráticas? A nova bandeira, a proibição do partido, a destruição da economia socialista? O que falta a essa gente é antes de mais vergonha.»

Vergonha foi, aliás, uma das palavras que mais se ouviu no convívio de São Luís.

O José Barbancho, presidente da Junta de Freguesia e dinamizador do almoço, era dos mais comovidos.

«Foi bom ter-se aqui falado de tudo sem rodeios nem medos. É preciso ir ao encontro do que as pessoas têm no coração e as preocupa. Muito mais importante do que o programa é nestes dias responder ao que cada um traz dentro de si, desfazer mentiras, mostrar confiança nas nossas ideias, no socialismo...»

São Luís não constitui excepção. Por todo o lado nas aldeias de Odemira onde estive senti que o eleitorado da CDU — maioritário no concelho — espera que lhe falem com naturalidade, sem atitudes defensivas, do que está a passar-se na União Soviética. A campanha contra o PCP, desencadeada a nível nacional, não atingiu o seu objectivo eleitoral.

Em Vale de Santiago era dia da feira anual da aldeia.

Foi reconfortante ouvir do Joaquim Maurício, presidente da Junta de Freguesia, a opinião de que «o cavaquismo pouco vai levar daqui. A população voltará mais uma vez pela CDU.»

Estávamos conversando em roda, com um petisco improvisado em cima de um tampo de madeira, quando aquele gigante de cabelos brancos e ar juvenil explodiu: «Quanto a esses senhores que alugaram um cinema de Lisboa para dizer mal do PCP sempre gostaria de lhes perguntar como querem eles que se possa ter respeito por esse tal Ieltsin que toda a vida se disse comunista e agora elogia o capitalismo e mete os comunistas na cadeia...»

PONTOS CARDEAIS

Gazetilha

Bons Financeiros!

Falcão e Cunha: as finanças estão lá no PSD com bom sinal. Olha a admiração! Eu sempre queria ver a situação se eles pagassem o Telegjornal...

Propaganda

Revistas. Jornais. Cada qual mais. Charla, entrevista basto humanista pontos de vista todos prontos todos fontos. Em todo o lado, lá se vê o chefe do PSD.

Até o Borda d'Água não se fica: aos «nabos» uma página dedicada...

São de Agios

Houve uma sondagem com o PSD caído. Logo outra dava outra imagem mais um final mais colorido

Dá-te a sondagem pouca bagagem?... Sai outra já que mais te dá...

Queres sondagem de cinco estrelas? Puxa da nota. E é vê-las...

Como? Nicar.

Governo vai dar mais atenção alargar a via da tecnologia da comunicação.

Mais vasos comunicantes. Mais flores aos parlantes. «Comunicar! Comunicar!» o slogan a usar pelos rapazes capatazes dos rinocerantes.

De tanto comunicar Cavaco está a ficar sorridente-mente estável: comunicantemente incomunicável...

Uma certa paisagem

Há quem mergulhe no cianeto a bilha. Há quem junto dos tolos se aconselha. Tomando a honradez por «estar com a telha» há quem vê nisso grande maravilha...

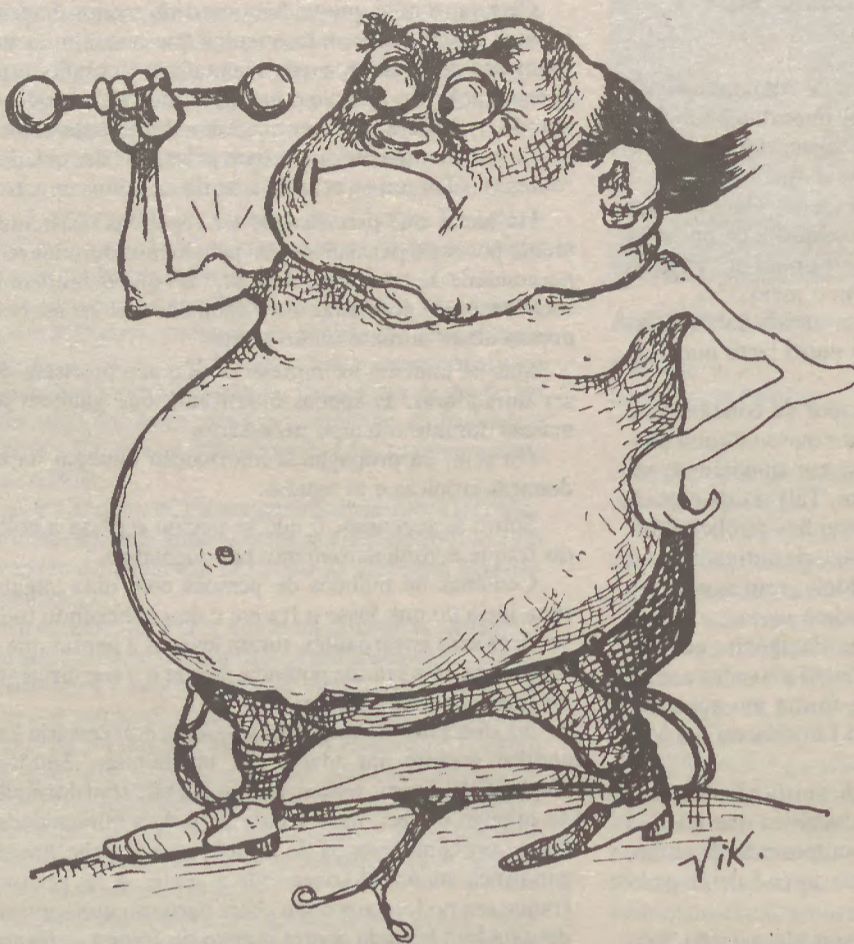
Há quem dá montaria, sela e cilha. Ouvi até dizer que sou azelha porque vejo a manhã nascer vermelha em vez de a ver com outra mascarilha.

Há quem na água da noite é que se molha pensando que futuro já tem rolha e já não há mais ideal que valha.

Às ofertas de milho um pombo arrulha. A vida mostra: quem mais se abandulha mais na folha da quilha se abandalha.

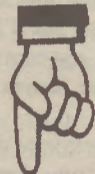
■ IGNOTUS SUM

Incrível!



Independência sim...

O parlamento da República Soviética do Tadjiquistão proclamou no princípio da semana a independência da União. Com uma superfície de 143 000 km², o Tadjiquistão - uma das cinco Repúblicas soviéticas da Ásia Central - tem cerca de cinco milhões de habitantes na sua maioria (55%) tadjiques, 20% de uzbeques, 12% de russos e ainda ucranianos, quirízes e turcoménios. No passado dia 31 de Agosto o presidente tadjique, Kakhhar Makhamov, fora afastado por uma moção de censura do parlamento «por não ter tomado publicamente posição contra o golpe de Estado de Moscovo». Entretanto em Fevereiro de 1990 a capital do Tadjiquistão, Duchambé, já fora palco de sangrentas violências durante um surto de manifestações organizadas pela chamada «oposição», o Partido Democrático e a Renascença Islâmica. Refira-se que se trata da 11ª República soviética a declarar a independência.



... Independência não

O ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Fernando Ordoñez, ameaçou no *El País* que uma hipotética independência do País Basco e da Catalunha provocaria a sua «saída» da CEE e da NATO, classificando de «eleitoralistas» as declarações de responsáveis de partidos nacionalistas bascos e catalães sobre a independência das suas regiões ou o reconhecimento do direito à autodeterminação, declarações que se multiplicaram desde o reconhecimento da independência dos Bálticos. Tal acto seria «um salto no vazio à margem de toda a opção europeia», sublinhou o ministro espanhol, que parece ignorar o que o próprio general de Gaulle descobriu ainda nos anos 60: de que a Europa vai do Atlântico aos Urais...

Prisão perpétua

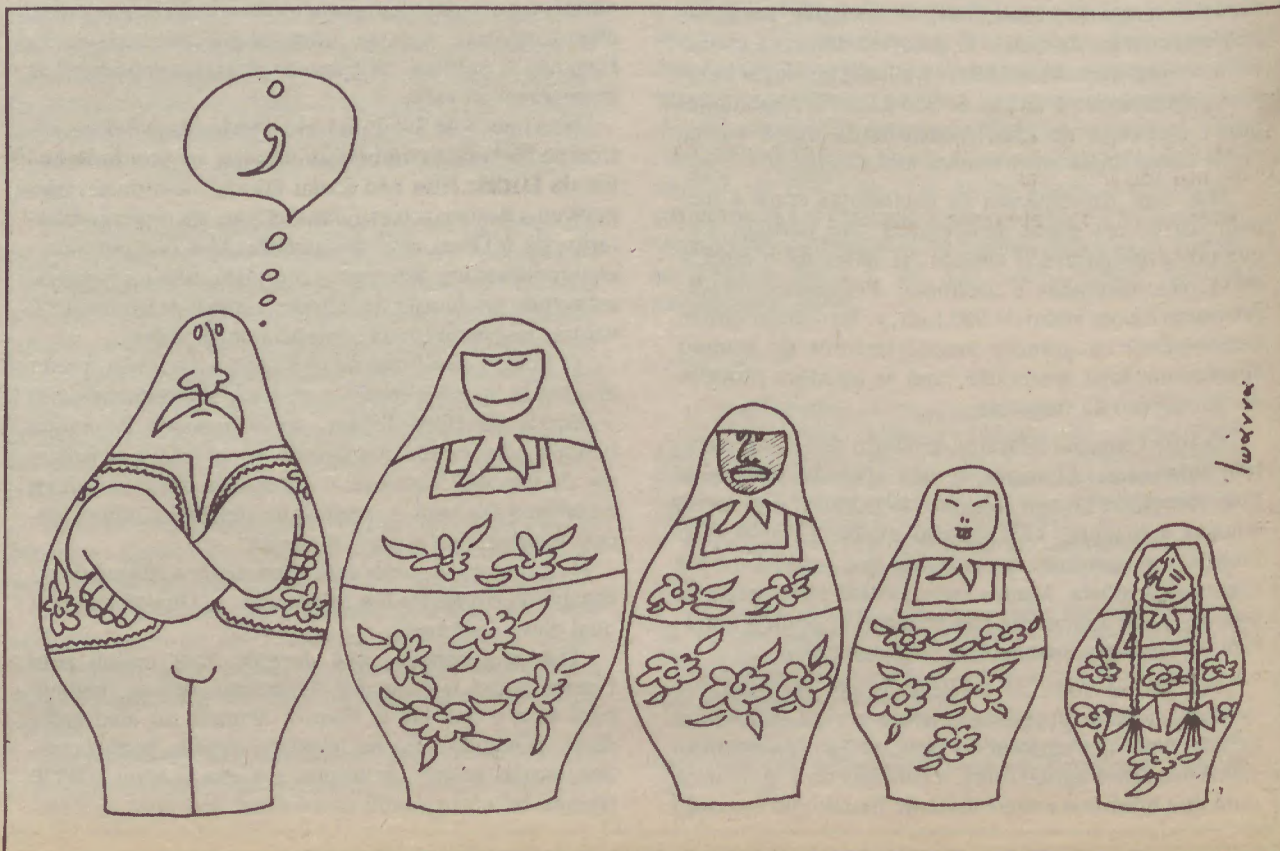
O poeta Park Ki-Pyong, da Coreia do Sul, foi na passada segunda-feira condenado a prisão perpétua por um tribunal de Seul, sob a acusação de haver formado um partido político que apela para a luta de classes. Supõe-se que a judiciosa decisão - exemplar no que concerne aos Direitos do Homem - assenta na conhecida inexistência de classes na célebre democracia instalada pelos EUA na Coreia do Sul.

Esperanças

Albarran (Artur) responde a entrevista de «O Jornal»: «- Que lugar vai escolher para as suas férias? «- Algures, no Extremo Oriente. «- Porquê? «- Pela mesma razão que gostaria de ser agricultor na Austrália.»

O Zé Tózinho

A «Olá Semanário» informa: «Para os seus 18 anos, Joana Reymão Nogueira convidou um grupo de amigos para a casa dos seus pais, na Quinta da Marinha. «Todos se divertiram muito, até o Zé Tózinho que desta vez não estava vestido de Sporting.» Foi lindo.



Quinta-feira, 12

Álvaro Cunhal em Évora - 17.30, **Praça do Giraldo** e inauguração da sede da CDU; 19.00, no Bairro da **Malagueira**, convívio com sócios e dirigentes de cooperativas de habitação e com a população; 20.00, nas **Piscinas**, jantar-convívio com candidatos e apoiantes da CDU.

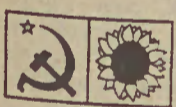
Sexta-feira, 13

Álvaro Cunhal em Viana do Castelo - às 18 horas está na capital do distrito; 18.40, **Caminha**, Praça Conselheiro Silva Torres; 19.00, junto à JF de **Vilar de Mouros**; 20.15, jantar na Sociedade de Instrução e Recreio Vilarmourense.

Lisboa - Às 21 horas, no CT Vitória, tem lugar um **plenário** de militantes do Partido da **zona Norte** de Lisboa, com a participação do camarada António Abreu, para discussão da situação política e do trabalho eleitoral. Prosseguem as **Noites do Vitória**, a partir das 21 horas; desta vez, com a presença de António Dias Lourenço, vai estar em foco a **Festa do «Avantel!»**; também haverá, como é hábito, música ao vivo.

Sábado, 14

Álvaro Cunhal no Vale do Ave - 10.15, **Pevidém**, no Largo Francisco Inácio; 11.00, **Gondar**, nos bairros sociais; 12.00, **Serzedelo**, no lugar do Calvário; 13.00, almoço-convívio no Parque do Quinteiro, **Oliveira S. Mateus**; 15.30, encontro na JF de **Riba D'Ave** com sindicalistas e trabalhadores têxteis; 17.00, no jardim público de **Vizela**; 19.00, jantar-convívio na escola primária de **Fremiz** (Moreira de Cónegos).
As **21.30** o secretário-geral do PCP participa num comício no jardim público de **Guimarães**.



Tempos de Antena

Durante a campanha eleitoral, todos os partidos e coligações concorrentes dispõem, na televisão e na rádio, de tempos de antena, atribuídos por sorteio, ao abrigo da lei.

RTP

Os tempos de antena da RTP vão para o ar a seguir ao **Telejornal**. Na grelha de atribuição de tempo, a CDU participa nos seguintes dias:

domingo, **15** de Setembro; quinta-feira, **19**; domingo, **22**; quinta-feira, **26**; domingo, **29** e quinta-feira, **4** de Outubro.

RDP

Na rede nacional da RDP (**Antena Um** e **Rádio Comercial**) o horário dos tempos de antena é das 19 às 20.30 horas. A CDU intervém nos dias **16, 17, 19, 20, 21, 24, 26, 27** e **29** de Setembro, e **1, 3** e **4** de Outubro.

RR

Na Rádio Renascença a campanha eleitoral é transmitida, no **Canal I**, das 21 às 22 horas e das 4 às 4.30, e na **RFM**, das 20 às 21 e das 3 às 3.30. Os tempos de antena da CDU são transmitidos nos dias **15, 16, 18, 21, 24, 26** e **29** de Setembro e **2** e **3** de Outubro.

Agenda



Carlos Carvalho em Viseu - 10.00, na feira de **Nelas**; 13.00, **picnic** CDU nas **Termas de S. Pedro do Sul** (Parque das Merendas); 16.00, festa popular no jardim das Termas.

Espinho, 21.30

Comício-festa no salão da Piscina Solário Atlântico, com **Carlos Carvalho**, José Amaro (cabeça-de-lista da CDU no distrito de Aveiro) e André Martins (do CN do PEV).

Loures - Apoiantes e candidatos da CDU concentram-se às **9 horas** na Quinta do Infantado para uma caravana automóvel.

Domingo, 15

Álvaro Cunhal no Porto - 10.30, no largo principal de **Lustosa**; 11.15, **Roriz**, junto ao café do sr. Mendes; 12.30, almoço-convívio na discoteca La Conga, **Vilarinho**; 16.00, comício no Porto.

São Paio de Oleiros, 10 horas

Carlos Carvalho, José Amaro, André Martins e Carlos Marques (do Secretariado da CN da UDP) têm encontro marcado com a população no Parque da Sr^a da Saúde. De seguida, visitam o centro da vila e partem em caravana pelas freguesias.



Porto

16.00 horas, Praça da

Liberdade

Comício de abertura da campanha eleitoral da CDU, com **Álvaro Cunhal**, **Carlos Carvalho**, **Luís Sá**, **Raul Castro**, **Carlos Marques**, **Alberto Andrade** e **André Martins**.



Caravanas em Lisboa - no distrito de Lisboa várias caravanas automóveis vão assinalar o início da campanha da CDU. Estão marcadas concentrações de candidatos e apoiantes da coligação para o **Campo das Cebolas** (14.30), **Avenida de Ceuta**, junto à ex-Comissão de Moradores (14.30), **Campo Pequeno** (às 15 e às 17 horas) Parque Central da **Amadora** (14.30), Praça D. Manuel I, em **Algés** (15.00).

Segunda-feira, 16

Mulheres CDU no Vitória - com a participação de **Carlos Carvalho**, as mulheres apoiantes da CDU no distrito de Lisboa realizam um convívio no terraço do CT Vitória, às 18.30.

Santa Iria da Azóia, 21.45

Comício na Sociedade 1^a de Agosto, com **Carlos Carvalho**.

Terça-feira, 17

Álvaro Cunhal em Setúbal - 19.30, jantar-convívio no restaurante «O Pescador», **Montijo**. Igualmente com **Octávio Teixeira** (cabeça-de-lista) e outros candidatos, participa às 21.30 no **comício** no Ginásio Atlético Clube da **Baixa da Banheira**.

Carlos Carvalho em Vila Franca de Xira - 17.00, encontro com membros de ORTs na **Sociedade Euterpe Alhandrense**; 18.00, encontro com reformados no jardim Soeiro Pereira Gomes, **Alhandra**; 21.30, **comício-festa** no largo do Mercado, **Alverca**.

Quarta-feira, 18

Álvaro Cunhal em Alfama - 19.30, jantar-convívio no «Adicense»; 21.45, comício nas escadinhas de S. Miguel. **Carlos Carvalho** participa em iniciativas no distrito de **Santarém**.

Televisão

Quinta, 12

Canal 1

09.00 Ilhas Afortunadas
09.35 Rua Sésamo
10.05 Eurosul
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.00 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.15 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Delxem-nos Viver
14.00 O Império de Carson
14.55 Reféns do Paraíso
15.50 O As da Polícia
16.15 Brinca Brincando
17.45 Em Português nos Entendemos
19.00 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
21.00 Desenhos Animados
21.10 Sassá Mutema
22.05 Eternos Novatos
22.35 Os Indiferentes
00.15 Crônicas do Sobrenatural
00.45 24 Horas
01.05 Remate
01.15 Mar a Mar

Canal 2

12.00 Notícias
12.05 A Força Astral
12.30 Curso de Inglês
2.45 Jerry Lewis Show
13.40 Filhos e Filhas
4.00 Jornal das Duas
4.30 Agora Escolha!
5.50 Campeonato do Mundo de Ginástica Artística
6.15 O Homem da Carabina
6.40 Recreio do 2
17.20 A Vida é Dura
18.00 Clip-Club
18.55 Direto de Amar
19.45 Via Rápida
19.55 Homem Rico, Homem Pobre
20.50 Nome de Rua
21.00 Jornal das Nove
21.30 Dramazine
22.00 Campeonato da Europa de Voleibol
23.00 Sou um Fugitivo (ver «Filmes na TV»)

Sexta, 13

Canal 1

09.00 Ilhas Afortunadas
09.35 Rua Sésamo
10.05 Globo Ciência
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo
11.00 Lá em Casa Tudo Bem
11.30 Cover Story
12.00 Culinária
12.15 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 A Descoberta do Mundo
14.00 O Império de Carson
14.55 Alma Ta Flka
16.00 Reféns do Paraíso
16.50 O As da Polícia
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
21.00 Desenhos Animados
21.10 Sassá Mutema
22.05 New York, New York (ver «Filmes na TV»)
00.05 24 Horas
00.10 Remate
01.25 A Grande Mentira

Canal 2

12.00 Notícias
12.05 Unlverso Juvenil
12.30 Curso de Inglês
12.45 O Caminho das Estrelas II
13.30 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora Escolha!
15.50 Campeonato do Mundo de Patinagem Artística
16.50 Recreio do 2
17.20 Burlescos
18.00 Clip-Club
18.55 Direto de Amar
19.45 Via Rápida
20.00 Nunca Mais é Sábado
21.00 Jornal das Nove
21.30 Super Drumming
22.30 Rotações
23.30 Derrick

00.35 Roseanne
00.55 Campeonato da Europa de Voleibol

Sábado, 14

Canal 1

09.00 À Mão de Semear
09.25 Canal Jovem
13.00 Notícias
13.15 Cover Story
13.40 Febre em Beverly Hills
14.40 The World Music Awards (II)
15.40 Desenhos Animados
15.50 O Aventureiro de Cincinnati (ver «Filmes na TV»)
17.30 T & T
17.35 Wild South (II)
18.45 Os Mistérios do Padre Dowling
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
21.30 Amor à Primeira Vista
22.00 Casa Chela
22.30 Perseguição no Deserto
23.55 Pelle, o Conquistador (ver «Filmes na TV»)

Canal 2

09.00 Unlversidade Aberta
10.10 Circo
11.10 Erar os Deuses Astronantant
12.00 Primeiro Jornal
12.05 Mozart em Digressão
13.05 Agarra o 2
14.10 O Senhor das Moscas (ver «Filmes na TV»)
16.00 Estádio
18.30 Jornal Fim-de-Semana
19.00 Outras Músicas
21.00 Estádio
23.30 No Ardor do Dia
00.25 Corrida de Touros
02.15 O Tempo

Domingo, 15

Canal 1

09.00 Canal Jovem
11.30 Missa
12.30 70 x 7
13.00 Notícias
13.15 Os Jovens Cowboys
14.10 National Geographic
15.00 Mapa Cor de Rock
15.50 Desenhos Animados
16.10 Horizontes Desconhecidos (ver «Filmes na TV»)
18.00 Mistura Fina
18.55 McGyver
21.30 A Programação Próxima do Canal 1
22.10 Kananga do Japão
23.25 Domingo Desportivo

Canal 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 Fora de Horas
10.30 Regiões Magazine
11.20 Agarra o 2
13.00 Troféu
18.00 Circo
18.20 Vida Nova
19.15 Bastidores da Casa Branca
20.05 Concerto - Anabela Duarte
21.00 Nôs 2
22.00 Artes e Letras - Retrato de William Golding (II)
22.50 O Enigma da Caixa de Música (ver «Filmes na TV»)
00.30 Tauromaquia

Segunda, 16

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.30 Rua Sésamo
10.05 Bom Dia
10.30 Ricardina e Marta
11.05 Blom Dia
11.40 Jogo de Cartas
12.05 Culinária
12.20 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Paragem no Tempo
14.00 Brinca Brincando
14.35 Primeira Matinée
16.05 Tu Cá, Tu Lá
17.10 Brinca Brincando
18.10 Riviera
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.05 Campanha Eleitoral
21.00 Sassá Mutema
22.00 Vamos Jogar no Totobola

14.00 Brinca Brincando
14.35 Primeira Matinée
16.30 Ponto por Ponto
17.10 Brinca Brincando
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.05 Campanha Eleitoral
21.00 Sassá Mutema
22.00 Jogos Sem Fronteiras
23.40 Praia da China
00.35 24 Horas
01.10 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.30 Curso de Inglês
12.45 Boby McFerrin
13.40 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
15.30 Expedição
16.00 Especial Desporto
17.00 Expedição
18.00 Clip-Club
18.30 Eterno Feminino
19.30 Dramazine
19.55 Homem Rico, Homem Pobre
21.00 Jornal das Nove
21.35 Falar Claro
22.30 Ópera - Um Lugar Calmo

Terça, 17

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.30 Rua Sésamo
10.05 Bom Dia
10.30 Ricardina e Marta
11.05 Blom Dia
11.40 Jogo de Cartas
12.05 Culinária
12.20 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Lugares de Troca
14.00 Brinca Brincando
14.35 Primeira Matinée
16.15 Ponto por Ponto
17.10 Brinca Brincando
18.10 Riviera
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.05 Campanha Eleitoral
21.00 Sassá Mutema
22.00 O Polvo 5
23.40 Primeira Página
00.30 Carol e Companhia
01.00 24 Horas
01.30 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 2020 - Polícia em Acção
12.30 Curso de Alemão
12.55 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
14.40 Jornal das Duas
15.30 Recreio do 2
16.30 Frikadelle-Taglatelle
17.00 Férias Aquáticas
22.25 Sinais do Tempo
23.35 Um Rosto na Sombra
00.30 Especial Desporto

Quarta, 18

Canal 1

07.30 Bom Dia
09.30 Rua Sésamo
10.05 Bom Dia
10.30 Ricardina e Marta
11.05 Blom Dia
11.40 Jogo de Cartas
12.05 Culinária
12.20 Final Feliz
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Paragem no Tempo
14.00 Brinca Brincando
14.35 Primeira Matinée
16.05 Tu Cá, Tu Lá
17.10 Brinca Brincando
18.10 Riviera
18.40 Roda da Sorte
19.30 Telejornal
20.05 Campanha Eleitoral
21.00 Sassá Mutema
22.00 Vamos Jogar no Totobola

Filmes na TV



New York, New York

22.15 Wall Street (Ver «Filmes na TV»)
00.35 24 Horas
01.10 Remate

Canal 2

12.00 Primeiro Jornal
12.05 2020 - Polícia em Acção
12.30 Curso de Alemão
12.55 Filhos e Filhas
14.00 Jornal das Duas
14.30 Agora, Escolha!
14.40 Jornal das Duas
15.30 Recreio do 2
16.30 Frikadelle-Taglatelle
17.00 Férias Aquáticas
22.25 Sinais do Tempo
23.35 Um Rosto na Sombra
00.30 Especial Desporto

Sou um Fugitivo

«They Made Me a Fugitive» (GBR/1947). Realização de Alberto Cavalcanti, interpretação de Sally Gray, Trevor Howard, Griffith Jones. P/B, 100 minutos.

Último dos filmes de Alberto Cavalcanti programado pelo «Cineclubes» da RTP... No ciclo que lhe foi dedicado e que tem vindo a decorrer à quinta-feira, «Sou um Fugitivo» é um emocionante thriller... baseado num romance de Noel Langley... sobre um ex-soldado que se envolve com um bando de marginais operando no florentino mercado negro da Inglaterra do pós-Guerra...

New York, New York

«New York, New York» (EUA/1977). Realização de Martin Scorsese. Música de Ralph Burns, John Kander, Sid Garris, Sy Oliver, George Bassman, Ned Washington, etc. Interpretação de Liza Minelli, Robert De Niro. Cor, 147 minutos.

Da filmografia de Scorsese «New York, New York» é por muitos considerado a obra maior. Um olhar rigoroso mas sentido e afectuoso sobre uma época de crise e transição... para os homens, para a música e para o próprio cinema...

CINEMA

Table with 5 columns: Letter (A-E), Title, and Rating (stars). A - La Dolce Vita (5 stars); B - O Silêncio dos Inocentes (5 stars); C - Robin Hood (2 stars); D - Texasville (5 stars); E - Estão Todos Bem (2 stars).

Classificação de ★ a ★★★★★

- A - Real. Frederico Fellini - King Triple/1 (15.00, 18.15, 21.30) - Lisboa.
B - Real. Jonathan Demme - Alfa Club (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00). Amoreiras/3 (14.00, 16.30, 18.45, 19.15, 21.45). Condes (16.30, 19.00, 21.30). Las Vegas/2 (15.30, 18.45, 21.45). Mundial/3 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45). Quarteto/1 (14.30, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00). Star (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) - Lisboa.
C - Real. Kevin Reynolds - Alfa/3 (13.30, 16.15, 19.00, 21.45, 00.30). Amoreiras/2 (13.45, 16.30, 19.00, 21.45, 00.30). Cine Portela/Estudio Anusha (15.30, 21.30). Fonte Nova/2 (14.15, 17.15, 21.15). Mundial/2 (13.30, 16.15, 19.00, 21.45). Quarteto/4 (14.15, 17.00, 20.00, 22.30). S. Jorge/3 (15.15, 18.15, 21.15) - Lisboa.
D - Real. Peter Bogdanovich - Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) - Lisboa.
E - Real. Giuseppe Tomatore - Quarteto/3 (14.30, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00) - Lisboa.

TEATRO

CHAPITÔ

R. Costa do Castelo, 7. Tel. 878225. De 4ª a sáb. às 21.30. MANDRAKE, espectáculo coordenado por Fernando Gomes, pelos alunos da Escola do Chapitô.

MÃE D'ÁGUA

Espladana da Mãe d'Água, Jardim de Amoreiras. O TAVERTER, de Gildas Bourdet, interpretação de Paulo Matos, Vitor Emanuel, Paula Guedes, Teresa Roby.

TEATRO DA COMUNA

Pç. de Espanha. Tel. 7260818. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16. JOANA QUE... texto e encenação de José Carretas, interpretação de Teresa Faria, Luís Tomar, Leonor Alcácer.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Rosário. Tel. 3472246. De 3ª a sáb. às 20.30, dom. às 16. PASSA POR MIM NO ROSSIO, texto e encenação de Filipe La Féria.

TEATRO DO SÉCULO

Rua do Século, 41. Tel. 3428278. De 3ª a sáb. às 22, dom. às 18. POR TUDO E POR NADA, de Nathalie Sarraute, encenação Diogo Dória, interpretação Diogo Dória e Carlos Gomes, entre outros (até 15/9).

VOZ DO OPERÁRIO

Rua da Voz do Operário, 13. Tel. 862155. De 2ª a sáb. às 21.30. SANGUE NO PESCOÇO DO GATO, de R.W. Fassbinder, encenação de José António Pires (até 15/9)



O Bando das Quatro

Murray e Charlton Heston - e uma estrela da época, Donna Reed.

Domingo, 16.10, Canal 1

O Bando das Quatro

«La Bande des Quatre» (França/1989). Realização de Jacques Rivette. Interpretação de Inês de Medeiros, Bulle Ogier. Cor, 160 minutos.

Terça, 22.00, Canal 2

O Enigma da Caixa de Música

«Music Box» (EUA/1989). Realização de Costa-Gravas. Interpretação de Jessica Lange, Armin Mueller-Stahl, Frederic Forrest. Cor, 121 minutos.

Resultado de uma das incursões de Costa-Gravas pelo cinema americano, «Music Box» é mais uma vez (à semelhança de «A Confissão» ou «Estado de Sítio») aquilo a que se pode chamar um thriller de cariz político, ou seja, um policial de suspense que parte de uma situação politicamente pertinente.

Esta vez a intriga desenvolve-se em torno das relações entre uma rapariga, advogada, e o seu pai, acusado de ser um nazi húngaro que se refugiou na América, onde fez de tempo todo os mais diversos cineastas, de Dreyer a Polanski. Bille August, então desconhecido, concretiza-o; porém, por dificuldades orçamentais acaba por ter que se limitar à primeira parte da obra, que descreve a infância de Pelle - e o resultado é um belo poema sobre a relação de sobrevivência, amor, protecção e complicitade entre um homem gasto pela vida e o seu filho de 12 anos, portador do futuro.

Domingo, 22.50, Canal 2

Sábado, 23.55, Canal 1

Horizontes Desconhecidos

«The Far Horizons» (EUA/1955). Realização de Rudolph Mate. Interpretação de Fred MacMurray, Charlton Heston, Donna Reed, Barbara Hale. Cor, 110 minutos.

«Horizontes Desconhecidos» reconstitui-se (sem grande rigor histórico, diga-se) a acidentada expedição de Merriwether Lewis e William Clark pelo território de Louisiana vendido por Napoleão aos Estados Unidos e que se converteria no 18º Estado da União. É um western um pouco excessivamente carregado de pormenores do «romance» entre Clark e uma bela índia, mas ainda assim fiel às tradições deste tipo de filmes, com dois actores carismáticos - Fred Mac-

O Senhor das Moscas

«Lord of the Flies» (GBR/1963). Realização de Peter Brook. Interpretação de James Aubrey, Tom Chaplin, Hugh Edwards. P/B, 88 minutos.

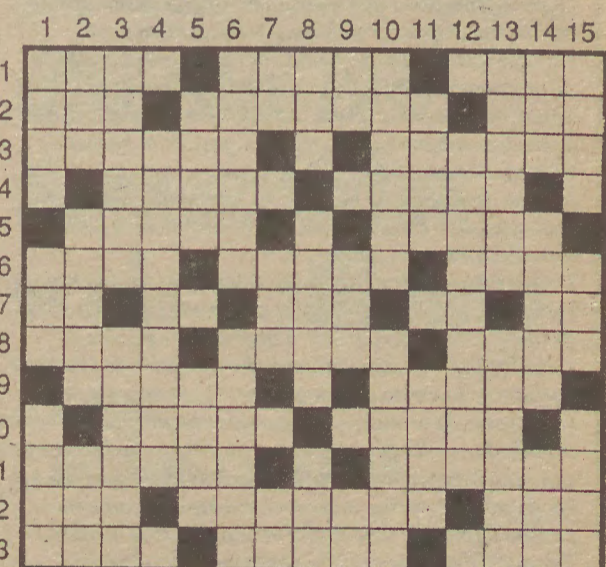
Adaptação ao cinema de um romance de William Golding por Peter Brook, o célebre encenador, que também assina a realização, «O Senhor das Moscas» recria a bizarra situação de um grupo de

Tempo

Sábado e domingo

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco. Nebulinas e nevoeiros matinais.

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1 — Botequim; vaso de asas; muito escuro; 2 — estava; dera opinião; aqui está; 3 — doença que faz cair o cabelo; nome de homem; 4 — fruto silvestre; une-se; 5 — ama apaixonadamente; última letra do alfabeto grego; 6 — lago salgado da Turquia; espancar; mau dançarino; 7 — prof. de neg.; Gálio (simb.); troças; interj. de admiração; nota mus.; 8 — cura; tareias; únicas; 9 — aredores; calor forte; 10 — espaços entre montanhas; usuras; 11 — previne; logradouro público; 12 — oferecer; dívidas; altar; 13 — dar as; fitas; pegas de chávenas.

Verticais: 1 — Tronco de videira; gritos de dor; afável; 2 — unidade de superfície; equipar; sai; 3 — notável; torna a virar. 4 — com mossas (pl.); 5 — perfume; remoinho de água (pl); 6 — maravilhas; oscilam; 7 — nota mus.; rezo; letra grega; 8 — nome de mulher; advertência; doar; 9 — cont. prep. e art.; membro das aves; Rádio (simb.); 10 — palestinar; cabo algarvio; 11 — acolia; cursos de água; 12 — com grandes orelhas (pl.); 13 — abjura; pron. poss. fem. (pl.); 14 — aqui estão; aparelho; fúria; 15 — costumes; fim dos Manueis; filtrar.

Solução do número anterior

Horizontais: 1 — Par; canoas; tela, 2 — atas; raro; ouvir; 3 — ralos; vé; ar; aro; 4 — acomete; trazi; am. 5 — más; re; arolas; 6 — or; camelos; não; 7 — sacos; Lia; agita; 8 — mós; ovarina; oni; 9 — troar; medo; 10 — ar; amo; 10 — al; rias; magal; 11 — dar; do; se; abona; 12 — opina, cede; arar; 13 — Sara; carolo; asa.

Verticais: 1 — Páramos; fados; 2 — atacaram; lapa; 3 — ralos; com; rir; 4 — som; coser; Na.; 5 — serás; Aida; 6 — ar; tem; Orão; 7 — nave; Elvas; c4; 8 — ore; aliam; ser; 9 — ao; troar; medo; 10 — aros; ida; el; 11 — oral; anota; 12 — tu; zanga; aba; 13 — Eva; sai; agora; 14 — lira; otomanas; 15 — aroma; amolara.



Quarta, 14.35, Canal 1

Hitchcock

ÚLTIMAS

a talhe de FOICE

A escolha

Pelos indícios disponíveis nas últimas semanas, vai haver de tudo um pouco na campanha eleitoral que aí está quase à porta. Sobretudo a manipulação e uma larga sementeira de ilusões, que já dão o tom da intervenção das numerosas formações políticas concorrentes e que marcam o estilo de muitos órgãos de informação cuja preocupação fundamental é perpetuar em o poder do PSD e diminuir o «perigo» do comunismo que fazem os possíveis por apresentar como se de um cadáver se tratasse.

Não vamos aqui falar de todos os treze partidos e organizações concorrentes - com este número quem irá ter azar nas eleições em que muitos querem ver apenas um jogo onde o povo perde? Não nos deteremos nos partidelhos que ressuscitam para confusão de cada vez menos gente, nem nas novas formações, como o PSN que procura mostrar como as eleições não valem de nada e que se devia dar aos pobrezinhos o dinheiro gasto em cartazes. A propósito, a quem darão eles o dinheiro que não gastam em cartazes?

A respeito destes treze, já a televisão mostrou o bastante para se saber alguma coisa da postura de quase todos e da postura que a RTP vai adoptar - gordas reportagens sobre o PSD governamental, manipulação escandalosa sobre a CDU, atenção desmedida à chusma de partidelhos, alguns deles concorrendo para mostrar à família que também podem ser heróis de telenovela.

Curiosamente, a maior parte daqueles que podem vir a ter algum peso nos resultados do próximo 6 de Outubro, pelos argumentos que apresentam ou pelas promessas que fazem e pelas acções que desenvolvem, mostram mais a vontade de permanecer no poder, ou de a ele aceder, do que propriamente um projecto credível de mudança política que permita aos trabalhadores e ao povo viver melhor e mais dignamente, em liberdade e em justiça.

A vacuidade das propostas é mais que muita. E a insegurança também.

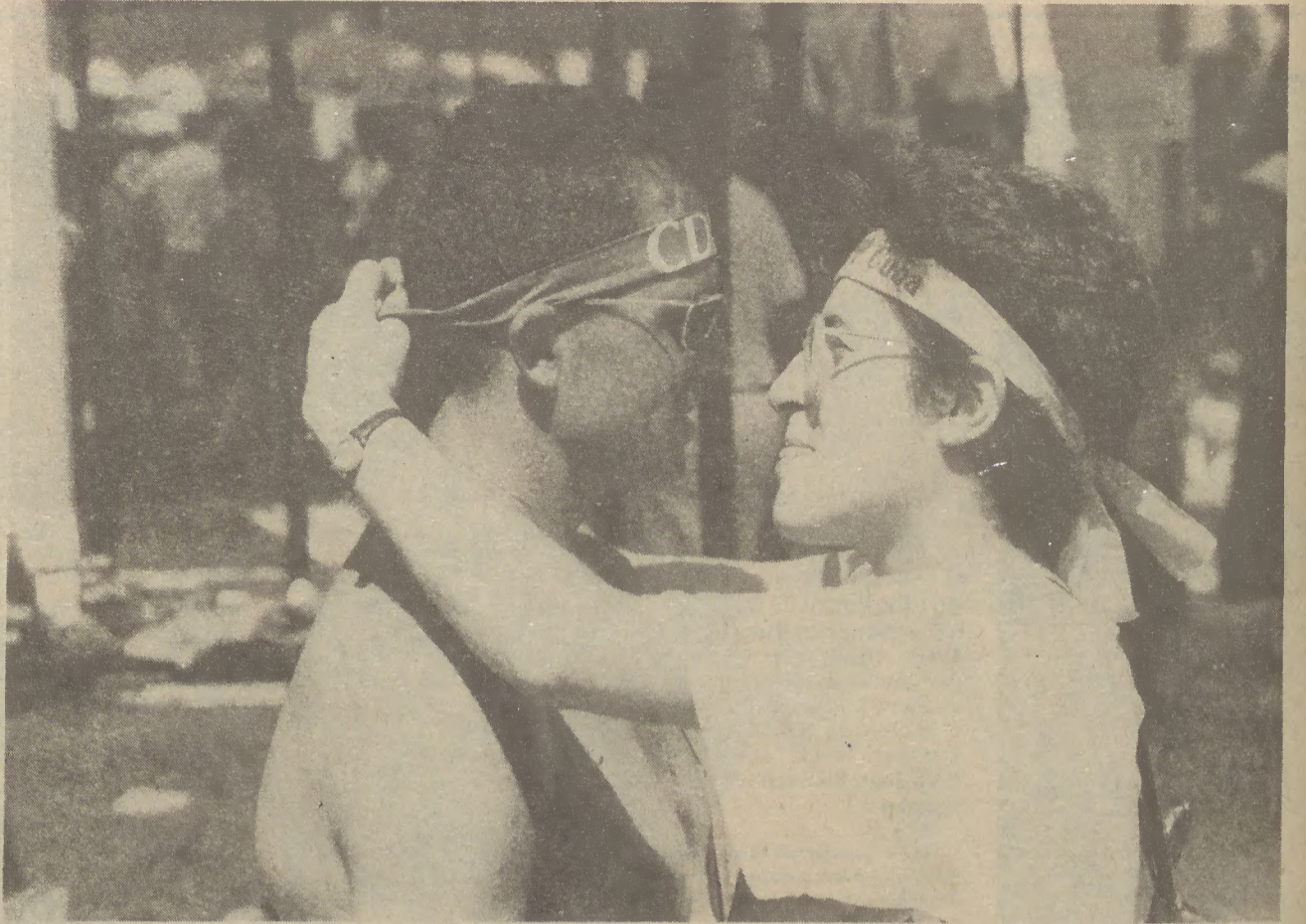
O PSD promete continuar a obra, a que chama de «sucesso». Uma obra que tem conduzido ao desmantelamento das empresas públicas, à concentração da riqueza que é resultado do trabalho de todos nas mãos de uns poucos, cavando os alicerces de novos monopólios, relegando para a miséria largas faixas da população, aumentando o emprego precário, barrando o caminho às oportunidades de estudo e de trabalho aos jovens, agravando a política de saúde e de habitação, submetendo o País aos ditames económicos e políticos dos aliados estrangeiros.

No entanto, e apesar do escandaloso processo «inauguracionista», que tem levado a aberrantes «conclusões» de obras à boca das urnas, à abertura de pontes e estradas todas acabadinhas de fresco antes de Outubro, apesar de meter na gaveta projectos gravosos a fazer sair depois de Outubro, apesar dos cheques beneméritos distribuídos pelos ministros em profusão e pelo que mais se seguirá durante a campanha, o PSD sente-se inseguro. Depois de encher a boca com a maioria absoluta, passou a falar de uma maioria clara e, aqui há dias, Cavaco Silva já se referia a uma maioria «frágil»... Quanto ao Partido Socialista, a sua estratégia é pouco clara. Lança a ilusão da «maioria absoluta», critica o Governo, desfecha «ultimatos» ao PCP, mas o seu passado recente de alianças com a direita não garante nem uma política alternativa nem com quem a querem ou podem realizar.

Não falando do PRD, que, apesar de considerar que mesmo sem um deputado já terá uma vitória, e cuja vontade de «charneirar» uma qualquer maioria e de ser o «cão da quinta» da «família PS/PSD» deixa ver o quanto lhe importa que a política mude ou fique na mesma.

A mesma atitude revela o CDS, disposto a aliar-se a quem quer que seja para se sentar em S. Bento. Resta-nos, pois, a CDU. Que tem princípios, projectos, obra realizada em diversos planos da vida nacional. E que, atenta aos problemas nacionais e às aspirações populares, não quer servir de muleta à política de ninguém. Mas se dispõe, com os seus deputados eleitos em 6 de Outubro, a contribuir para mudar a vida, em continuar o trabalho por um Portugal melhor. Uma coligação que, na sua diversidade e na sua unidade, se apresenta forte e confiante. Como se pôde ver na Festa do «Avante!», a festa do PCP, arranque para uma campanha no fim da qual muitos saberão já que podem votar na CDU com toda a confiança.

LM



"Convictos dos nossos ideais, sabemos que vale a pena lutar e onde os nossos adversários sonhavam encontrar-nos tolhidos por dificuldades e crispções e envolver-nos - e àqueles que em nós confiam - nas malhas da Indiferença, do desânimo e das claudicações..."



... vieram encontrar-nos nesta Festa do «Avante!» e irão encontrar-nos na campanha eleitoral, dinâmicos, sólidos, combativos, tolerantes, abertos para a vida e para o mundo, voltados para o futuro, capazes de uma visão rasgada e inovadora da sociedade..."



... destacados protagonistas de indefectível compromisso com a liberdade e a democracia e de um incomparável empenhamento em defesa do nosso povo e da nossa Pátria."